

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUCILÉA FERREIRA LOPES GONÇALVES

**ENTRE SOTAQUES, BRILHOS E FITAS: TECENDO GEOGRAFICIDADES POR
MEIO DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA**

CURITIBA

2016

LUCILÉA FERREIRA LOPES GONÇALVES

**ENTRE SOTAQUES, BRILHOS E FITAS: TECENDO GEOGRAFICIDADES POR
MEIO DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção
do grau de Doutora em Geografia, no Curso de Pós-
Graduação em Geografia Setor Ciências da Terra da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Doutora Salete Kozel Teixeira

CURITIBA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Gonçalves, Luciléa Ferreira Lopes

G635 Entre sotaques, brilhos e fitas: tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba/Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves. __ Curitiba, 2016.
213f.:il.

Orientadora: . Salete Kozel Teixeira

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Curso de Pós-Graduação em Geografia.

1. Boi. 2. Brincantes 3. Geograficidades. 4. São Luís – Cururupu -Maranhão I. Salete Kozel Teixeira. II. Universidade Federal do Paraná

CDD 911.3:398.3 (812.1)



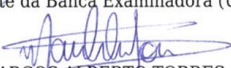
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS DA TERRA
Programa de Pós Graduação em GEOGRAFIA
Código CAPES: 40001016035P1

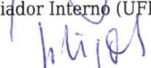
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LUCILEA FERREIRA LOPES GONCALVES**, intitulada: "**ENTRE SOTAQUES, BRILHOS E FITAS: TECENDO GEOGRAFICIDADES POR MEIO DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA.**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

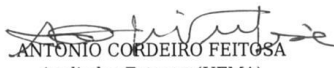
Curitiba, 03 de Novembro de 2016.


SALETE KOZEL TEIXEIRA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARCOS ALBERTO TORRES
Avaliador Interno (UFPR)


ROBERTO FILIZOLA
Avaliador Externo (UFPR)


SYLVIO FAUSTO GIL FILHO
Avaliador Interno (UFPR)


ANTÔNIO CORDEIRO FEITOSA
Avaliador Externo (UFMA)

À minha mãe, Laura, ao meu pai Antônio (*in
memorian*). Amores eternos.

Aos meus filhos Sarah, João Paulo e Marcos,
razão da minha vida.

Ao meu querido marido Domingos

Aos meus irmãos, João, Lucirene, João Carlos,
Roberto, Lúcia e Fernando.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Salete Kozel, minha orientadora, pela competência, incentivo, pela amizade, acompanhamento no campo, por todo cuidado com o meu bem estar em Curitiba para eu não sentir falta do Maranhão.

Aos meus filhos, Sarah, João Paulo e Marcos André, por toda a compreensão, incentivo e confiança que me permitiram seguir em frente.

Ao meu querido marido Domingos Bandeira, pela constante presença, críticas e sugestões, mas, sobretudo, por todo cuidado e amor.

À minha mãe Laura querida, por sua alegria contagiante, pelo cuidado, amor, incentivo e confiança.

Aos meus irmãos João de Deus, João Carlos, Roberto e Fernando, pelo apoio em me acompanhar no campo em Cururupu e São Luís.

À minha irmã Lucirene, pelas leituras e acompanhamento no campo em Cururupu.

À família Pestana, Ezequias, minha irmã Lúcia, Luquinha e Felipe, pelo carinho, cuidado, abrigo em São Luís e companhia nos arraiais.

À Família Ferreira, Luciane, Vanira e Patrícia por me acolherem em Cururupu no período da pesquisa de campo.

À Família Torres, Marcos, Carol, Alice, Cecília e Dona Maria, por todo apoio, incentivo e abrigo.

À família Kozel, Alê, Igor, Tais e Selma pelo carinho, cuidado e incentivo.

Aos brincantes dos Bois Rama Santa e Maioba doutores na arte de festejar.

Ao professor doutor Sylvio Fausto Gil Filho, pelas sugestões de leituras, contribuições durante o exame de qualificação.

À amiga Sônia Nogueira, pelo companheirismo, leitura crítica e incentivos feitos com muito carinho.

À Val, Cíntia e Rafael pelo incentivo.

Aos colegas do doutorado Maisa Teixeira, Beatriz e Tanize pelo compartilhamento de incertezas e descobertas.

À Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e ao Governo Estado do Maranhão, por ter permitido a realização dessa pesquisa.

Aos companheiros do Curso de Geografia Luís Carlos, Alisson, Ronaldo e Francisco pela amizade e incentivo.

À Rodrigo, pela organização dos Mapas e imagens.

À Universidade Federal do Paraná, pela contribuição a essa etapa de minha formação.

Ao Zem e Adriana, um exemplo de profissionalismo, amizade e presteza.

Todo ano nesse tempo eu venho aqui/
Trago uma brincadeira de um sotaque diferente
Vale à pena apreciar/ nossa cultura, nosso luxo e nossa gente
Trago um batalhão de respeito/ que brinca muito e faz evolução
Nosso instrumento de percussão batido sempre com a costa da
mão/
É a nossa sonorização/prá fazer parte da festa de São João/
Hoje é só festa/ Se vocês vão/ eu também vou
Parabéns pra São Luís do Maranhão/ porque tu és/ a mais
maravilhosa Ilha do amor.

**Toada Sotaque Diferente
(Boi Rama Santa)**

Pra conhecer o bumba-boi de São João
Visite as fortalezas
Da Ilha do Maranhão
Que você vai ver nos cantadores
Um modesto cidadão
Que se sacode como as folhas das palmeiras
Que se balança como as ondas do mar

**Toada Brincando na madrugada
(Boi da Maioba)**

RESUMO

Esta pesquisa tem como enfoque as geografidades dos brincantes dos grupos de Boi Rama Santa e Maioba das cidades de Cururupu e Comunidade Maioba no Maranhão. Apoiada na geografia fenomenológica de Eric Dardel, na analítica existencial de Heidegger e em mapas mentais interpretados por meio da metodologia Kozel, objetiva compreender as experiências dos brincantes na festa do Boi como constituintes de geografidades. Essa trajetória nos leva a construção da Tese refletindo sobre o Boi por meio do conceito de lugar. Para tanto, a linguagem, as festas, a religião, os símbolos, entre outras temáticas estão contempladas na pesquisa. Os procedimentos metodológicos se explicitam na abordagem qualitativa para a interpretação da realidade geográfica por meio de entrevistas, observação direta, e representações explicitadas nos Mapas mentais e fotografias dos rituais da festa. Na interpretação das narrativas, dos Mapas mentais e das observações, sobressaem particularidades das geografidades na construção do sentimento de pertencimento, pelo qual emerge o reconhecimento como identidade e tradição. Essas compreensões se projetam nas possibilidades que o ser-no-mundo encontra no Boi, pois o mesmo se mostra como lugar da esperança para os problemas sociais como as drogas e a violência, como lugar seguro para o divertimento, para a renovação de fé, o encontro com os amigos, o sustento e a união da família.

Palavras-chave: Boi. Geografidades. Brincantes. Significatividade. Experiência.

ABSTRACT

This research focuses on geographicity players of Ox(“Boi”) Rama Santa and Maioba in the cities of Cururupu and Community Maioba in Maranhão and is supported in Phenomenological Geography of Eric Dardel and existential analysis of Heidegger. It aims to understand the experiences of the players in the party the Ox(“Boi”) as geographicity constituents. This path leads to the construction of the thesis reflecting on the Ox(“Boi”)through the concept of place in Geography. Therefore, language, festivals, religion, symbols, among other topics are covered in the survey. The methodological procedures made explicit in the qualitative approach to the interpretation of the geographical reality through interviews, direct observation, mental maps, which are interpreted by Kozel Methodology and photographs of the players in the party rituals. In interpreting narratives of mental maps and observations, stand particularities of geografcidades in construction the sense of belonging, through which emerges recognition as identity and tradition. These understandings are projected in the possibilities that the being in the world is the Ox (“Boi”), as the same is shown as a place of hope to social problems such as drugs and violence as a safe place for fun, for the renewal of faith, meeting with friends, the support and family togetherness.

Key words: Ox. Geographicity. Players. Sense. Experience.

RESUMÉ

Cette recherche a comme approche les géographicités des acteurs des boeufs ("Bois") Rama Santa et Maioba des cités de Cururupu et Communauté Maioba au Maranhão et fait partie de la géographie phénoménologique d'Éric Dardel et de l'analyse existentielle de Heidegger. Elle a comme objectif de comprendre les expériences des acteurs et le "jeu" du boeuf ("Boi") comme parties intégrantes des géographicités. Cette trajectoire nous amène à l'élaboration de la thèse en réfléchissant sur le boeuf ("Boi") au moyen du concept de lieu dans la géographie. Par conséquent, le langage, les fêtes, la religion, les symboles, entre autres thématiques, sont traités dans la recherche. Les procédures méthodologiques s'expliquent dans l'approche qualitative en vue de l'interprétation de la réalité géographique au moyen d'entrevues, d'observation directe, de cartes mentales, celles-ci étant interprétées à partir de la Méthodologie Kozel et des photographies des acteurs dans les rituels de fête. Dans l'interprétation des descriptions, des cartes mentales et des observations, ressortent les particularités des géographicités dans la construction du sentiment d'appartenance par lequel émerge la reconnaissance comme identité et tradition. Ces compréhensions se projettent dans les possibilités que l'être-au-monde rencontre dans le "Boi" parce que celui-ci se manifeste comme lieu d'espérance face aux problèmes sociaux tels les drogues et la violence, comme lieu de sécurité pour le divertissement et pour la rénovation de la foi, comme lieu de rencontre avec les amis, de même que comme support et union de la famille.

Mots-clés: Boeuf. Géographicité . Acteurs. Signification. Expérience.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – TRAJETÓRIA DA PESQUISA	25
FIGURA 02 – MAPA CONCEITUAL.....	32
FIGURA 03 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	37
FIGURA 04 – ESPACIALIZAÇÃO DOS SOTAQUES	60
FIGURA 05 – MAPA DO MUNICÍPIO DE CURURUPU/MA.....	72
FIGURA 06 – MAPA DA ILHA DE SÃO LUÍS/MA	82
FIGURA 07 – CATEGORIAL FENOMENOLÓGICO DE DARDEL.....	106
FIGURA 08 – MAPA MENTAL DE MARLENE	158
FIGURA 09 – MAPA MENTAL DE VITÓRIA	158
FIGURA 10 - MAPA MENTAL DE JOÃO RIBEIRO.....	159
FIGURA 11 – MAPA MENTAL DE JOSÉ VICENTE	160
FIGURA 12 – MAPA MENTAL DE JOSÉ CARLOS	160
FIGURA 13 --MAPA MENTAL DE NILMA.....	160
FIGURA 14 – MAPA MENTAL DE MARIA LUIZA.....	161
FIGURA 15 – MAPA MENTAL DE DANÚBIA (1)	161
FIGURA 16 – MAPA MENTAL DE DANÚBIA (2)	162
FIGURA 17 – MAPA MENTAL DE JOÃO TOLENTINO	163
FIGURA 18 – MAPA MENTAL DE JUNIANA (1).....	163
FIGURA 19 – MAPA MENTAL DE JUNIANA (2).....	163
FIGURA 20 – SENTIDOS DE BRINCAR O BOI.....	200

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – INTERPRETAÇÕES DE RELPH SOBRE LUGAR	92
QUADRO 02- GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA.....	155
QUADRO 03 – GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA	156
QUADRO 04 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DAS BORDADEIRAS DA MAIOBA.....	159
QUADRO 05 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DAS BORDADEIRAS DO BOI DA MAIOBA.....	159
QUADRO 06 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA	161
QUADRO 07 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA	161
QUADRO 08 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DAS BORDADEIRAS DO BOI RAMA SANTA.....	162
QUADRO 09 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DAS BORDADEIRAS DO BOI RAMA SANTA	162
QUADRO 10 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA.....	163
QUADRO 11 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA.....	164

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – PAISAGENS DA PRAIA DO PERU.....	21
FOTO 02 – BOI RAMA SANTA NO ARRAIAL DO BAIRRO ALEMANHA SÃO LUÍS/MA	27
FOTO 03 – AMO DO BOI RAMA SANTA.....	27
FOTO 04 – MAIOBEIRO E SUA MATRACA.....	28
FOTO 05 – PANDEIRO DO BOI RAMA SANTA.....	34
FOTO 06 –BRINCANTES TOCANDO PANDEIROS	35
FOTO 07 –TAMBOR ONÇA.....	35
FOTO 08 –MATRACAS	35
FOTO 09 – PANDEIROS DO BOI DA MAIOBA.....	36
FOTO 10 – EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS EM IMPERATRIZ/MA	48
FOTO 11 – BOI DE ZABUMBA.....	61
FOTO 12 –PAISAGENS DO BOI RAMA SANTA.....	62
FOTO 13 – RAJADOS DO SOTAQUE DE ZABUMBA	63
FOTO 14 – CAZUMBÁ.....	64
FOTO 15 – CABOCLOS DE PENA DO BOI DA MAIOBA.....	65
FOTO 16 –PAISAGENS DO BOI DA MAIOBA	66
FOTO 17 – A ORQUESTRA DO BOI DE MORROS.....	67
FOTO 18 – BOI BARRICA	69
FOTO 19 – PAISAGENS DE CURURUPU	74
FOTO 20 – SEDE DO BOI RAMA SANTA.....	75
FOTO 21 – BOI RAMA SANTA NO CENTRO HISTÓRICO DE CURURUPU.....	78

FOTO 22 – MARUJADOS E RAJADOS DO BOI RAMA SANTA.....	79
FOTO 23 – PRAÇA DO VIVA MAIOBA.....	81
FOTO 24 – CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS/MA.....	83
FOTO 25 – ARRAIAL MARIA ARAGÃO EM SÃO LUÍS/MA	86
FOTO 26 – JUNIANA NO BARRACÃO DO BOI RAMA SANTA.....	118
FOTO 27 – JOÃO TOLENTINO	120
FOTO 28 – ANA RITA, DANÚBIA E MARIA LUIZA	124
FOTO 29 – DONATO CARACTERIZADO DE MARUJO	126
FOTO 30 –UYARAMÊ CARACTERIZADO DE MARUJO	128
FOTO 31 – PAULO CÉSAR – MIOLO DO BOI RAMA SANTA.....	130
FOTO 32 –JOELSON CARACTERIZADO DE VAQUEIRO	132
FOTO 33 – JOSÉ INALDO FERREIRA.....	133
FOTO 34 – MARLENE BORDANDO	138
FOTO 35 –VITÓRIA ROSA.....	141
FOTO 36 – JOÃO RIBEIRO RAMOS.....	143
FOTO 37 – JOSÉ VICENTE NO BARRACÃO DA MAIOBA	145
FOTO 38 – JOSÉ VICENTE E A BURRINHA	147
FOTO 39 – MANOEL RUBI.....	148
FOTO 40 – BOI URUBU.....	150
FOTO 41 – CATIRINA E PAI FRANCISCO.....	153
FOTO 42 – PAISAGENS DO LEVANTAMENTO DO MASTRO.....	181
FOTO 43 –FESTA DE SÃO MARÇAL	182
FOTO 44 – ENSAIO DO BOI RAMA SANTA	183
FOTO 45 – ENSAIO DO BOI DA MAIOBA.....	184
FOTO 46 – PAISAGENS DO BATISMO DO BOI DA MAIOBA	185

FOTO 47 – ALTAR DO BATISMO DO BOI RAMA SANTA.....	187
FOTO 48 – OS MARUJOS DO BOI RAMA SANTA	188
FOTO 49 – CRIANÇAS DO BOI DA MAIOBA NO ARRAIAL DO BATUQUE	189
FOTO 50 – CRIANÇAS DO BOI RAMA SANTA	190
FOTO 51 – COREOGRAFIA DA ÍNDIA GUERREIRA DO BOI RAMA SANTA	191
FOTO 52 – MULHERES BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA.....	192
FOTO 53 –ORGANIZAÇÃO DO BOI RAMA SANTA	194
FOTO 54 – PAISAGENS DA MORTE DO BOI RAMA SANTA	195
FOTO 55 – O BOI NA CAMINHADA PARA A ESCONDIDA.....	196
FOTO 56 – ALTAR PARA SÃO JOÃO.....	197
FOTO 57 – MATADOURO DO BOI RAMA SANTA	198
FOTO 58 – ARRAIAL DA MORTE DO BOI DA MAIOBA.....	199

LISTA DE SIGLAS

CNPq	–	Conselho Nacional de Pesquisa
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMESC	–	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
IPHAN	–	Instituto de Patrimônio Histórico Nacional
NEER	–	Núcleo de Estudos em Espaços de Representações
PPG	–	Programa de Pós-Graduação em Geografia
UEMA	–	Universidade Estadual do Maranhão
UFPR	–	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	–	Universidade de Brasília
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura
UNESP	–	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

SUMÁRIO

LICENÇA: sobre geograficidades pessoais	20
INTRODUÇÃO.....	26
1 “ESTADO DE CONHECIMENTO” DO BUMBA MEU BOI	40
1.1 MULTIPLICIDADES DE OLHARES DO BUMBA MEU BOI:	
ESTUDOS ACADÊMICOS	40
1.2 ABORDAGENS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS DO BUMBA MEU BOI	45
1.2.1 Os caminhos do Boi: a relação homem animal/ homem simbólico	45
1.2.2 O Boi Patrimônio	55
1.3. SOTAQUES E OUTRAS EXPRESSÕES.....	59
2 LUGAR E EXPERIÊNCIA: OS LUGARES DOS BOIS RAMA	
SANTA E MAIOBA.....	71
2.1 CURURUPU, LUGAR DO BOI RAMA SANTA	71
2.1.1 Boi Rama Santa	75
2.2 MAIOBA E SÃO LUÍS, LUGARES DO BOI DA MAIOBA.....	79
2.2.1 Boi da Maioba	80
3 LUGAR: CATEGORIA PARA INTERPRETAÇÃO DAS GEOGRAFICIDADES ...	89
3.1 ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DE LUGAR.....	90
4 TECENDO GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES: BASES	
TEÓRICO-METODOLÓGICAS	99
4.1 CONTEXTUALIZANDO A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA.....	100
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	107
4.2.1 Acesso aos Brincantes do Boi.....	107
4.2.2 Com o foco nas imagens: dos mapas mentais às fotos	109
4.2.2.1 O mundo das imagens: as fotos.....	110
4.2.3 As entrevistas e as observações	112
5 NA VOZ DO BRINCANTE: GEOGRAFICIDADES ADVINDAS	
DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA.....	114
5.1 A VOZ DO BRINCANTE DO BOI RAMA SANTA: ENTREVISTAS.....	115
5.2 A VOZ DO BRINCANTE DO BOI DA MAIOBA: ENTREVISTAS.....	133
5.2.1 Particularidades das entrevistas.....	155

5.3	GEOGRAFICIDADES POR MEIO DOS MAPAS MENTAIS	156
5.3.1	Particularidades dos Mapas mentais	164
6	REFLEXÕES DAS GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES	
	COM BOI.....	168
6.1	GEOGRAFICIDADES NOS LUGARES, SÍMBOLOS E TOADAS.....	171
6.2	GEOGRAFICIDADES POR MEIO NOS RITUAIS DO BOI	180
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	201
	REFERÊNCIAS	203
	ANEXO 01 – Termo de Consentimento do Boi da Maioba	209
	ANEXO 02 – Termo de Consentimento do Boi Rama Santa	210

Licença: sobre geograficidades pessoais

No Bumba meu boi do Maranhão, a Licença é o pedido de permissão para apresentação ao público. Neste texto, o pedido de permissão é para escrever as experiências sentidas durante esta pesquisa.

Começo escrevendo por memórias afetivas que as letras de Fernando Pessoa me fazem sentir.

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,
Olho pró lado da barra, olho pró Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.

Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos detrás dos navios que estão no porto.

Há uma vaga brisa.

Mas a minh'alma está com o que vejo menos.

Com o pacote que entra,

Porque ele está com a Distância, com a Manhã,

Com o sentido marítimo desta Hora,

Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,

Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma,
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os pacotes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos

Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos.

Todo o atracar, todo o largar de navio,

É — sinto-o em mim como o meu sangue —

Inconscientemente simbólico, terrivelmente

Ameaçador de significações metafísicas

Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!

E quando o navio larga do cais

E se repara de repente que se abriu um espaço

Entre o cais e o navio,

Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,

Uma névoa de sentimentos de tristeza

Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas

Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve com uma recordação duma outra
pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

Ode Marítima (Fernando Pessoa)

Natural da praia do Peru (Foto 01), situada no Litoral Ocidental do Maranhão, no Município de Cururupu, sempre senti a saudade de *pedra do cais*. A partir dos onze anos de idade, época que saí da Praia do Peru para dar continuidade aos estudos, cada espaço que se abria entre o porto e o pequeno barco a vela e, posteriormente, a motor, gerava um sentimento de tristeza e angústia que foi repetido durante toda vida escolar: no Ginásio, realizado na Vila, sede do Município de Cururupu, no Ensino Médio e Superior em São Luís.

FOTO 01 – PAISAGENS DA PRAIA DO PERU: A) PORTO DO PERU, B) PESCA NA PRAIA DO PERU E C) CENTRO DA PRAIA DO PERU



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Muitas idas e vindas foram realizadas por mim e meus irmãos, muitas madrugadas para acatar ao movimento das marés que, às vezes, se apresentava

calmo, às vezes, bravo. Também, segui as orientações dos meus pais que, sempre, destacavam o estudo como caminho para a liberdade. “Era certo ir para fora, ir para a Vila estudar”, como dizia meu pai. Dessa forma, a infância próxima dos pais tinha data certa para ser rompida.

E, assim, atendendo essas orientações, chego aqui, nas primeiras letras desta Tese de Doutorado, expondo sobre as geograficidades da brincadeira do Boi e que são minhas geograficidades também.

Sobre o tema desta Tese, é de início ir ao encontro da infância quando conheci o Boi por meio do Boi lendário nas histórias contadas pelos idosos. Trata-se da lenda do rei Dom Sebastião, encantado em um touro negro que, em noites de lua cheia, aparece nas praias da Ilha dos Lençóis (que também pertence à Cururupu), esperançoso que algum corajoso o liberte da maldição que o colocou naquela situação. O autor de tal façanha, ao feri-lo na testa, desencantará o Rei e a cidade de São Luís será submersa, surgindo, em seu lugar, a cidade encantada que guarda os tesouros de Dom Sebastião. Das histórias que escutava sobre o Rei São Sebastião, tinha a de responsabilizá-lo pelo mar revolto das baías de acesso à Ilha, a fim de dificultar a chegada dos raptos do seu tesouro. De real, havia receio de que todos fossem à Ilha dos Lençóis em decorrência das croas¹ perigosas na maré baixa. Eu, particularmente, só conheci Lençóis durante pesquisa de campo, proporcionada por meio da Universidade.

Quanto ao Boi dos pandeiros, das zabumbas, das índias e dos cantadores, os primeiros contatos foram durante os festejos juninos, também, na Ilha do Peru. Nesse período, a comunidade organizava o arraial e contratava grupos de Bois para brincarem na localidade. Lembro-me do medo que tinha das caretas no momento da matança, não gostava dessa parte. Gostava dos palhaços que ficavam fazendo doidice, do som, da dança e do brilho.

No âmbito familiar, escutava meu pai cantarolando toadas (cantigas) de Boi, usando, apenas, a melodia. Ele colocava letra própria com temática provocativa, engraçada tipo toada de pique², como se estivesse em um embate de toadas. Desse

¹ Bancos de areia que se tornam perigosas para a navegação durante a maré baixa.

² Toadas são as canções do Boi, quando são usadas para mandar recado a outro grupo de Boi são consideradas de pique.

modo, provocava os moradores das comunidades de Caçacueira e de São Lucas, que ficam próximas da praia do Peru.

Quando fui morar em Cururupu (o nome da sede é o mesmo do município), logo o dia de São João passou a ter relevância para mim, pois a dona da casa onde eu morava, que, também, era diretora da escola, aniversariava no dia 24 de junho. A festa de aniversário era um grande evento na Escola, que homenageava São João e a Diretora. Como aluna, brincava na quadrilha e, às vezes, na Dança do Coco, que se apresentavam na Escola, além de assistir apresentações de Tambor de Criola e Bumba-boi. Os Bois, aliás, brincavam, também, na porta da residência da Diretora até tarde da noite. O dia de São João, também, correspondia ao encerramento do semestre letivo, dia que meu pai chegava para nos levar de volta para casa, para as férias de julho. Assim, o dia de São João passou a ser o momento do retorno ao meu “lugar”, nessa fase da vida.

Morando em São Luís, assisti a muitas apresentações de Boi no bairro da Liberdade, famoso reduto de Boi do sotaque de Zabumba. Posteriormente, fui morar no bairro da Alemanha onde, durante o período junino, sempre tinha um Boi brincando, possibilitando acompanhar na itinerância pelo bairro. Nesse período, também, assisti apresentações de Boi de matraca no bairro do João Paulo, nesse bairro ocorre o encontro dos Bois de matraca no dia 30 de junho, dia de São Marçal.

Essas experiências ficaram adormecidas com a mudança para a cidade de Imperatriz, pois, como professora, dificilmente, passava o período junino em São Luís e, em Imperatriz, não tem Bumba-boi.

Voltar a assistir o Boi, ir a campo, além de ler e escrever me permitiu voltar aos lugares nos quais os cheiros, os sabores, os sons, as paisagens, as pessoas, as ruas e as casas influenciaram, fortemente, em minhas experiências, emoções e percepções. “Experiências Íntimas” que, conforme Tuan (2013, p. 167), são “difíceis de expressar”. Mas que, “Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar”.

Assim, a pesquisa proporcionou a oportunidade de retornar aos lugares como Peru, Cururupu e São Luís, revivendo e vivendo esses lugares. No Peru, usando a linguagem local que beira um dialeto no Estado que fala o bom português.

Exemplificando: “Vamos consertar o peixe?” Vamos limpar o peixe? “Você mutaca e eu tiro as tripas”. Você corta os esporões e retira as escamas e eu tiro as tripas. Na cidade de Cururupu, o caminho até a sede do Boi Rama Santa é o mesmo que fazia na época da vida escolar no Ginásio Cururupuense,³ certa vez perguntei ao vigilante se podia entrar no prédio, com a autorização, entrei e, para minha surpresa, apenas um bloco novo. O bloco que estudei, ainda, está lá, a área de lazer onde ficava no recreio também, cheguei a sentir o cheiro e gosto do mingau de milho⁴, do mingau de puba⁵ e do manuê⁶ que costumava me alimentar no horário do recreio.

Dessa forma, houve a conexão por terra, ar e água entre Imperatriz, Curitiba, São Luís, Cururupu e a Praia do Peru. A figura 01, em destaque, apresenta a trajetória dessa conexão, realizada durante a pesquisa.

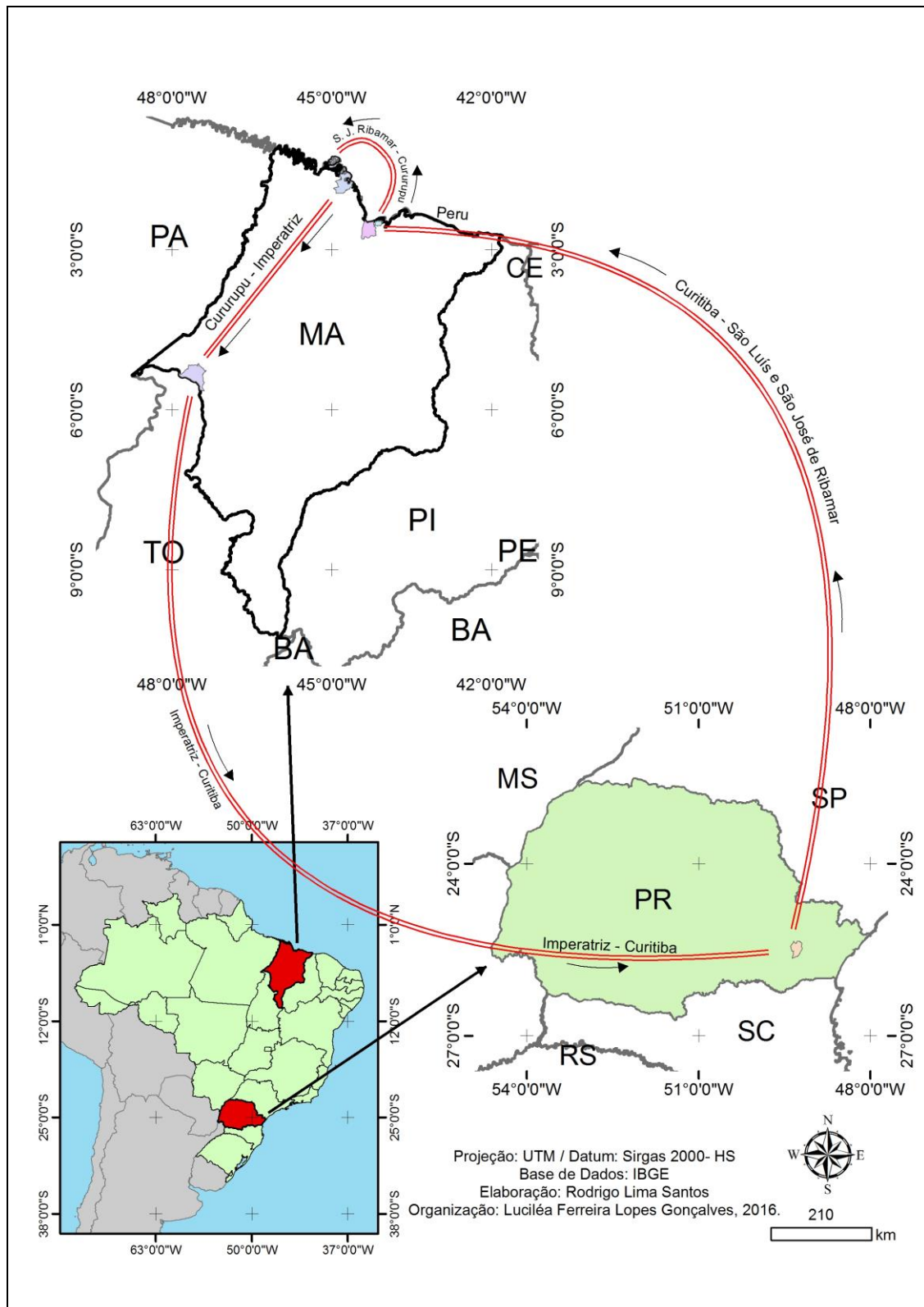
³ A denominação atual da escola é Unidade Integrada Municipal Herculana Vieira II

⁴ Nessa região do Maranhão, mingau de milho é o milho branco ou amarelo cozido com água e um pouco de sal e temperado com leite de coco e açúcar.

⁵ Feito com a puba da mandioca crua, o mingau é cozido na água e leite de coco e açúcar.

⁶ Bolo feito com fubá de milho, leite de coco, açúcar e uma pitada de sal.

FIGURA 01 – TRAJETÓRIA DA PESQUISA



INTRODUÇÃO

O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida. (DARDEL)

O brilho dos bordados, as fitas e o som característico promovem um bailado alegre, colorido e contagiante nas festas juninas e em outros períodos festivos do Maranhão, além de anunciar o Bumba meu boi⁷. É uma brincadeira que apresenta elementos do conjunto cultural maranhense, por meio da devoção a Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, misturando culinária, arte, folclore, música e artesanato. É uma festa rica em simbologia, que se faz a partir do encontro de homens, mulheres e crianças ao redor do Boi, para tocar, cantar, dançar e se emocionar. A (foto 02) mostra o Boi com as índias. O couro bordado e multicolorido com temáticas diversas, em destaque a bandeira do Brasil, o índio e a estrela na testa. A barra colorida completa sua roupagem.

As festividades do Boi no Maranhão acontecem em várias etapas ou ciclo com os ensaios e os rituais do batismo e morte. As apresentações são verdadeiras maratonas em arraias ou largos e nos mais variados terreiros (locais) que contratam o Boi e compreendem: **o guarnicê**, quando o Amo (cantador do Boi) (foto 03) chama o grupo para começar a apresentação; **o lá vai**, aviso de que a brincadeira está se dirigindo ao local da apresentação; **a licença**, que é a permissão para que o grupo se apresente ao público; **a saudação**, quando são cantadas toadas de louvação ao dono da casa e ao Boi; **o urrou**, a celebração da alegria de todos pelo restabelecimento do Boi depois de ter sido sacrificado e **a despedida**, quando a apresentação é encerrada.

⁷ No Maranhão, a festa em torno de uma representação de boi é conhecida como Bumba meu boi, Boi, Bumba-boi e brincadeira de Boi. Nesta tese, usarei os termos Boi e brincadeira, por ser a mais usada entre os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Também, usarei a palavra Boi com a letra inicial em maiúsculo em forma de respeito à manifestação cultural.

FOTO 02 – BOI RAMA SANTA NO ARRAIAL DO BAIRRO ALEMANHA EM SÃO LUÍS/MA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

FOTO 03– AMO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

A pesquisa é uma interpretação das percepções das experiências dos sujeitos envolvidos com o Bumba meu boi com as geograficidades, compreendidas como a experiência do “ser no mundo”, como a relação profunda das pessoas com cores, sons, lugares e sentidos que fazem a festa. Os sujeitos entendidos nesta Tese são as pessoas que brincam o Boi e/ou se envolvem com a festa direta ou indiretamente, como apoiadores, bordadeiras e matraqueiros, o que toca a matraca (fica evidenciado que as matracas são pedaços de madeira de tamanhos diferentes), (foto 04), cantador conhecido, também, como Amo do Boi com chapéu de fita e roupa caprichosamente bordada. Desvelar o velado pelos ciclos (etapas da festa), pelo brilho dos bordados e pelo som característico do pandeiro e da matraca.

FOTO 04 – MAIOBEIRO E SUA MATRACA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

O ponto de partida para o início da tessitura desta pesquisa foi o trabalho de campo desenvolvido por pesquisadores do Núcleo de Estudos em Espaços e Representação (NEER), da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em parceria com a Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O campo em São Luís foi uma etapa da pesquisa intitulada Cultura, Espaço e Representação das Sociedades Amazônicas: saber popular e memória das populações ribeirinhas em execução desde 2007. O objetivo do trabalho de campo, em São Luís, era apresentar aos pesquisadores geógrafos envolvido no projeto, a festa do Boi no

Maranhão, cuja menção foi bastante representativa por migrantes em Parintins (AM), onde os pesquisadores do NEER haviam estudado sobre a festa do Boi-bumbá. O campo foi a oportunidade desta pesquisadora, de fazer uma leitura do Bumba meu boi na abordagem geográfica e norteou o primeiro texto científico sobre essa festa, apresentado no NEER, em 2009, em Rondônia.

A partir desse campo realizado na cidade de São Luís, foi possível perceber, de forma mais explícita, as influências do poder político, da mídia local, do turismo no Boi e constatar a significativa visibilidade do Boi nos festejos juninos em detrimento de outras danças. A constatação dessas influências foi percebida nas atividades de campo, constituídas por palestras com o presidente de um grupo de Boi, entrevistas com representantes de meios de comunicação, visita em uma comunidade sede do Bumba meu boi e observações das apresentações nos arraiais.

Na época do campo em São Luís, ocorria intensa discussão em torno da valorização do Bumba meu boi como patrimônio cultural, o que denotava tanto a defesa da festa como objeto de consumo cultural, quanto à defesa da manutenção de elementos considerados tradicionais, a exemplo do auto (encenação do enredo da festa) e das indumentárias.

No âmbito dessas discussões, a vivência e experiência dos sujeitos da festa (significatividade, emoções e sentimentos) com o universo do Boi não eram apontadas nos discursos dos palestrantes. Nesse sentido, observei a necessidade de pesquisar o Boi tendo como foco os brincantes, seus lugares, suas ações em relação à brincadeira e, também, suas considerações sobre o Patrimônio.

Nessa fase da pesquisa, as reflexões em torno do Boi no Maranhão estavam norteadas com o entendimento de ser a brincadeira uma festa popular, política e turística, convergindo para alguns questionamentos: O Boi é, atualmente, um produto turístico? São Luís é o lugar que dá visibilidade ao Boi? Existe cooptação por parte de políticos da brincadeira do Boi?

Assim, outras inquietações surgiram e, dentre elas, destacamos a de que alguns grupos de Bois, apesar de se apresentarem em São Luís, são de outras localidades. As paisagens, em seu sentido pleno, formadas pelos cheiros, sons, cores e movimentos, sentidas em São Luís, durante as apresentações do Boi, são

resultados de experiências coletivas, expressadas em muitas comunidades, em muitos lugares. Nesse sentido, os aspectos simbólicos, políticos e turísticos nos quais o Bumba meu boi está inserido, constituem uma paisagem que produziram novas geografidades a serem estudadas, pois um dos focos de interesse atual da geografia é a discussão das festas e suas manifestações no espaço geográfico. Nessa trajetória, essa geografia investiga as análises e discussões sobre a dimensão sócio-territorial de festas e festividades. As festas, no que se refere à escala territorial, vão além do recorte municipal, visto que as apresentações acontecem em vários espaços. Nesse caso, organizam territórios imbricados em outros territórios.

Nesse contexto, a primeira hipótese afirmava que, para além do político-turístico, muito projetado na Ilha de São Luís, existem lugares que são base de preservação dos símbolos, das representações, das paisagens sonoras, do mítico e do religioso do Bumba meu boi. É necessário desvendar o encoberto, o avesso do Boi.

Essas constatações direcionam a pesquisa para uma geografia da vida, para o mundo das pessoas, para uma linguagem do vivido, do experienciado, para uma “geografia em ato”, um conhecimento geográfico “[...] que tem por objeto esclarecer os signos da Terra, que revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino” (DARDEL, 2011, p.2).

Nesses termos, outros questionamentos emergiram: Quais geografidades emanam de experiências dos brincantes com o Boi? Existe um Boi nos sujeitos? Que Boi é esse? Como é definido pelos brincantes? Qual o sentido de brincar o Boi? Esses questionamentos direcionaram ao objetivo geral: compreender as geografidades dos brincantes por meio das práticas cotidianas no fazer a festa. Tal objetivo se desdobra em descrever as geografidades dos brincantes; refletir sobre as particularidades das percepções dos brincantes e analisar o sentido de brincar o Boi por meio das geografidades.

A tese da pesquisa é de que as experiências contidas nas geografidades atuam como formadoras de significações em brincar o Boi. Para a elaboração desta tese, optamos por geografizar o mundo dos brincantes. Nessa tessitura, encontramos em Heidegger (1988) o caráter ontológico do “ser-no-mundo” e

discutido por Dardel (2011) como inscrições do terrestre no humano. Por essa similaridade entre a filosofia e a geografia, optamos em caminhar por meio da abordagem fenomenológica que na geografia, tem como um dos seus principais aportes o conceito de lugar.

Este aporte geográfico permite a compreensão das geografidades dos brincantes do Bumba-boi e a análise do lugar, espaço pleno de significados onde se dão atividades ligadas à sobrevivência do homem. Nessa perspectiva, Lima e Kozel afirmam:

O lugar é vivido a partir das experiências individuais e coletivas com os que partilham os mesmos signos e símbolos, é estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos, como afirmam“ (LIMA; KOZEL, 2009, p. 210).

Assim, a linguagem, as festas, a religião, os símbolos, entre outras temáticas, as paisagens sonoras (sons identificadores de lugares e emoções) estão contempladas na pesquisa. Nessa tessitura, seguimos os caminhos da Geografia fenomenológica cujos procedimentos metodológicos se explicitam na abordagem qualitativa para a interpretação da realidade geográfica por meio de entrevistas, observação direta, e representações explicitadas nos Mapas mentais e fotografias. Estes procedimentos primam pela experiência do fato observado como parte do fazer geográfico. A figura 02 apresenta o mapa conceitual da pesquisa:

FIGURA 02 – MAPA CONCEITUAL



ORGANIZAÇÃO: GONÇALVES, L.F.L. (2013)

É digno destacar que, a partir do trabalho de campo realizado em São Luís ocorreu o direcionamento pela professora Salete Kozel, das pesquisas sobre as festas do Boi no Brasil, por meio do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Como resultado desse direcionamento, ocorreu a organização da pesquisa “Duelo na Fronteira: Entre a Redimensão de uma nova espacialidade e a Construção de uma identidade de Resistência”, de autoria do Professor Roberto Filizola. Trata-se de análises do festejo do Boi em Guajará-Mirim, cidade do Estado de Rondônia na fronteira com a cidade Boliviana de Guayaramerim, por uma discussão dos conceitos de território, lugar e fronteira, com apresentação em abril de 2014.

Igualmente foi apresentada, em outubro de 2014, a Tese da professora Beatriz Helena Furlanetto com tema “Paisagem Sonora do Boi-de-Mamão no Litoral Norte Paranaense: a face oculta do riso”. A autora discute pelos conceitos de lugar, paisagem sonora e paisagens emocionais, a reafirmação dos valores compartilhados socialmente pelos sujeitos do grupo Boi do Norte, na cidade de

Antonina, indicando que a paisagem sonora atua na construção de identidades e na consolidação dos laços de pertencimento ao lugar.

A partir dessas pesquisas foi financiado em 2012, por meio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), o projeto intitulado “Festa, paisagem e representação: de norte a sul delineando saberes sobre os Bois no Brasil”, com o objetivo de estudar as formas de apreciação das paisagens e das representações das festas do Boi no Brasil, a partir de 2012.

Na sequência, foi apresentada, em março de 2016, a Tese da Professora Maisa França Teixeira intitulada “As Representações Espaciais/Simbólicas e os Sentidos do Lugar da Festa do Boi-à-Serra em Santo Antônio do Leverger/MT”. A autora parte da hipótese de que a festividade do Boi-à-Serra promove a existência do lugar festivo que é simbólico e correspondente das festividades que fazem parte da vida levergerense. Para tanto, considera o Boi-à-Serra como o motivador de sentimentos, envolvimento com o local e reconhecimento do corpo-sujeito.

Esta Tese é parte desse contexto, de pesquisas que contribuem com a temática da festa do Boi, construídas na abordagem geográfica. Também atende à ausência de estudos voltados à abordagem cultural na Geografia, no Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, da Universidade Estadual do Maranhão, local onde trabalho, somado ao pequeno número de estudos do Bumba meu boi na geografia maranhense.

Dessa forma, a construção da pesquisa ocorre com a compreensão de que, pesquisar sobre o Bumba meu boi do Maranhão, sendo maranhense e geógrafa, é uma tarefa instigante e está relacionada ao que Dardel (2011, p.3) afirma ser o geógrafo: o “[...] homem interessado no mundo circundante.” Nesse sentido, baseando-se em Dardel (2011), a linguagem que proponho adotar nesta pesquisa é “[...] direta, transparente, que ‘fala’ sem dificuldade à imaginação, bem melhor [...] porque ela transcreve fielmente o ‘texto’ traçado sobre o solo”. É deixar velado pré-conhecimentos e revelar o mundo do brincante.

Local e grupos pesquisados

A grande variedade de grupos de Boi no Maranhão chama atenção pela riqueza de elementos simbólicos apresentados em som, movimento, drama e

indumentária. Apesar disso, o Bumba meu boi do Maranhão é classificado nos sotaques Zabumba ou de Guimarães, Costa de mão ou de Cururupu, Baixada ou de Pindaré, Matraca ou da Ilha e de Orquestra.

O termo sotaque é definido, no Dicionário da Língua portuguesa, Larousse (2001, p. 927), como “conjunto de hábitos que caracterizam a pronúncia dos habitantes de um país, de uma região, de um meio; acento; termo popular picuinha, dito picante”. Observa-se, no caso do Boi no Maranhão, a relação da cultura popular com a linguagem e, nesse aspecto, surpreende a criatividade da cultura popular, ao apropriar-se da língua oficial.

A Tese expõe as geograficidades dos brincantes, por dois grupos de Boi, o Rama Santa, em Cururupu do sotaque Costa de mão e o Boi da Maioba, na comunidade da Maioba situada na região circunvizinha de São Luís, do sotaque Matraca ou da Ilha. O sotaque Costa de mão é assim denominado em função do pandeiro (foto 05) tocado pelos brincantes com as costas das mãos (06) e o tambor onça (foto 07).

FOTO 05 – PANDEIRO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

O sotaque de matraca ou da Ilha é assim denominado, devido ao som produzido por matracas (foto 08), grandes pandeiros (foto 09) e igualmente o tambor onça. A referência sotaque da Ilha é por ter surgido na Ilha de São Luís.

FOTO 06 - BRINCANTES TOCANDO PANDEIRO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

FOTO 07 TAMBOR ONÇA



FOTO 08 - MATRACA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

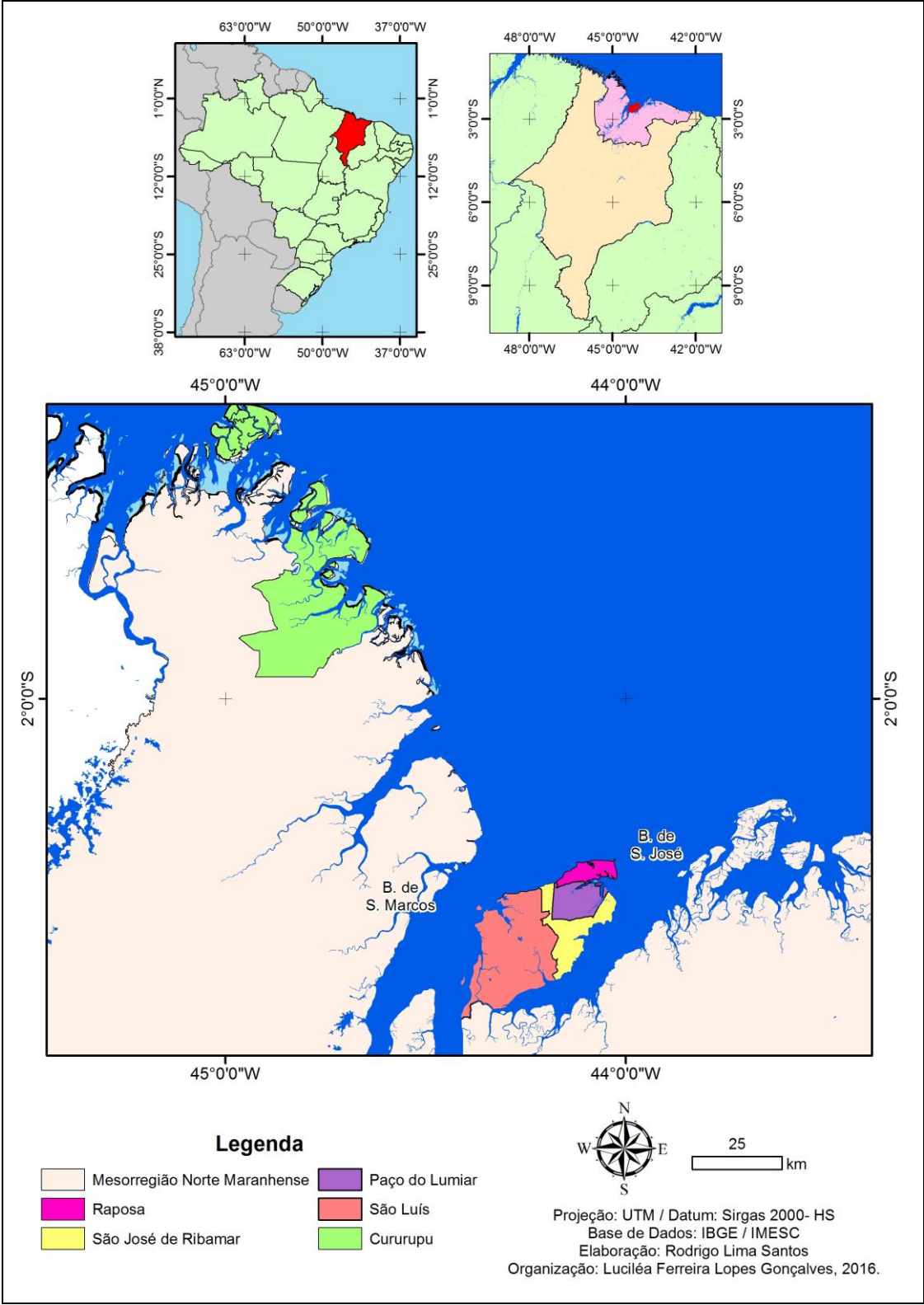
FOTO 09 – PANDEIROS DO BOI DA MAIOBA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Dessa forma, a cidade de Cururupu e a comunidade da Maioba e São Luís, conforme figura 03 são os lugares onde ocorreu a pesquisa. Esses sotaques expressam-se em ritos e mitos, durante o calendário festivo, por meio dos ciclos ou etapas que acontecem em determinados momentos do ano. No capítulo 01, apresentamos a organização característica dessa festa a partir da especificidade de cada grupo.

FIGURA 03 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



A justificativa para pesquisar o sotaque Costa de mão, pelo Boi Rama Santa, deve-se à ausência de análises acadêmicas, por ser um dos sotaques mais antigos do Maranhão e por ser Cururupu o meu local de nascimento. Quanto à escolha do sotaque de Matraca, deve-se ao fato de representar São Luís e seu entorno, espaço que concentra todos os sotaques do Maranhão. No que se refere ao grupo Maioba, a escolha é pelo motivo oposto, pois foi o que mais encontrei trabalhos acadêmicos em diferentes áreas e, por ser esse Boi, o mais famoso, o que atrai maior público e de mais visibilidade entre os do sotaque de matraca no Maranhão.

Os entrevistados do Boi da Maioba e suas funções no Boi: Rama Santa:

Juniana Abreu coreógrafa e brincante como índia guerreira.

João Tolentino Abreu, Amo, cantador e artesão.

Maria Luiza Abreu, bordadeira, cozinheira e ajudante de cordão.

Ana Rita Mendes e Silva, bordadeira, cozinheira e ajudante de cordão.

Danúbia Vieira Mendes, bordadeira.

Donato Silva Almeida, brincante como Marujo.

Uyramê Bezerra da Luz, bordador, ajudante na organização e brincante de Marujo.

Paulo César Rodrigues, brincante como Miolo.

Joelson Tomaz Reis Costa, brincante como vaqueiro

Os entrevistados do Boi da Maioba e suas funções:

José Inaldo, presidente da Associação Beneficente do Boi da Maioba.

Marlene Oliveira Cantanheide, bordadeira e coordenadora das atividades das Índias.

Vitória Rosa Ferreira Ribeiro, diretora do Conselho Fiscal da Associação do Boi da Maioba, bordadeira e coordenadora de eventos.

João Ribeiro Ramos, bordador.

José Vicente, brincante com a burrinha e serviços gerais do barracão do Boi.

Manoel Rubi, brincante com a matraca (matraqueiro) e cantador no couro (segunda voz).

José Carlos Vieira Silva, brincante como Miolo.

Nilma Maria de Oliveira, brincante como Catirina.

Nezildo Oliveira, artesão, brincante, organizador

A pesquisa foi organizada conforme apresentação dos capítulos. No **capítulo 1**, tecemos considerações sobre pesquisas acadêmicas na discussão do Bumba meu boi. No primeiro momento, apresentamos os olhares acadêmicos de pesquisas em nível de mestrado e doutorado. No segundo momento são apresentadas abordagens da trajetória do boi animal/ Boi artefato cultural, primeiramente, por meio dos caminhos do boi no processo de povoamento e por meio do Boi artefato com a narrativa e as lendas, Boi patrimônio e abordagens sobre os sotaques. No **capítulo 2**, Este capítulo contextualiza aspectos históricos e geográficos particulares dos lugares nos quais o Boi Rama Santa e Maioba têm suas bases de referências, Cururupu, São Luís e Maioba. No **capítulo 3**, apresentamos abordagens sobre o conceito de lugar na Geografia como base para interpretação das geografidades. No **capítulo 4**, contextualizamos a Geografia Fenomenológica, apoiada em Eric Dardel (2011), pois essa abordagem possibilita “tecer” as geografidades do Bumba-boi. Posteriormente, de forma descritiva, apresentamos os procedimentos metodológicos. No **capítulo 5**, descrevemos as geografidades dos brincantes por meio das entrevistas e das observações e apresentamos os Mapas mentais dos brincantes que são interpretados, tomando por base a Metodologia Kozel (2011) e, posteriormente, discussão desses mapas tomados como texto. No **capítulo 6** fazemos uma reflexão das particularidades das geografidades dos brincantes e dos rituais, dialogando com a analítica existencial de Heidegger.

1 “ESTADO DE CONHECIMENTO” DO BUMBA MEU BOI

O Bumba meu boi é uma festa tradicional do folclore maranhense. Essa festa tem um significado místico-religioso e apresenta a história da morte e ressurreição de um Boi muito especial que vem suscitando pesquisas em várias áreas do conhecimento

O capítulo expõe sobre a pesquisa bibliográfica concernente ao Bumba meu boi. No primeiro momento, apresentamos os olhares acadêmicos de pesquisas em nível de mestrado e doutorado. No segundo momento são apresentadas abordagens da trajetória do boi animal/ Boi artefato cultural, primeiramente, por meio dos caminhos do boi no processo de povoamento e por meio do Boi artefato com a narrativa e as lendas, Boi patrimônio e abordagens sobre os sotaques.

1.1 MULTIPLICIDADES DE OLHARES DO BUMBA MEU BOI: ESTUDOS ACADÊMICOS

Durante a pesquisa bibliográfica, foi possível encontrar vasta produção acadêmica sobre o Bumba meu boi em diferentes áreas do conhecimento, permitindo organizar o estado de arte da festa em discussão. Mesmo não tendo relação direta com o tema da tese apresentada, consideramos oportuno expor alguns debates do “estado de conhecimento” do Bumba meu boi, baseados nesses estudos. O destaque é para as produções acadêmicas em nível de mestrado e doutorado, entre outras, bem como o dossiê de patrimonialização.

As pesquisas acadêmicas investigam aspectos da organização social do Boi, como brincadeira, ritual e espetáculo. Também, o simbólico e o mítico, sincretismo, identidade, linguagem, narrativas e lendas, sagrado e profano, memória e tradição. Os estudos contemplam, principalmente, os Bois da Ilha de São Luís.

Com o título “Os produtores intelectuais do Bumba meu boi”, Martins (2006) considera que, a grande quantidade de textos sobre a cultura popular maranhense em revistas, boletins da Academia Maranhense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Revista Maranhense de Cultura, trabalhos em Congressos de folclore, produzidos por Domingos Vieira Filho,⁸ no período de 1945 a 1982,

⁸ Intelectual maranhense iniciador do movimento folclórico no Maranhão a partir de 1948, tornando-se estudioso do Bumba-meu-boi.

contribuiu para o referido intelectual ser considerado o primeiro estudioso maranhense a escrever sobre o Bumba-meu-boi. Martins (2006), ainda, considera a aproximação de Vieira Filho com agentes intelectuais e governamentais a razão dos seus trabalhos terem adquirido notoriedade e serem reconhecidos como produto de conhecimento.

Conforme Martins (2006), Vieira Filho escreveu de forma generalizada e referindo-se a *folgado folclórico* e delimitando-o a uma faixa de território da Ilha de São Luís, Baixada Ocidental Maranhense⁹ e região do Rio Munim, como lugares onde a brincadeira alcança maior esplendor e significação na vida popular. Martins (2006, p. 6) oferece alguns elementos para esse entendimento, ao expor sobre as produções acadêmicas relativas ao Bumba meu boi a partir dos anos de 1970. Afirma que a produção intelectual sobre essa festividade, desde Domingos Vieira Filho, promoveu um discurso hegemônico, “que recebe o reconhecimento de todos”, tornando-o relevante.

O autor esclarece que, o entendimento do que é Bumba meu boi estaria vinculado a um contexto de produção intelectual, dependendo de verdades anunciadas por agentes com poder de falar. Nesses termos, o pesquisador considera o Boi maranhense como [...] “produto de sistemas de classificação, artefato construído como resultado de uma configuração sócio-histórica que elegeu determinados elementos dentro de um universo”. (MARTINS, 2006, p. 6).

Com o título “Aqui meu Boi vai urrar! uma leitura espacial do bumba-meu-boi na cidade de São Luís (MA)”, Carvalho (2009) discute os modos do Boi marcar seus espaços na cidade de São Luís por meio do que ele chama de “redes de sociabilidade” e o “compromisso” do boieiro. A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, sendo a única encontrada na área de Geografia com abordagem sobre o Boi. Na introdução, o autor deixa claro que sua pesquisa não é realizada no viés da Geografia Cultural e sim, no fenômeno da cidade e da urbanização, que discute a festa no sentido amplo.

⁹ Denominação atual, Baixada Maranhense

Apoiado nos conceitos de cultura popular, festa, identidade e espaço, apresenta a trajetória do Boi na cidade de São Luís com delimitação temporal do séc. XIX aos anos de 1950 e dos anos sessenta até o ano de 2008. Do primeiro período, o autor apresenta como fator responsável por meio do qual o Boi se torna elemento principal na cultura maranhense, a resistência. Do segundo período, faz análise do Boi urbano e aceito na cidade. O pesquisador utiliza, como procedimento metodológico, levantamento bibliográfico, no qual faz explanação detalhada da expansão da cidade de São Luís, observações e entrevistas com os “sujeitos celebrantes” dos Bois da Maioba e da Madre Deus.

Carvalho (2009) concentra suas discussões na relação entre a expansão urbana de São Luís e modificações em torno da cultura popular. Para tanto, destaca o papel dos “sujeitos celebrantes” e da classe dominante e dirigente na construção da festa do Boi. Suas conclusões apontam que a vitalidade e a existência do Boi ocorrem por meio da trajetória de luta, astúcias e negociações celebrantes tanto no nível interno (dos sujeitos) como no nível externo (classe dominante e dirigente). O autor define como “espaços simbólicos”, os dos rituais do Batismo e morte do Boi e “espaços espetacularizados”, os dos arraiais.

Com o título “O “urrou” do Boi em Atenas: Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão”, Albernaz (2004) escreve sobre identidade maranhense pelo Bumba-meu-boi. A autora afirma que a configuração cultural do ser maranhense, em São Luís, ocorre por meio de: valor da cultura erudita e popular; o patrimônio arquitetônico e popular e a história do estado e da cidade.

A pesquisadora faz uma exposição etnográfica de São Luís, que é seu espaço de pesquisas, com atenção ao fato de ter sido fundada por franceses, sua condição passada de ateniense, sede administrativa do estado e ser espaço de festas. A autora usa a festa do Boi para explicar como os significados às categorias dessa festa vão se constituindo no “ser maranhense”, pela sua ascensão como símbolo (de festa proibida a produto turístico). A exposição é feita pelo auto do Boi, sotaques, ciclos (batismo, apresentação e morte) e personagens, apresentando como os significados dão suporte às formulações simbólicas que definem o ser maranhense. Apoiada na literatura maranhense formada pelos *atenienses* (grifo da autora), pesquisadores da cultura popular, textos de instituições governamentais e

fundações, além de letras de toadas, observações das apresentações dos Bois e entrevistas com brincantes e pesquisadores, elaborou o perfil da identidade maranhense por meio do Bumba meu boi. A autora considera o erudito e o popular como configurações culturais firmadoras da identidade.

Sob o título “O universo do Boi da Ilha: um olhar sobre o bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão”, a dissertação de Sanches (2003) expõe sobre a produção simbólica do Boi da Madre Deus¹⁰ como resultante da criatividade humana. A autora atribui que, por fazer parte da dinâmica cultural, ao Boi são estabelecidas mudanças, contatos, resultando em sua ressignificação por meio do que chama de “dinâmica de adaptação”. A autora associa mudanças no Boi às mudanças ocorridas na cidade de São Luís e faz uma explanação sobre as mudanças na cidade. É uma pesquisa etnográfica detalhada e apoiada nas bases teóricas de Clifford Geertz (1998), pela qual discute ação simbólica como ação que significa, assim como a noção de cultura. Sanches (2003) associa o poder de comunicação do Boi às toadas e ao auto. O texto sobre a religiosidade do Boi é detalhado e contempla discussões do catolicismo e das religiões afros, como nos grupos de Boi de encantado. Apoiada em depoimentos de brincantes, discute sobre os sotaques, tradição e modernidade, questionando as “certezas” dessas categorias. A autora é pioneira nas discussões dos conflitos internos no Boi e faz a seguinte classificação:

Conflito intergrupo- violência coletiva que reforça os laços de solidariedade.
Violência individual- entre os cantadores dos grupos que usam as toadas para criticar, satirizar e maldizer o oponente.
Conflito interno- de caráter interno, íntimo que reflete as divergências entre as concepções, interesses e ações dos membros. Reforça a disputa pelo poder do grupo, às vezes, causa brigas e rompimento, fazendo surgir outro grupo. (SANCHES, 2003, p.153).

Viana (2007) desenvolveu, na Tese de doutorado na Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a temática “O Bumba-meu-boi como fenômenos estéticos”, na qual discute os conceitos de corpo, estética e educação no cenário do Boi de Zabumba do bairro da Liberdade em São Luís.

¹⁰ Madre Deus é um Bairro de São Luís e é, também, o nome de Boi, Boi da Madre Deus, sotaque matraca.

A pesquisa tem como norte a ideia científica que o Boi reúne elementos constitutivos configurando linguagem estética, constituindo-se em expressão educativa na forma de ser e viver em sociedade. Apoiado na fenomenologia de Merleau-Ponty (2002), o autor adota procedimento qualitativo, com análise descritiva e interpretativa a partir de suas próprias experiências e dos brincantes do Boi da Liberdade. Tendo como espaço maior de discussão a cidade de São Luís, a pesquisa traça toda a trajetória do Boi na cidade, descrevendo o período de proibições ao atual, sendo agora o Boi livre para percorrer as ruas da cidade que, segundo o autor encontra espaço para seus rituais e festa, principalmente os bairros. No entanto, o pesquisador faz referência aos arraiais, onde o tempo cronometrado prejudica as apresentações do auto¹¹. Ao apresentar o ritual da morte mostra a importância do bairro, da comunidade para a continuação da tradição.

O autor compreende que, por meio da experiência estética vivida e construída no cenário do Boi, há uma educação que se configura na plasticidade do corpo, na sua capacidade de atribuir sentido e construir significado.

Com o título “Planeta de Boeiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba-meu-boi”, Saura (2008) desenvolveu tese de doutorado na faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Tendo como ponto de partida o Grupo Cupuaçu, morro do Querozene, em São Paulo e o Maranhão, a autora apresenta, de forma detalhada, os ciclos do Boi em todas as suas nuances. A pesquisa foi feita por meio da fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard (1988; 1999; 2001; 2003; 2008) e da filosofia da imagem de Gilbert Durand (1988), dentro do quadro de educação de sensibilidade. Com pesquisa bibliográfica maranhense e da historiografia do Boi, observações de participantes e depoimentos de brincantes e colaboradores, a autora usa a mitohermenêutica como método de análise.

Saura (2008) encontra dois caminhos educacionais postos pelo Boi: um por linha hereditária e outro por iniciação, ressaltando a organização que as práticas simbólicas possuem em uma espiral contínua que surge no Maranhão e estende-se

¹¹ Os Bois de Zabumba são tradicionais na apresentação do auto ou matança.

para as cidades, por meio de ressonâncias simbólicas e manutenção de características ancestrais e reinterpretadas.

Com o título “A identidade Discursiva das Toadas do Bumba meu boi da Maioba”, Santos (2008) desenvolveu pesquisa na Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Ceará (UFCE). A pesquisa foi feita com o objetivo de obter uma compreensão mais ampla da construção da identidade discursiva do Boi da Maioba, para tanto, tem como orientação Dominique Maingueneau para a análise do discurso e Stuart Hall para o conceito de identidade. Conclui que a identidade do Boi se forma para uma semiótica particular visível nas características peculiares do folguedo, intitulada como identidade posicional (Boi de peso, batalhão pesado).

As pesquisas acadêmicas sobre o Boi apresentaram pertinentes contribuições nas áreas de Educação, Linguagem e Antropologia. Porém, tais pesquisas mostraram parca discussão geográfica sobre o Boi, fato que justifica nossa escolha quanto à temática apresentada e sinaliza para a necessidade de estudos sobre o Boi na discussão geográfica.

1.2 ABORDAGENS HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS DO BUMBA MEU BOI MARANHENSE

Folguedos que possuem a figura do Boi como elemento principal, fazem parte do folclore em vários lugares do Brasil. Esse fato contribui para uma diversidade de ritos, ritmos e sabores característicos, manifestados na cultura desses lugares.

No Maranhão, o folguedo é considerado em vários estudos, como representação da formação histórico-geográfica pela qual o estado passou, expressando assim, identidade simbólica quanto à religião, som, cantigas e estética do maranhense. Nesse contexto, situamos o Bumba meu boi, símbolo cultural maranhense e suas peculiaridades, primeiramente com exposição da introdução do gado bovino por meio das considerações de Prado Júnior (2004); Furtado (1998) e Cabral (1992) sobre a relação entre criação de gado x povoamento e expressões culturais.

1.2.1 Os Caminhos do boi: a relação homem x animal / homem x Boi simbólico

O animal boi foi introduzido no Brasil por meio do modelo colonizador para servir, principalmente, aos trabalhos no campo e para a alimentação do homem. Criado em todo o Brasil, o boi é o animal que contribuiu, imensuravelmente, com o processo de povoamento (interiorização) do território brasileiro.¹²

Em descrição sobre o povoamento do Nordeste no século XVIII, Prado Júnior (2004, p. 66-67) apresenta que “[...] a base econômica será sempre a pecuária, e os grandes focos de irradiação sendo Bahia e Pernambuco”. Em exposição sobre as direções das fazendas, situa que, “A progressão das fazendas não cessará no Piauí: elas transporão o rio Parnaíba, e irão confluir no Maranhão com aquelas que do litoral subiam pelo rio Itapecuru”. Esse processo deu suporte à formação étnica do Maranhão que, igualmente à grande parte do território brasileiro, tendo o branco, o negro e o índio como agentes de construção do território e, sobretudo, nas relações de trabalho evidenciadas nas atividades econômicas das monoculturas de cana-de-açúcar, algodão, cacau, café e no extrativismo mineral.

A criação de gado chegou ao território maranhense, seguindo o referido modelo colonizador, no século XVII, com a corrente de povoamento do litoral ou frente litorânea e, assim como em outras regiões do Brasil, foi integrado como elemento de força motriz e transporte de carga da atividade agrícola da cana-de-açúcar. Essa inserção ocorreu, inicialmente, nos Municípios de São Luís, Alcântara, Guimarães e Cururupu. No Centro-sul do Estado, a criação do boi seguiu outra dinâmica. Nessa região, o desenvolvimento das atividades com o boi (pecuária extensiva) está associado à corrente dos criadores de gado, também conhecida como frente pastoril¹³, que penetrou nos sertões maranhenses no início do século XVIII. É a corrente oriunda das caatingas nordestinas, de onde saíram acompanhando o rio São Francisco em terras pernambucanas e baianas. Espalhou-se no interior maranhense pelos sertões do Município de Pastos Bons.

¹² Furtado (1998, p. 58), assevera que a incompatibilidade entre a criação de gado com o plantio de cana, devido a penetração dos animais nas plantações, provocou a proibição da criação de gado pelo governo português na faixa litorânea. Disso ocorre a separação das duas atividades, a açucareira e a criatória, dando lugar a uma economia de criação independente com caráter extensivo, itinerante, com indução à permanente expansão, sempre que houvesse terras a ocupar. “A essas características se deve que a economia criatória se haja transformado num fator fundamental de penetração e ocupação do interior brasileiro”.

¹³ Definição dada por Cabral (1992, p. 101-102) para designar a expansão de criação de gado no Sul do Maranhão no início do século XVIII, vindo especialmente de Pernambuco.

Se, por um lado, os caminhos tomados pelo boi, nas diversas regiões do Brasil, resultam das orientações da economia colonial citada, convém anotarmos que os caminhos do boi, também, foram dirigidos por seus tratadores. Disso temos: o boi de guia, o boi de sela, boi de cambão ou carreiro, boi de piranha, boi de corte, boi marrequeiro, entre outros.

Essas marchas, com grande sacrifício para o boi, adentraram no imaginário popular, constituíram a cultura do boiar, na qual são encontradas associações de causos, cantigas e histórias. Igualmente, o aparecimento de termos como aboio, que é utilizado pelos vaqueiros nordestinos para comandar suas boiadas e o berrante, um chifre aparelhado para produzir inúmeros sons de acordo como é soprado, usado na região Sudeste.

Também, nos entretenimentos como as vaquejadas, rodeios, festa de peão, leilões encontrados em todo o Brasil. No Maranhão, na região Centro Sul e Oeste do estado ocorrem os entretenimentos citados. Em Imperatriz (Oeste maranhense) acontece no mês de julho a Exposição Agropecuária, no Parque de Exposições Lourenço Vieira da Silva. Essa exposição congrega várias atividades inerentes ao boi de forma simultânea (foto 10). O Bumba-boi não é encontrado com a mesma expressão como folguedo nessa região do estado. Nos eventos juninos, alguns grupos de Boi quando são organizados, têm pouco tempo de sobrevivência. O que ocorre em Imperatriz são apresentações de quadrilhas que também promovem o concurso estadual de quadrilhas, cujo grupo vencedor participa do concurso em nível de Nordeste.

FOTO 10 – EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS EM IMPERATRIZ /MA



Fonte: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Ribeiro (1995, p.341-342), sobre a relação da criação de gado com as manifestações culturais, afirma:

[...] A necessidade de recuperar e apartar o gado alcançado nos campos ensejava formas de cooperação como as vaquejadas, que se tornaram prélios de habilidade entre os vaqueiros, acabando, às vezes, por transformar-se em festas regionais. O culto dos santos padroeiros e as festividades do calendário religioso – centrado nas capelas com os respectivos cemitérios, dispersos pelo sertão, cada qual com seu círculo de devotos representados por todos os moradores das terras circundantes – proporcionavam ocasiões regulares de convívio entre as famílias de vaqueiros de que resultavam festas, bailes e casamentos [...].

Porquanto, o que se vê é que, do encontro do homem com o boi¹⁴ há cerca de 5 ou 6 mil anos, em lugar e tempo perdido, ocorreu a domesticação do animal

¹⁴ A ligação estreita entre ser humano e o animal boi está presente na mitologia de vários povos. [...] A sua ligação com os ritos religiosos como vítima ou como sacrificados lhe dá um caráter sagrado. Sagrado no Egito, Fenícia, Caldéia, Cartago, merecedor de cultos e festividades, imagem de fecundidade e relacionado com os sistemas astrais, os Babilônios escolheram-no para representar um dos dez signos do zodíaco. Na China antiga, um boi de barro representava o frio, que se expulsava na primavera para favorecer a renovação da natureza. A iconografia Hindu lhe fez a montaria e o emblema de Yama, divindade da morte. Respeitado como ser humano, o se sacrifício é um ato religioso essencial entre as populações montanhesas do Vietnã, cuja morte ritual lhe dá o status de enviado, o intercessor da comunidade junto aos espíritos superiores. Em todo o norte da África, o boi é um animal sagrado oferecido em sacrifício, ligado aos ritos do trabalho e da fecundidade da terra (CHEVALIER & GHEERBRANT *apud* VIANA, 2006, p. 30).

que se tornou utilitário, símbolo e alimento desde as antigas civilizações aos dias de hoje. Claval (2007, p. 233) esclarece que para “a domesticação de animais implica um domínio anterior do espaço”. Nesse sentido, seria o conhecimento técnico do homem necessário à domesticação do boi como “[...] isolar animais, habituá-los a viver com os homens, castrá-los, cercar pastagens, vigiar rebanhos [...]”, o que proporcionou a relação totêmica, sobrenatural, mítica, sagrada do homem com o boi?

Certamente é com essa relação mítica entre homem e boi que as representações culturais ocorreram desde povos antigos, sendo possível compreender que o seu caráter prático – boi trabalho/ boi alimento/ boi fertilizante/ boi reprodutor – tenha elevado esse animal a adquirir valores simbólicos. Posteriormente, ao status de ícone sagrado – boi totem/ boi mito/ boi divindade. E, enriquecido com elementos profanos, o boi ganhou um caráter festivo, sem renúncia de seu caráter religioso, tornando-se o Boi celebração. (IPHAN, 2011).

As versões da tradição popular portuguesa trazida para o Brasil originário do Nordeste, com adaptação do teatro catequético dos jesuítas, bem como a versão da fusão de elementos portugueses e nativos são relacionadas ao ciclo do gado, no Nordeste brasileiro, irradiando-se, posteriormente, para as outras regiões do Brasil.

Nesse contexto, espetáculos folclóricos que usam o Boi aparecem em todas as regiões brasileiras com diferentes denominações e caracterizações. Nesses espaços, adquiriram nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Assim, no Rio Grande do Norte, Piauí e Alagoas, é chamado de Bumba meu boi. No Maranhão Bumba-boi, Bumba meu boi Brincadeira de Boi e Boi. No Pará e Amazonas, é Boi-Bumbá ou Pavulagem. Em Pernambuco, é Boi Calema ou Bumbá. No Ceará, é Boi de Reis, Boi Surubim e Boi Zumbi. Na Bahia, é Boi Janeiro, Boi Estrela do Mar, Dromedário e Mulinha-de-Ouro. No Paraná e em Santa Catarina, é Boi de Mourão ou Boi de Mamão. Em Minas Gerais e Rio de Janeiro, é Bumba ou Folguedo do Boi. No Mato Grosso, é Boi a Serra; No Espírito Santo, é Boi de Reis. Em São Paulo, é Boi de Jacá e Dança do Boi. No Rio Grande do Sul, é Bumba e Boizinho. (MARQUES, 1999).

As literaturas sobre o Bumba meu boi maranhense situam que, provavelmente, sua origem é anterior ao século XIX¹⁵. As informações sobre a origem do Bumba meu boi estão sustentadas por folcloristas, etnólogos e antropólogos. Por esses estudiosos, algumas proposições sobre o folguedo associam à origem em versões como: tradição popular portuguesa trazida para o Brasil, originário do Nordeste, com adaptação do teatro catequético dos jesuítas, para Celso de Magalhães, Silvio Romero, Mário de Andrade. Origem relacionada nos antigos cultos pagãos do Boi Ápis, bezerro sagrado cultuado no antigo Egito, para Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro e Fusão de elementos portugueses e nativos, para Renato de Almeida e Câmara Cascudo. (IPHAN, 2011).

Em vista disso, compreender a presença constante e marcante dos animais nas culturas humanas é caminho fundamental para entendermos as relações ancestrais e dominantes da presença do boi na cultura brasileira, cujos elos remontam à diversidade cultural amalgamada na Península Ibérica, a nós repassados pelos portugueses, somados à miscigenação com os negros, índios e suas culturas.

Nesse contexto, o Bumba meu boi formou-se repleto de símbolos e variações estéticas apresentadas na música, danças, artesanato, encenações e narrativas. No entanto, apesar da diversidade de grupos no Maranhão, o mito que leva ao rito da brincadeira é um fato comum entre os grupos de Boi. Os grupos apresentam Pai Francisco e Catirina como principais atores envolvidos numa trama de morte e ressurreição de um Boi precioso. Também o imaginário popular criou

¹⁵ Existem registros jornalísticos sobre a festa do Boi, referenciados por pesquisadores que remetem ao século XIX. No Maranhão, em 1829 em jornais e ocorrências policiais datadas da década de 20 à década de 90, no jornal “Farol Maranhense”; Em Santa Catarina, em 1871; em Pernambuco, em 1840 no jornal “O Carapuceiro”; nos dos periódicos, “A Voz Paraense” e “O Velho Brado do Amazonas”, no Pará, em 1850; e dos livros “*Reise durch Nord-Brasilien im jahre 1859*”, do alemão Robert Avé-Lallemant, e “Águas passadas”, de José Boiteaux, com relatos de bumba-meu-boi em Manaus, em 1859. (IPHAN, 2011)

Esses documentos, de certa maneira, evidenciam a origem da festa do Boi, em São Luís sua proibição e também, o fim das proibições. Crônicas e romances também referenciam a origem da festividade. (IPHAN, 2011, p. 35).

lendas, envolvendo os santos católicos São João, Santo Antônio e São Marçal¹⁶ e o rei Dom Sebastião.

A origem exata do Boi maranhense se perdeu no tempo. No registro de patrimonialização (IPHAN, 2011) consta que ocorreu, primeiramente, no contexto rural, resultante do encontro da cultura africana, indígenas e europeia. Sendo, portanto, mestiço igual é o Maranhão. Retrata a história da Negra Catirina e Pai Francisco em uma fazenda. Conta-se que Catirina, grávida, desejou comer a língua de um boi e induziu seu marido, pai Francisco, a matar o boi predileto de seu amo. Triste com a morte de seu boi predileto, o amo pede ajuda de Pajés e Santos para ressuscitar o animal, fenômeno que aconteceu e motivou o início de uma festa. Em destaque, apresentamos a narrativa de José Costa de Jesus, registrada no livro *Memórias de Velho*, pois a origem mítica da brincadeira é capaz de suscitar diferentes narrativas:

Narrativa

A estória de Catirina é longa, começou dentro da Ilha. Quem me contou foi o velho João Fraim, meu tio. Catirina foi uma escrava, aliás Irina era escrava de um senhor que possuía muitos escravos, e a tinha como uma filha pois a criava. Possuía um escravo por nome Francisco que enamorou-se da Irina. Ele era muito querido, trabalhador, servia muito à patroa. Nessa época, a brincadeira era em setembro, pela lua cheia. Então ele iniciou o namoro com Irina, escondido. Já possuía um casebre dado pelo senhor, com isso ele rouba a Irina. Quando o senhor soube, mandou chamá-lo, quis bater, mas a patroa chamou e disse: “Meu marido, deixa ele porque é o preto de confiança, nós temos que aceitar eles ficarem juntos”. Com isso ela engravidou e desejou comer a língua do boi de estimação do patrão. Todo mês de setembro festejava-se esse boi. Francisco, que era responsável pelos bois do patrão, aperreou-se¹⁷: Como é que ele ia fazer isso? Ele não ia matar o boi porque ele iria para o tronco e morrer, mas ela queria. Era a época de festa, havia muito bolo de massa¹⁸, tiquira brava¹⁹, fogueira. Ele chamou um compadre, roubou o boi e guisou-o para Irina: o resto ele salgou e botou no jirau²⁰. No dia seguinte, não foi trabalhar com medo, com vergonha. O boi não apareceu, então foram procurá-lo em casa, e dizendo que o patrão queria a presença dele, que o boi tinha desaparecido, o boi estava atolado. Passou três dias, ele foi e disse que estava pronto para ir ao

¹⁶ No Maranhão, São Marçal abençoa o fim dos festejos juninos no dia 30 de junho, com o desfile dos Bois de matraca no bairro do João Paulo. É também o dia Municipal do Brincante de Bumba-Meu-Boi, instituído pela Lei Municipal nº 4544, de 23 de novembro de 2005. Em 2016, a festa chega à sua 89ª edição.

¹⁷ Sem saída, encurralado

¹⁸ Bolo doce ou salgado feito com a massa da mandioca retirada no processo de fazer a farinha

¹⁹ Cachaça feita de mandioca

²⁰ Suporte aéreo feito com pedaços ou galhos de madeira da região, usado para secar alimentos salgados.

tronco: Irina havia desejado comer a língua do boi, ele havia levado, morto e salgado e tinha dado uma parte ao amigo. Nisso a mulher do patrão põe-se em sua defesa, dizendo para não matá-lo, pois ele tinha tido vergonha e tinha ido lá se justificar. O Patrão o perdoou e batizou sua filha que tinha por nome Cátia. A mãe, Irina, passou a se chamar Catirina. Daí vem a história. O seu colega, que havia ajudado a matar o boi disse:

– Francisco, nós vamos fazer uma brincadeira referente a essa história. Isso dá uma história.

– Rapaz, vamos deixar isso de mão!

– Não, nós vamos fazer.

Pegaram um cofo²¹, furaram a cabeça e puxaram um pau, fizeram a festa em setembro, na lua cheia. Acenderam uma fogueira e saíram batendo os pedaços de pau; no outro ano fizeram três tamborins de couro de camaleão e batiam com as costas da mão, como lá em Cururupu, batiam as matraquinhas²². Quando amanhecia, estavam todos bêbados, dormindo uns por cima dos outros. Os índios fizeram a brincadeira do mesmo tipo. Essa estória aconteceu dentro da ilha. “A brincadeira foi preservada e melhorada.” (MARANHÃO, 1999, p. 174, 175).

A narrativa retrata o mundo vivido de grupos étnicos que se encontraram desde o século XVI no Brasil e no Maranhão. Nesse contexto, a partir do mundo real, em uma fazenda ocorre a história. Um fazendeiro (Amo), um escravo (Pai Francisco), uma escrava (Catirina), o pajé (representado pelo índio) e um boi de estimação compõem os personagens do enredo da brincadeira do Boi.

O diversificado conjunto de termos e expressões registrado no depoimento assinala para o entendimento que a brincadeira é resultante das relações sociais do cotidiano dos seus sujeitos. A história tem uma significativa carga simbólica, além de esclarecer sobre outros tempos do Boi, quando o depoente relata sobre a realização da brincadeira em setembro, do período da lua cheia e a origem do Boi de matraca.

Igualmente expõe sobre o movimento da vida, o cuidar dos bois, o apaixonarem-se, os sentimentos de medo, vergonha e o perdão. Assim, o que se vê é uma brincadeira que imbrica símbolos e ritos de diferentes crenças, por meio da estética, sonoridade, indumentária e nos instrumentos.

Como resultado do vivido, expressa cultura popular, pois o que dizer das referências cotidianas contidas nas estrofes das toadas, de espaços como arraiais, das “Mutucas”, mulheres que acompanham o Boi distribuindo bebidas, em referência a um tipo de mosquito que, no campo, ficam em volta do Boi. Igualmente o uso do

²¹Cesto grande tecido manualmente com a palha da palmeira do babaçu ou da pindoba comum no Maranhão. Utensílio para acondicionamento e transporte de gênero.

²² Pedaços de madeira que, batidos produzem um som, o som das matracas- instrumentos típicos do Sotaque de Matraca.

termo “sotaque” para nomear os diversos ritmos musicais dos grupos de Boi, sendo exemplo claro de criatividade da cultura popular, usando a língua oficial, criando metonímias. Também, o fazer do Boi no contexto familiar, fato que remete à tradição.

A Lenda de São João

São João tinha um boi. Pequeno galheiro de couro enfeitado. Um rico boi preto de raro saber: a dança. Se posto na roda, em noites de festa, gira-girava em sustos de brilhos e fita. E João o amava. E João o guardava. E João só o mostrava nos dias de aniversário. E gente chegava e gente juntava para ver o boizinho de couro enfeitado gira-girando no aniversário do Santo: o instante mais rico da festa. O momento esperado. O momento aguardado. O momento guardado na saudade do Santo.

– Até para o ano!

O boi ensaiava de 13 a 23 na casa de Antônio, santo amigo de João. E vinha de lá, dançando na roda. E cantavam a licença.

– Pra que a licença? Entra, meu boi. Dança, meu boi, ao som do bumbo. Bumba, meu boi!

E o boi alegrava a noite do Santo.

– João, me empresta teu boi? Meu aniversário tem festa, tem fogo e fogueira, tem foguete e sorriso, mas onde o boi de couro enfeitado? Onde o boi de raro dançar? Empresta, João, o teu boi.

E o rico boizinho, envolto em cuidados, foi levado a dançar, a vinte e nove de junho, na casa de Pedro.

– Pedro, me empresta o boi de João? Ele nem precisa saber. Na alvorada eu devolvo.

E envolto em segredos, o boi foi levado a dançar na casa do santo Marçal.

Ah, Marçal! Ah, Marçal! Por que não previste quantos convidados terias? Por que não fizeram as comidas precisas? Por que não avisastes aos teus cozinheiros que o boizinho de couro enfeitado só veio dançar?

Uma faca, um instante e o couro enfeitado esticado nas varas.

João triste. João coitadinho. João sem seu rico boi preto de couro enfeitado e de raro saber: a dança.

– Não quero outro boi!

Antônio – e muitas pessoas – preparam novos bois e levam até a casa do triste João. Mas João – bom santo – apenas assiste, apenas sorri.

– Não quero mais boi. E levam os outros boizinhos até o velho Pedro e até São Marçal. Só pra que eles vejam que foi feito um boi bem bonito, mas que o triste João ainda não quis.

São João não quer outro boi. Só haveria de querer se fosse seu rico boi preto, de couro enfeitado e de raro saber.

(AZEVEDO NETO, 1997, p. 67-68).

Na lenda, ocorre o ponto de encontro entre São João e a brincadeira e remete às correlações entre o que ela relata e as promessas de oferecer ao Santo o Boi, os couros, o brincar e o porquê do batismo no dia de São João.

A Lenda de São Sebastião

Dom Sebastião, rei de Portugal desaparecido na batalha de Alcácer Quibir no Marrocos²³, procurou refúgio em sua colônia na América. O navio que trazia o rei e sua família afundou na baía dos Lençóis. Ainda segundo a crença, no fundo do mar existe um castelo de ouro, cristal e esmeraldas, onde o rei vive encantado. Nas noites do dia 04 de agosto a nau de D. Sebastião aporta na Ilha dos Lençóis, de onde o rei salta, trajando uniforme de gala, montando em seu cavalo branco com arreios de ouro e prata. Já nas noites de São João, o rei retorna à Ilha encantado em forma de um touro negro com uma estrela de ouro na testa. Esse encantamento permanecerá até que esperançoso que algum corajoso faça uma incisão na testa, da qual jorre sangue. Então, D. Sebastião será desencantado e emergirá glorioso das profundezas do mar com sua corte. Em consequência desse acontecimento, o mar ficará revoltado fazendo São Luís emergir e em seu lugar emergirá a ilha encantada de Dom Sebastião. (IPHAN, 2011)

Ao tratar das festas do Bumba-meu-boi no Maranhão, Silva (2007, p. 153) considera que durante os festejos juninos, “O boi se torna o ‘guardião’ da harmonia. Dançar com ele, acompanhar o seu cortejo ou tocá-lo é para alguns uma situação que ultrapassa o simples ato do lazer que a ‘brincadeira’ proporciona”.

Bastante difundido no Maranhão, o sebastianismo foi incorporado à mística do Tambor de Mina no rol das entidades do panteão dos terreiros. Em virtude de muitos donos de Boi e brincante participarem dos Terreiros, a lenda foi incorporada ao Boi. Assim, é comum nos Bois da Ilha, os cantadores comporem fazendo referência aos encantamentos da Ilha de São Luís e a Dom Sebastião, conforme a toada apresentada:

Urrou touro encantado da Maioba
Ecoou na Fonte do Ribeirão
Serpente encantada que rodeia a Ilha
Sacudiu chocalho
Ouvindo o som das minhas toadas
Em resposta à mãe tribo dos Timbiras

²³ Segundo a crença, Dom Sebastião, rei de Portugal desaparecido na batalha de Alcácer – Quibir, em Marrocos em 1578, procurou refúgio em sua colônia na América. O navio que trazia o rei e sua família afundou na baía dos Lençóis, estando encantado na Ilha dos Lençóis.

Ainda, segundo a crença, no fundo do mar, existe um castelo de ouro, cristal e esmeraldas, onde o rei vive encantado. Nas noites do dia 04 de agosto, a *nau* de D. Sebastião aporta na Ilha dos Lençóis, de onde o rei salta, trajando uniforme de gala, montando em seu cavalo branco com arreios de ouro e prata. Já nas noites de São João, o rei retorna à Ilha encantado em forma de um touro negro com uma estrela de ouro na testa. Esse encantamento permanecerá até que esperançoso que algum corajoso faça uma incisão na testa, da qual jorre sangue. Então, D. Sebastião será desencantado e emergirá glorioso das profundezas do mar com sua corte. Em consequência desse acontecimento, o mar ficará revoltado, fazendo São Luís emergir e, em seu lugar, emergirá a ilha encantada de Dom Sebastião.

Existe uma estreita relação entre a festa do Bumba meu boi no Maranhão e a lenda do rei São Sebastião. A lenda foi incorporada nos terreiros de mina, criando o sebastianismo, onde encontramos o Boi de Encantado ou Boi de Terreiro.

Fez rufar tambores na Ilha da Assombração
 Encantou sereia no Boqueirão
 Fez balançar as águas da baía de São Marcos e Ribamar
 Lá nos Lençóis no reino de Sebastião
 Touro negro encantado ficou parado
 Ouvindo urrar meu campeão
 (Toada Urrou- Acorda Upaon-Açu. Boi da Maioba, 2003)

Sanches, (2003) em estudo sobre a religiosidade do Bumba meu boi, discute a relação entre boi e encantaria e conclui:

Essa é mais uma das lendas que informa e alimenta o imaginário do bumba-meu-boi, reforçando a relação boi/encantaria, boi/religiosidade. D. Sebastião é uma das principais entidades cultuadas nos terreiros de mina em São Luís, e segundo informações, ele vem na linha dos nobres e gentis. Prestando-se mais atenção na representação do boi, pode-se perceber uma certa semelhança entre essa e o que a lenda informa. Geralmente a “cangalha” do boi é coberta de veludo preto e bordada com canutilhos, miçangas e paetês. Na testa do boi quase sempre é bordada uma estrela. Muitas vezes o boi também é denominado de touro, fazendo alusão à referida narrativa mítica. (SANCHES, 2003, p. 10).

Nesse contexto, situamos a Geografia Mítica de Dardel (2011, p. 51) pela qual interpreta a Terra como origem, presença, *sobrenatural*, como princípio de unidade do grupo. Nessas explanações, o autor apresenta que, “O mito não é de forma alguma a narrativa de um acontecimento ocorrido em uma data precisa e única. Ele é absoluto, isento do tempo como data ou momento. Essencial, ele engloba todos os existentes”. Também, Dardel (2011), ao escrever sobre a atitude temerosa e respeitosa que requer a realidade geográfica infundida de poder sobrenatural, ressalta que,

Na base da geografia dos primitivos, há um comportamento religioso, é através desse valor sagrado que se manifestam os ‘fatos’ geográficos. Nenhum fato pode refutar jamais a interpretação mítica, porque só o que é garantido pelo mito se torna verdadeiramente real. (DARDEL, 2011, p. 54).

Sobre essa compreensão, o autor aponta para o entendimento de que, muitos fatos do que tomamos como real, não são, necessariamente, para a Geografia.

1.2.2 O Boi Patrimônio

O Bumba meu boi no Maranhão é um Complexo Cultural, conforme o Iphan (2011), da cultura popular brasileira. De acordo com esse documento, essa brincadeira, considerada celebração, tem diversos elementos centrais e

estruturantes no qual se destacam: o Boi, a festa, os rituais, a devoção aos santos – Antônio, São João, São Pedro e São Marçal –, a música, a dança, o teatro, o artesanato, as personagens, os instrumentos, os diversificados estilos de brincar o Boi e o caráter lúdico.

A nomeação do Bumba meu boi no Maranhão como Complexo Cultural decorre de estudos realizados pelo Iphan (2011) em anos anteriores ao registro. Nesses estudos, sotaques, religiões, além de diferentes instrumentos, danças e objetos foram catalogados. Dessa forma, é digno de ressaltar a coerência para a referida nomeação, pois, segundo Iphan (2011, p. 100):

Os grupos de Bumba meu boi constituem um vasto e complexo conjunto de características em suas expressões artísticas, estéticas e simbólicas. O folguedo se desenvolve sob inúmeras variantes, apresentando diversos ritmos, danças, instrumentos, músicas, personagens, dramas e indumentárias. Há uma variedade de estilos para celebrar a brincadeira, sendo essa uma particularidade do Bumba-boi maranhense. Surgem por diferentes motivos e em diversos lugares e, conseqüentemente, com atributos peculiares a cada região de ocorrência, mas com qualidades que os individualizam e dão vivacidade ao universo da festa.

A brincadeira do Boi é considerada de longo calendário com várias etapas de um ciclo que inicia com reuniões estratégicas para assegurar recursos, a apresentação do homenageado e a escolha das toadas. A culminância da festa acontece no mês de junho, mas estende-se até setembro ou outubro.

O Bumba meu boi foi considerado selvagem e velho, por um longo tempo, na cidade de São Luís, capital do Maranhão, sendo perseguido por suportes repressivos por Leis, Decretos e Códigos de Postura Municipais. Esse é o contexto do início do século XX, época da difusão no Brasil da ideia de progresso, de fascínio pelo novo, tempo em que o popular soava como velho, como barbárie.

Sobre essa situação, Silva (2010, p. 158), expõe:

O Bumba-meu-boi inserido nesse contexto, expresso e representado na figura de seus populares, seria, em consequência, qualificado e/ou estereotipado como *selvagem*. A brincadeira não seria bem vista pela sociedade ludovicence, isto porque a abolição não acabara com o preconceito com os negros, e nem lhes propiciara um novo trabalho. Ao andarem pelas ruas expondo suas brincadeiras, os negros eram (des) qualificados como vagabundos.

Como resultado dessa prática, surge a proibição da dança no centro da cidade, outras vezes, foi normatizada com data e hora marcada. Silva (2010), em análise às fontes catalogadas, assinala que foi possível observar um período de

perseguição ferrenha às brincadeiras populares, bem como o disciplinamento dos espaços citadinos. Constata o referido autor que, por volta de 1880 a 1890, praticamente, todas as licenças de Bumba meu boi foram indeferidas. Nas conclusões do pesquisador, a posterior liberação das licenças era resultado do processo de resistência, observado pelas vezes em que as apresentações do Bumba-meu-boi eram impostas aos seus brincantes e com a participação da sociedade que a denunciava.

A realidade apresentada situa como foi se constituindo a territorialidade do Bumba meu boi, na cidade de São Luís, formada tanto por meio das resistências às forças coercitivas como pela incorporação nessa cidade, da ideia de centro e periferia ou subúrbios, pensadas não somente como divisões geográficas, mas transcendendo para dimensões socioeconômicas, políticas e culturais. O centro era o espaço elitizado que procurava, a todo custo, banir ou, pelo menos, controlar o Bumba meu boi.

A periferia coincidia com o bairro do Anil que se tornou centro dos folguedos, local onde, tradicionalmente, o Bumba meu boi se apresentava no mês de junho; também, coincidia com o bairro do João Paulo que era o limite entre o centro e a periferia da cidade. Nesse bairro, acontece, atualmente, o encontro dos Bois de matraca no dia 30 de junho, dia de São Marçal. Há que se ressaltar, com base nas observações de Silva (2010) que esses fatos ocorridos em São Luís estavam em concordância com a realidade nacional da intenção de homogeneizar as culturas, tendo em vista que a sociedade brasileira mirava-se em modelos culturais europeus.

Além disso, em outras áreas, fora do espaço da cidade de São Luís, o Bumba meu boi sofreu perseguição, comumente os terreiros de mina do interior, nos quais as brincadeiras se apresentavam, eram destruídos. A compreensão das perseguições do Bumba meu boi, associada à homogeneização da cultura brasileira, apresenta-se consoante com a sociedade de classes orientada pela presença do Estado, que definiu cultura oficial e cultura não oficial. Nessa perspectiva, o Bumba meu boi é tomado como cultura maranhense oficial, no seio desse modelo de sociedade, fora do contexto das sociedades “primitivas”, principalmente, do índio e do negro, que são partes formadoras da etnia maranhense e os definidores de vários símbolos dessa festa, como o tapuia, os (as) Índios (as), e a negra Catirina.

O reconhecimento da festa do Bumba meu boi como cultura popular deu-se, portanto, no contexto político e socioeconômico do Estado Moderno. Tal reconhecimento, não resguardou tal cultura das ações por vezes controladora do Estado. Em análise a essa questão, no período do Governo do estado entre 1995 a 2002, Silva (2008, p. 23) observa que “O entendimento de cultura popular defendido pelo governo do Maranhão é conservador e assemelha-se à concepção romântica de folclore [...]”. Ao analisar o cadastramento das manifestações culturais por meio do governo, em prol de seu papel de administrador, apoiador e incentivador da cultura popular, a autora situa certa classificação dos grupos de Bumba meu boi, como autênticos e não autênticos, o que, de certa forma, orientou à elitização e fragmentação dessa cultura popular.

A festa foi registrada como Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, atrelado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN do Ministério da Cultura, no dia 30 de agosto de 2011, conforme já mencionado.

Nesse contexto, situamos ações governamentais do período de 1995 a 2002, analisados por Silva (2008),

Produção de eventos culturais; Instalação de museus relativos ao Bumba-meu-boi; Contratação de grupos folclóricos; Financiamento de CD, DVD dos grupos de Bois e também de outras manifestações culturais como o *Reggae* e o Tambor de Criola (que também é Patrimônio Cultural Brasileiro;

Reprodução midiática da governadora “boieira”, mídia com o discurso oficial buscando o consenso da opinião pública; Criação da Coordenação de Ação e Difusão da Cultura; O Governo assume o papel administrativo de: apoiar, incentivar e contribuir para a preservação da cultura popular e construção de espaços físicos denominados de “Vivas”, para a festa do Boi em suas comunidades; Organiza mais de 90 arraiais; Cria diferentes Slogans “Viva São João”-1998; “O São João da Consolidação de um novo tempo”- 2002 e o Plano de governo, intitulado Plano São João em 2000.

Além dessas ações, Silva (2008, p.37) expõe que:

No caso da cultura popular no Maranhão, o grupo dirigente e dominante representado pelo governo coordena interesses com os grupos folclóricos, expressões das classes subalternas, estabelecendo vínculos que se apresentam sob a forma de “interesses gerais” da sociedade. A retórica do governo é a defesa da tradição maranhense.

Nessa perspectiva, a representante do Governo Estadual passou a aparecer nos batizados na condição de madrinha e incentivadora do turismo. O Governo assumiu o papel de mediador entre as associações culturais, empresários e o

Governo Federal, sendo que, entre 1997 a 2002 os recursos passam de R\$ 250 mil para R\$ 6 milhões.

Nesse entendimento, a festa do Bumba meu boi tem, atualmente, algumas características de ações do Poder público na sua organização, podendo ser considerado como festa oficial, pois é organizada pelo Governo Municipal de São Luís e dos municípios, onde essa manifestação se faz presente e pelo Governo Estadual.

1.3 SOTAQUES E OUTRAS EXPRESSÕES

No Bumba meu boi, não existe um período ou lugar definido para o início do uso do termo sotaque na designação dos grupos de Boi. Essa classificação tem como embasamento o lugar de origem, a sonoridade e estilo de tocar.

Estudos de Azevedo Neto (1997, p.31-32) observam que os diferentes “grupos, subgrupos e sotaques são bem diferentes entre si”, com “raízes claras e incontestáveis do índio, do africano e do branco”. Em análise sobre as alterações, mesmo com a manutenção próxima das raízes, nos instrumentos, bailado e guarda-roupa, o referido autor organizou uma classificação válida nos anos de 1980, como base de origem do Boi em Grupo Africano, Grupo Indígena e Grupo Branco. O autor destaca, ainda, que o Bumba meu boi, registrado como um dos mais antigos é o subgrupo de Cururupu, sotaque Costa de mão, oriundo do grupo africano.

Essa classificação, de acordo com Sanches (2008 *apud* IPHAN, 2011, p. 101), influenciou estudos, órgãos oficiais e mesmo os brincantes, pois há uma semelhança entre o nome dos Sotaques e os subgrupos. Assim, conforme registro oficial e legitimidade junto aos grupos, o Bumba meu boi é classificado em Sotaques.

A classificação tem como embasamento o lugar de origem, a sonoridade e estilo de tocar. A figura 04 apresenta a espacialização dos sotaques, conforme ficou convencionado para essa expressão cultural.

FIGURA 04 – ESPACIALIZAÇÃO DOS SOTAQUES



A cor verde do mapa e a foto localizada na parte central e superior mostra o Amo e o zabumbeiro com sua zabumba do sotaque de Zabumba ou de Guimarães. A cor amarela clara e a foto posicionada na parte superior à esquerda com brincantes de chapéu de fita representa o sotaque Costa de Mão. A cor roxa e a foto destacando as Índias mostra o Boi de Matraca ou da Ilha. A cor azul e a foto com índias em vestes coloridas são do sotaque de Orquestra e a área destacada com linhas e a foto destacando brincante com máscara é do sotaque da Baixada.

O sotaque de **Zabumba** (foto 11) desenvolveu-se na região do Litoral Ocidental maranhense, nos municípios de Guimarães e Cururupu, mais, especificamente, nas comunidades negras. Atualmente, em São Luís, existem muitos grupos de Bois da Zabumba. O som característico desse sotaque (lento e socado) é produzido por grandes tambores ou tantãs (as zabumbas), maracás e uma espécie de tamborim tocado com a mão.

Possui, ainda, uma composição conhecida como rajado que é formado por homens que fecham a brincadeira em forma de círculo e, assim, chamam a atenção

pelos grandes e pesados chapéus de fitas coloridas. Seus brincantes usam roupas com golas e saíotes de veludo preto bordado com miçangas e canutilhos. A figura do Boi é menor do que as do sotaque de orquestra e matraca, sendo seu “couro” todo bordado com miçangas e canutilhos.

FOTO 11 – BOI DE ZABUMBA



FONTE: <http://www.jornaldolar.com.br/jornaldolar4/ilojasnoticias/noticia/>

O sotaque **Costa de mão ou de Cururupu** é assim denominado por ter surgido no Município de Cururupu, onde é predominante e pela forma como os brincantes tocam os pandeiros, com o dorso das mãos. Os personagens (foto 12) são os marujos (que tocam os pandeiros), os rajados que usam chapéu de fita e tocam um pequeno maracá, o Amo que usa chapéu de fita e maracá, índias, sendo algumas guerreiras, vaqueiros, mulheres de cordão e o casal Pai Francisco e Catirina (o papel de Catirina no Rama Santa é feito por um homem caracterizado de mulher). O grupo do Boi Rama Santa apresenta-se com três Bois, com couro bordado e barra de tecido. O som é formado pelos instrumentos maracá, pandeiro, caixa e tambor onça.

FOTO 12 – PAISAGENS DO BOI RAMA SANTA (A- ÍNDIAS; B- O BOI E O VAQUEIRO; C- CATIRINA E PAI FRANCISCO; D- VAQUEIRO; E- MARUJADO; F- MULHERES DE CORDÃO).



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Sotaque **Baixada ou de Pindaré**, predominante na Baixada Maranhense, tem como marcas principais os instrumentos percussivos como tambor-onça, caixas, pandeiros, maracás e pequenas matracas. Seus personagens são os rajados, os

cazumbas, as índias, o amo e os vaqueiros. Peitorais e saíotes bordados enfeitam as indumentárias dos vaqueiros que usam calça e camisa de cetim de manga longa. Os rajados (foto 13) usam chapéu alargado na aba frontal dobrada para cima, bordada e adornada com penas de ema. Os rajados usam roupas com golas e saíotes de veludo preto bordado com miçangas e canutilhos e, assim. A figura do Boi é menor do que as do sotaque de orquestra e matraca, sendo seu “couro” todo bordado com miçangas e canutilhos.

FOTO 13 – RAJADOS DO SOTAQUE DE ZABUMBA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2009)

Os cazumbas, também chamados cazumbás (foto14), utilizam máscaras em formato animalesco e túnicas longas bordadas ou pintadas é personagem típica do sotaque da Baixada que tem como principal indumentária batas longas, nos arraiais brincam com crianças, quando estas, não ficam com medo.

FOTO 14 – CAZUMBÁ



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2009)

Sotaque de **Matraca ou da Ilha** é predominante na Ilha de São Luís. Tem um som estridente produzido pela batida das matracas, pandeirões e tambor onça. Atrai grande público, cujas pessoas se tornam brincantes durante as apresentações por tocarem suas matracas, denominando-se matraqueiros²⁴. São destaques, nesse grupo, os três Bois com couro delicadamente bordado, o Amo que usa colete e chapéu bordado e segura um grande maracá. Os caboclos de pena (foto 15) que usam grandes coroas confeccionadas com penas de ema; pai Francisco, Catirina e o homem palha.

FOTO 15: CABOCLOS DE PENA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

²⁴ Brincante do Boi da Ilha, que toca matraca.

A burrinha que é feita de buriti e coberta com veludo bordado, tendo um buraco ao centro, a fim de possibilitar a entrada de um brincante. Completa a caracterização da burrinha grande barra de pano estampado. Outros personagens do Boi de Matraca são as índias e os caboclos de fita ou rajados que junto com os caboclos de pena formam o cordão e dançam um forte bailado. (foto 16)

FOTO 16 PAISAGENS DO BOI DA MAIOBA (A- HOMEM PALHA E PAI FRANCISCO; B- ÍNDIAS; C- CATIRINA, BURRINHA; D- CABOCLO DE FITA; E BOI)



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Os grupos mais famosos na Ilha são os Bois da Maioba, de Maracanã e o de São José de Ribamar. A toada em destaque sugere o surgimento do som das matracas e dos pandeiros.

Com uma latinha cheia de pedra foi que formou o maracá
 Com um arco de madeira coberto com couro de bicho
 E dois pedaços de pau fez a festa que aí este
 Esse ritmo gostoso
 Que ninguém sabe de onde veio
 Que a Maioba vem conservar.
 (Toada: Esse ritmo gostoso, Boi da Maioba, 2001)

O Sotaque de **Orquestra** originou-se na região do rio Munim, onde se encontram as comunidades do Boi de Morros e de Axixá, porém, um grande número de brincadeiras desse sotaque existe na Ilha de São Luís e região circunvizinha. Com um som alegre produzido por banda de instrumento de sopro e corda (piston, saxofone, clarinete, banjo e bumbo), incluindo suas indumentárias que têm uma grande variedade de cores. Dessa forma, os brincantes, que formam o cordão de pessoas, usam peitinho (espécie de babador) e saiote bordados, além de chapéu com fitas e maracás. Com danças coreografadas e bailado alegre, realizados por pessoas vestidas como índias e índios, juntamente com os demais brincantes, tal sotaque possui um forte apelo popular nos festejos juninos. A (foto 17) mostra a orquestra do Boi de Morros:

FOTO 17 – A ORQUESTRA DO BOI DE MORROS



FONTE: IPHAN (2011)

As Múltiplas expressões culturais que têm o Boi como figura central no Maranhão, vão além dos sotaques destacados. Em várias regiões do Estado, foram classificados pelo IPHAN (2011) como parafoclóricos ou alternativo compreendem: os Bois de Reis do Município de Caxias com apresentação no ciclo natalino; Boi de encantado em terreiros de São Luís; Boi de Cofo, de carnaval e de verão na Baixada e Litoral Ocidental; Boi de Cemitério, na região de Caxias e Boi-Bumbá, na região do rio Gurupi, no Norte do Estado. Esses grupos são conhecidos como Bois de promessa e não têm compromisso de apresentação anual. Entre os grupos classificados como parafoclóricos, o Boi Barrica tem destaque nas apresentações em São Luís, conforme destacamos.

Boi Barrica²⁵

Com o objetivo inicial de integrar o conhecimento cultural, a experiência artística e o fascínio pelas artes populares de uma geração de novos artistas da Madre Deus em São Luís - MA, a Companhia Boi Barrica vem provocando, desde sua origem, um amplo questionamento entre artistas, autoridades e demais segmentos sociais sobre o verdadeiro papel do artista popular no contexto social e econômico da cultura. Incentivando, assim, uma nova visão da sociedade para com as expressões artísticas populares, pois a Companhia entende que essas expressões culturais têm diversos mecanismos ideológicos a serem estudados e não, apenas, vivenciar o Boi como um simples folclore.

Para tanto, o Companhia Boi Barrica adotou como base e inspiração a herança dos folguedos e das festas populares do Maranhão já existentes. A Companhia Boi Barrica apresenta-se em ruas, praças e palcos a diversidade de ritmos e danças peculiares dos festejos juninos e carnavalescos da cultura maranhense. Igualmente apresenta outras manifestações, em espetáculos como "A Natalina da Paixão" (Natal e Quaresma), "O Boizinho Barrica à Luz de uma Estrela" (São João), e "Bicho-Terra, Peleja e Folia" (Carnaval).

²⁵ Texto baseado em documentos do Boi Barrica – Gaiola de Ouro. Disponível em: <<http://maranhaomaravilha.blogspot.com.br/2013/03/boi-barrica-gaiola-de-ouro.html>>. Acesso em: 05 dez 2015.

Como teatro de rua, o Boi barrica, na Foto 18, consegue trabalhar a revitalização dessas danças, festas e ritmos, jamais esquecendo, por evidente, o fato das péssimas condições de vida da nossa população, que leva, até hoje, o artista de rua à constante necessidade por melhores condições para produzir sua arte, como para sobreviver dignamente. Vale esclarecer que seu elenco é formado, em sua maior parte, por artistas nascidos no tradicional bairro da Madre Deus ou a ele ligados, no entanto, atualmente, existem brincantes de todas as partes da cidade, sendo eles cantores, dançarinos, compositores, músicos, artesãos, atores e poetas desta Companhia, criada em 1985, pelo compositor José Pereira Godão.

FOTO 18 – BOI BARRICA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Quanto às indumentárias utilizadas nos espetáculos, essas têm como matéria prima, principalmente, o artesanato de fibra vegetal, vindo da região turística de Barreirinhas localizada nos Lençóis Maranhenses. As roupas são criações que aproveitam os meandros de urdidura dos tecidos das próprias fibras da palmeirinha de buriti, preenchidos com cores alegres e o brilho dos canutilhos, miçangas, fitas e fitilhos, que formam a própria fantasia do Boizinho Barrica, em que é muito importante o velho toque artístico, engenhoso e alegre do povo de criar às fantasias.

Nas criações das indumentárias dos espetáculos juninos, os bordados criados pela Companhia Boi Barrica aproveitam a arte dos couros dos bois, dos peitorais e saíotes das brincadeiras tradicionais, cobertos de reluzentes estrelas de prata, luas cheias de sonhos, quartos crescentes de amor, flores e bandeirolas nas janelas, bandeiras de estados, auras de santos e auréolas de anjos e arcanjos, paisagens e praças e monumentos e praias e pontos turísticos do Maranhão.

Em relação aos ritmos e gêneros musicais maranhenses, cujos compositores da Companhia Boi Barrica exploram em suas apresentações, são diversos e abrangem diversos ciclos culturais do Estado. Porém, cabe esclarecer que o ritmo que mais se destaca é o do Bumba meu boi.

Esta pesquisa, conforme já anunciado é sobre o Bumba meu Boi Rama Santa e Bumba meu boi da Maioba. No capítulo que segue contextualizamos os lugares desses grupos.

2 LUGAR E EXPERIÊNCIA: OS LUGARES DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA

Este capítulo contextualiza aspectos históricos e geográficos particulares dos lugares nos quais o Boi Rama Santa e Maioba têm suas bases de referências.

2.1 CURURUPU, LUGAR DO BOI RAMA SANTA

O cheiro do mar trazido pelo vento, o intenso movimento de motos e a visão de casarios coloniais anunciam a chegada à cidade de Cururupu, onde fica a sede do Boi Rama Santa. O nome curioso Cururupu tem três versões: uma versão afirma que a origem do nome vem da junção do som (pu) vindo da arma que matou o guerreiro Tupinambá Cururu. Outra versão sugere que o nome vem da existência de uma fazenda de nome Cururupu, que ficava na margem esquerda do rio que banha a atual sede e uma terceira versão associa o nome à grande quantidade de sapos.

Cururupu teve como primeiros habitantes os índios Tupinambás. Posteriormente, em decorrência da expansão do modelo colonizador português, a região recebeu engenhos a vapor com base no trabalho escravo, o que proporcionou a miscigenação da população e dos costumes.

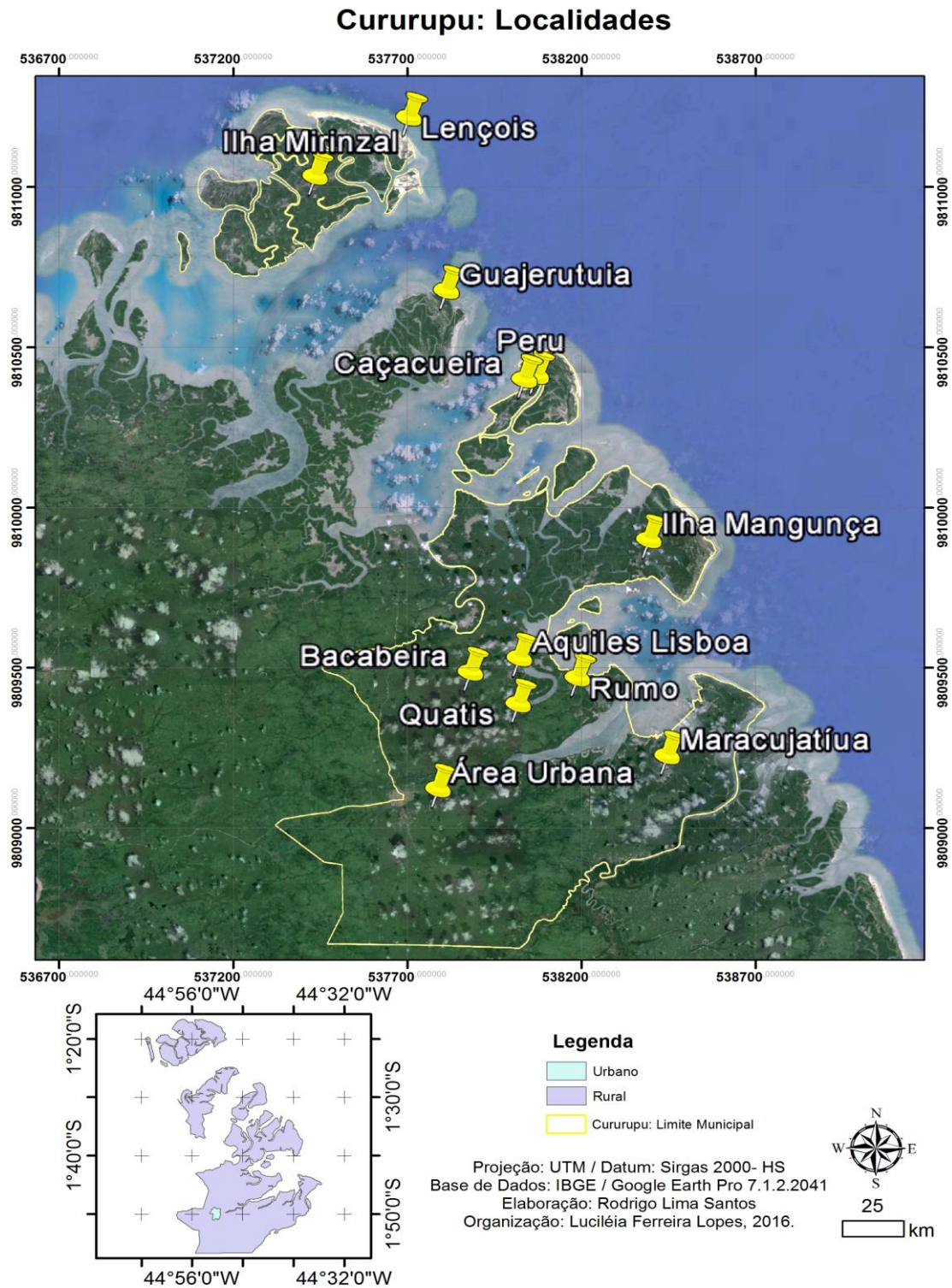
A localidade que deu origem à Cururupu foi fundada em 1835. De acordo com os moradores, o primeiro nome foi Juruaru. Depois, como resultante do domínio português na região, tem a denominação de Terceiro Distrito de Cabelo de Velha, na condição de Freguesia, sendo subordinada, administrativamente, à Guimarães. Após a independência de São José de Guimarães, em 1841, pela Lei Provincial nº 120, passa a ter a condição de Vila e a se chamar São João Batista²⁶ de Cururupu e, em 1920, pela Lei Estadual nº 893, é elevada à categoria de cidade com denominação de Cururupu.

O território do Município de Cururupu é formado por uma parte continental e outra insular, conforme apresentação na figura 05. Cururupu contém um patrimônio arquitetônico colonial de origem portuguesa na sede do município. A zona rural é composta por comunidades de lavradores e por comunidades tradicionais quilombolas de base agrícola, as chamadas “terras de preto”. Nessas comunidades,

²⁶ Padroeiro da cidade, cuja primeira igreja foi edificada no séc. XVIII por lavradores que pediram permissão ao padre da paróquia de São José de Guimarães.

é fabricada a farinha d'água que, para os cururupuenses²⁷, é a verdadeira farinha de puba, pois é colocada nos grotões de água que servem para amolecer a mandioca.

FIGURA 05 – MAPA DO MUNICÍPIO DE CURURUPU/MA



²⁷ Nascidos em Cururupu.

Nos povoados das ilhas que formam a Reserva Extrativista Marinha de Cururupu²⁸ residem os pescadores artesanais, com atividade econômica e de alimentação baseada no pescado do peixe e do camarão (foto 19). Em nível estadual, Cururupu participa de forma considerável com o abastecimento de pescado e frutos do mar, com destaque para a pescada amarela e o camarão graúdo. O tipo de pescaria é artesanal, na qual o pescador tem domínio significativo em função da prática iniciada ainda muito cedo.

As ilhas são lugares onde a água tem valor e respeito. A água doce é escassa e, por isso, cuidada e respeitada pelos moradores. A água do mar é fonte de alimento, recurso financeiro e trabalho. É observada, estudada, sentida em todos os termos. A solidez, brilho e movimento das águas do mar é o anúncio para o pescador do seu poder de uso. A água muito clara, muito grande²⁹ ou barrenta, não é boa para pescar. Com grande movimento causado pelo vento é ariscada para a navegação, pois como afirma Dardel (2011, p.21):

[...] a água mais calma responde ao sopor do mar. O 'império das ondas' é revelação da profundidade e, por vezes, do chamado abismo, como mostra a lenda das sereias: encanto enganador que vem do reino das sombras. O mar é uma força envolvente, *ambiência* em seu sentido mais apropriado; ele é um *elemento*. A tempestade revela brutalmente seu desejo de tragar.

Assim, no lugar cercado de água por todos os lados o morador das ilhas às vezes é separado e, também unido por esse espaço marinho que para ele é real.

²⁸ A RESEX, de Cururupu, foi criada pelo decreto s/n, de 2 de julho de 2004, com o objetivo de proteger os meios de vida e a cultura das populações tradicionais e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da área. Está situada na APA (Área de Proteção Ambiental), das Reentrâncias Maranhenses, criada na década de 1970.

²⁹ Nessa região as grandes marés **de sizígia** não são boas para a pesca do camarão.

FOTO 19 – PAISAGENS DE CURURUPU/MA: A) AVENIDA EM CURURUPU, B) CASA DE FARINHA E C) ESCOLHA DE CAMARÃO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Nesse espaço territorial, a geografia mítica encontrou terreno fértil para lendas, histórias, encantarias³⁰ e manifestações culturais³¹. Destacamos a festa do Bumba meu boi, apresentada nesta pesquisa pelo sotaque Costa de Mão.

³⁰ Ver tese: CORDOVIL, Daniela Corrêa dos Santos. **Etnografia, Modernidade e Construção da Nação**: Estudo a partir de um Culto Afro-Brasileiro. Tese (Doutorado). PPG em Antropologia. Brasília: UNB, 2006. E também, TV Brasil.ebe.com.br/conhecendomuseus/episódio/Centrocultural-domingos-vieira-filho-youtube.

³¹ Tambor de Criola, Festa do Divino, Bumba meu boi, Encontro do carro de Boi.

2.1.1 Boi Rama Santa

A casa/sede, em destaque na (foto 20), foi nosso ponto de referência para pesquisar o Boi Rama Santa em Cururupu. A fachada de uma casa com o letreiro do Boi Rama Santa, o urubu e o escudo do Flamengo e visualização distante da Virgem Maria. É a casa de João Tolentino, o senhor Mano e sua família e, também, é a sede do Boi Rama Santa. João Tolentino é o Amo responsável pelo Boi, Juniana, sua filha, é a coreógrafa e primeira secretária, e Maria Luíza, sua esposa, é bordadeira. A fachada da casa é um texto de identificação, carregada de símbolos que demonstra preferência religiosa, cultural e de lazer da família.

FOTO 20 – SEDE DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Tuan (2012, p. 43) afirma que “Um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo”. E a casa do João, senhor Mano? Com seus três símbolos? Certamente, a casa sugere uma experiência carregada de “topofilia”. O Boi Rama Santa sotaque Costa de Mão pertence à Associação Cultural e Recreativa Rama Santa, fundada pelo senhor Wilson, em 1961 que é a mantenedora do Boi. Os recursos são adquiridos com doações e recebimento com as apresentações em espaços particulares e arraiais. As apresentações em São Luís são pagas a partir do

atendimento ao edital lançado pela prefeitura de São Luís, cuja exigência é um portfólio com vídeos, fotos e CD. Os valores dependem da classificação a partir do edital. O Rama Santa é formado por três Bois com seus respectivos Miolos, dois Cantadores, Índias e Índios, sendo um Guerreiro e uma Guerreira, Marujados (responsáveis pelos instrumentos pandeiros), Rajados (que usam chapéu de fita e tocam pandeiro), Vaqueiros adultos e mirins, o casal (Pai Francisco e Catirina). Possuem, também, mulheres no Cordão, mulheres no Maracá e o Regente (passador de bebidas). Os instrumentos são pandeiros, tambor-onça e caixa, sendo a caixa incorporada em 2011.

A partir de 2011, o batismo passou a ser realizado na primeira semana de julho, na porta da igreja de São João, com as bênçãos do pároco. Em setembro, é realizado o ritual da morte do Boi, com o altar para São João, o mourão e o matadouro. O Boi não apresenta o auto.

Em 1970, apresentou-se pela primeira vez, em São Luís, Em 1972, foi registrado na Secretaria de Cultura do Estado e, em 2010, passou a atender ao calendário dos festejos juninos de São Luís, onde se apresenta na última semana de junho. Em Cururupu, possui calendário próprio: em julho brinca no arraial organizado por meio da associação e faz sua itinerância de apresentações em vários lugares e na cidade por contrato. Possui sede própria em São Luís, no bairro Vila Embratel, deixada pelo senhor Wilson.

Sobre a denominação Rama Santa, João Tolentino relata:

O pai do senhor Wilson tinha um terreiro chamado Pau Santo, quando o pai morreu, Wilson quis levar o terreiro para frente em homenagem ao pai. Ele levou o Boi para brincar lá, em tempos de pagar promessa, enfeitava-se o altar de São João com a rama de Pau Santo, aí, ficou o nome Boi da Rama Santa. Aqui, em Cururupu, na atualidade, terreiro é de Bumba meu boi e tenda espírita é que é o lugar do Pajé.

Sobre a denominação Sotaque Costa de mão, Juniana expõe:

Qualquer Boi Costa de Mão que existe em São Luís ou em outro lugar, a origem é daqui. Conforme contam os mais velhos e que está registrado na história do Boi, na fazenda aliança, onde tem, ainda, as marcas dessa história, tinha mão de obra negra no cultivo da cana-de-açúcar. Eles tinham as mãos calejadas do serviço, então, eles queriam fazer o ritual deles e batiam com as costas das mãos. É da nossa identidade, tem vários Bois com esse sotaque aqui.

De acordo com Juniana, sotaque Costa de Mão surgiu na fazenda Aliança, esta fazenda é, hoje, uma ruína na zona rural de Cururupu, constituindo-se uma paisagem dos tempos do trabalho escravo.

Atualmente, em Cururupu, encontramos grupos de Boi com sotaques variados como de Zabumba (a concentração desses grupos está mais na zona rural), Orquestra e Costa de mão, sendo estes, formados pelos grupos Rama Santa, Brilho de Areia Branca, Brilho da Sociedade (também conhecido por Boi de Eliésio), Boi da Soledade (Conhecido como Boi de Serrano) e Boi Fortaleza. Durante a pesquisa de campo, em algumas narrativas, apresentaram-se elementos da história do Boi em Cururupu, conforme apresentamos:

Um senhor cobrou uma festa dos escravos. Tinham um Tambor de Criola – a festa durava 2 dias. Esse senhor oficializou a festa para outras pessoas. Aí, os escravos, já com as mãos calejadas de bater Tambor de Criola, passaram a bater com as mãos, usando 3 paradas de batidas e, aí, nasce o Costa de Mão.

(JOÃO TOLENTINO, BOI RAMA SANTA, 2015).

A brincadeira do Boi quando começou aqui foi com Costa de Mão e Zabumba. O pessoal fala que Zabumba é de Guimarães, é verdade, mas acontece que Cururupu e Guimarães eram um lugar só, quando foi dividido, Cururupu ficou com Costa de mão e Guimarães ficou com zabumba, porque é o que tinha mais para banda de lá.

(MARIA LUIZA, BOI RAMA SANTA, 2015).

As narrativas reiteram o que consta nos documentos oficiais (IPHAN, 2011), além de acrescentar novos elementos, como os das narrativas anteriores, associando o Tambor de Criola e o sotaque Costa de Mão, sinalizando para o entendimento de que o Boi é incorporado ao sotaque. É pertinente situar, ainda, o que o Boi Costa de Mão tem a figura de Catirina e Pai Francisco, porém, sem apresentação do auto, não existe a matança. A foto (21) retrata o Boi Rama Santa no Centro histórico de Cururupu.

FOTO 21 – BOI RAMA SANTA - CENTRO HISTÓRICO DE CURURUPU/MA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L.. (2015)

Destacamos que em Cururupu ocorreu intenso trabalho dos negros nos engenhos³², oriundos da região da Costa D' Ouro, Almeida e Guiné (África) cujas danças, sons, crenças e religiosidade, encontram-se no Tambor de Criola, nos rituais dos pajés e no Bumba-boi. Porém, no Boi percebemos, também, elementos da cultura indígena e portuguesa associados. Podemos considerar que as festas em lugares onde ocorre a chegada de outros grupos, passam a ser espaços de afirmação de experiências muito particulares, tanto para quem chega, como para os nativos. Em observação à chegada do europeu na Oceania, Dardel (2011) observa: “Essa relação fundamental do grupo social com sua “geografia”, sob a forma de participação, de circulação da vida, de celebração é mantida, fortalecida, pelas cerimônias e festas.”

Pacheco (2000) observa semelhanças desse sotaque com certas regiões de Portugal e em alguns países árabes. As semelhanças dizem respeito à maneira

³² No século XIX, a fazenda Bitiua tinha contato direto com navios negreiros que realizavam o tráfico diretamente da África. Os escravos trabalhavam nos engenhos de cana-de-açúcar e na produção de farinha de mandioca com técnica dos índios. Por longos anos, nessa região, a população negra excedia em muito a população livre.

como os brincantes seguram os instrumentos, no caso são pendurados com fortes fitas coloridas em torno do pescoço e batidos com a costa de uma das mãos, enquanto a outra apoia o instrumento, conforme na (foto 22), que mostra os Marujados e os Rajados (com chapéu de fita) do Boi Rama Santa, tocando os pandeiros confeccionados por artesões locais com zinco ou bacia de alumínio ou comprados no comércio. Outra observação é a estrutura rítmica das toadas que se baseia na batida principal dos pandeiros, que lembra o Vira português e pode ser representada por três semínimas e uma pausa em compasso 4/4.

FOTO 22 MARUJADOS E RAJADOS DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L.. (2015)

2.2 MAIOBA E SÃO LUÍS, LUGARES DO BOI DA MAIOBA³³

De modo geral, as pesquisas que envolvem o Boi da Maioba têm como ponto de referência o bairro da Maioba, localizada no Município de São José de

³³ Maioba é nome de origem indígena, de um arbusto conhecido, também, como mata-pasto, encontrado em grande quantidade na região, no período do povoamento.

Ribamar³⁴, na região metropolitana de São Luís. No entanto, nossa pesquisa aponta para vários lugares, considerando que o Boi da Maioba é o encontro de pessoas nas diferentes festas nas quais esse Boi participa, além de ser organizado, brincado, amado por pessoas de várias localidades da Ilha de São Luís.

2.2.1 Boi da Maioba

O Boi da Maioba tem o mesmo nome do bairro onde, segundo afirmam as pessoas que contam sua história, a brincadeira surgiu. Contam que o Boi surgiu como a brincadeira do “Boi de Cofo”, organizada por moradores que, com espontaneidade de festejar os santos juninos, reuniam-se para cantar versos, tocar e dançar. A festividade seguia o mesmo ritual dos dias de hoje: ensaios, brincadas e morte. No período dos ensaios e brincadas, fazia itinerância nos povoados circunvizinhos. No dia da morte, ocorria o leilão da cabeça do Boi, o arrematador era o responsável por realizar a brincadeira do ano seguinte³⁵.

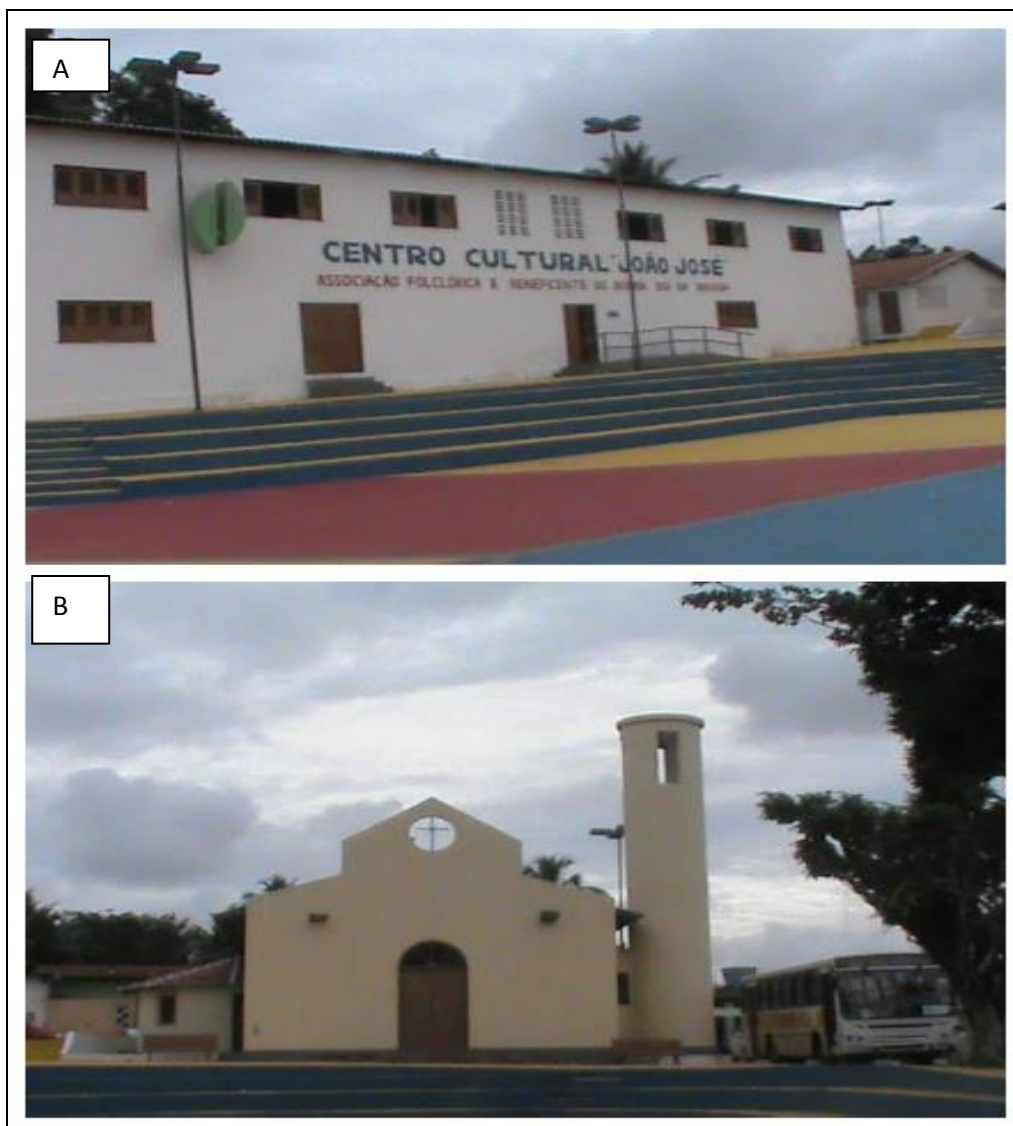
Atualmente, o Associação do Boi da Maioba tem “barracão”/sede, localizado na praça Viva Maioba, onde são guardados instrumentos, roupas, mastros, o Boi e outros artigos³⁶ conforme (foto 23). Nesse local, ocorre a realização dos eventos (festas e rituais) do ciclo: ensaios, batismo, levantamento do mastro, que é levantado em homenagem a São João, e do mourão de preparação da morte. O batismo é realizado pelo padre da igreja de São João Batista.

³⁴ Não existe consenso sobre a localização da comunidade Maioba. Em alguns documentos, consta São José de Ribamar, outros, consta Paço do Lumiar.

³⁵ Texto norteado com informações a partir da entrevista do senhor José Inaldo.

³⁶ Na década de 1990, Governo do Estado construiu os Vivas da Madre Deus, da Maioba, do Monte Castelo, do Anjo da Guarda, da Vila Embratel, da Bairro de Fátima, Cidade Operária, da Liberdade, do Maracanã e da Fé em Deus.

FOTO 23 – PRAÇA VIVA MAIOBA: A) SEDE DO BOI DA MAIOBA E B) CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2014)

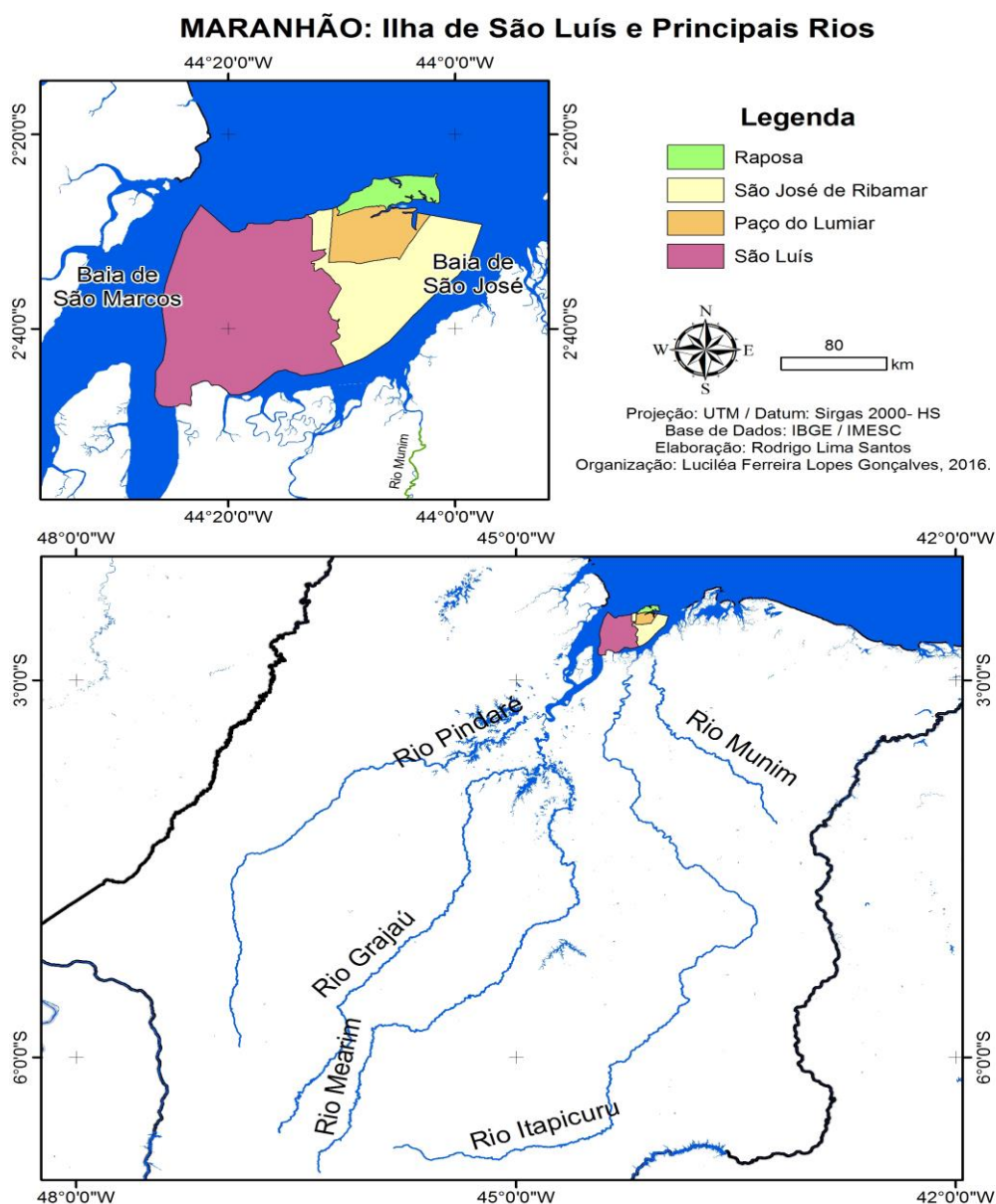
Boi de cofo, Boi de Buriti, o Boi cresceu e rompeu a cerca, andou a pé, às vezes, com faróis nas mãos para brincar em lugares cada vez mais distantes. Entre encontros e desencontros, a trajetória do Boi é a história formada por Joaquim Caputo, Bernardino, Zé Gogó, João de Chica, Alemão, Peixoto, João Fufu, Orcino, Zé João Rubim, Peixoto, José Ribamar Ferreira (Calça Curta), entre outros, que proporcionaram a estruturação e crescimento do Boi da Maioba.

No espaço territorial que forma a Ilha, encontram-se quatro municípios: São Luís, capital do Estado, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Em todos, encontramos grupos de Boi de todos os sotaques, com atenção para Paço do

Lumiar, São José de Ribamar e São Luís, quanto à espacialização dos Bois mais famosos do sotaque de Matraca (Boi de Ribamar, Boi da Maioba e Boi de Maracanã).

A Ilha em referência é São Luís que, chegando por terra, ou através do espaço aéreo, a visão é o encontro das águas, o mar recebendo os rios Mearim, Pindaré, Itapecuru e Munim. É uma geografia que favoreceu o deslocamento e sobrevivência dos primeiros moradores, bem como a chegada dos brancos e negros. Na Figura 06, registra a localização dos municípios da Ilha.

FIGURA 06 – MAPA DA ILHA DE SÃO LUÍS/MA



Esse espaço tem as marcas de seus primeiros moradores na arquitetura, nos sabores, cheiros, música, culinária da cidade de São Luís. É a cidade de muitos nomes: “São Luís do Maranhão”, “Jamaica Brasileira”, “Ilha do Amor”, “Atenas Brasileira”, “Cidade dos Azulejos”, “Capital Brasileira do Reggae”, “Ilha Magnética”, “Capital da França Equinocial” e “Ilha Bela”, “Ilha do amor” e “Cidade Boiera”.

São Luís, Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, título adquirido em 1997, junto à UNESCO, por seus casarões e conjunto arquitetônico, com destaque para os prédios das igrejas. Nos casarões, o destaque são as fachadas revestidas com azulejos, de origem árabe. O azulejo foi introduzido, em Portugal, com a invasão da Península Ibérica, a partir de 711, e trazido para o Brasil pelos portugueses como lastro nas caravelas. O professor Paulo César Alves de Carvalho aponta, em suas pesquisas, ter sido, no Brasil Colonial, que os chamados azulejos de tapete ou padrão começaram a ser usados como revestimento de paredes, possivelmente, em Salvador³⁷. A (foto 24) retrata a Rua Portugal, em São Luís, no período junino, quando muitos lugares da cidade são enfeitados com bandeirolas.

FOTO 24 - CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS/MA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L.(2014)

³⁷ Texto referenciado a partir de MARTINS, José Reinaldo. A reinvenção de azulejar em São Luís. In: **São Luís 400 anos**. O Estado do Maranhão. Edição Especial, São Luís: O Estado do Maranhão, 8 de setembro de 2012, p. 25-28.

Contada em verso e prosa, São Luís suscitou, por meio da geografia mítica, telúrica e no espaço construído no qual são encontrados casarões, becos, escadarias, sabores, sons, linguagem, estórias e lendas e cheiros e na natureza, inspiração para escritores, poetas, cantadores de Boi e músicos, conforme verificamos em *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; em *Poema Sujo*, de Ferreira Gullart; em *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello; nas letras da canção, de Carlinhos Veloz, e na toada, do Boi da Maioba. Exemplificamos, a seguir:

Mas, sobretudo meu
corpo
Nordestino
Mais que isso
Maranhense
mais que isso
sanluisense
mais que isso
ferreirense
newtoniense
alziense

(Poema Sujo, Ferreira Gullart)

A Rua do Passeio, longa, retilínea, parecia não ter fim.
Casas de azulejos de um lado e de outro, com grades de ferro rendilhadas,
vidros coloridos no leque das janelas, um ou outro portal de pedra.

Os Tambores de São Luís Luís, (Josué Montello)

Que ilha bela que linda tela conheci
Todo molejo todo chamego coisa de negro
Que mora ali
Se é salsa ou rumba balança a bunda meu boi
Deus te conserve regado a reggae
Oi oi oi oi
Que a gente segue regado a reggae
Oi oi oi oi
Quero juçara que é fruta rara
Lambusa a cara e lembra você
E a catuaba pela calçada
Na madrugada até o amanhecer
Na lua cheia Ponta d'areia
Minha sereia dança feliz
E brilham sobrados, brilham telhados da minha linda
São Luís

Ilha Bella (Carlinhos Veloz)

Se levantou cavou barreira.
Meu boi urrou fazendo meu povo feliz
Saudando minha cidade a grande São Luís
Depois saiu fazendo grande confusão
Derrubou o castelo destruindo o medalhão

No Ribamar o boi grandalhão se acabou.
 Eu tive pena daquele grande cantador
 No Iguaiá Zé Alberto chorou
 Saiu dizendo meu cunhado nosso tempo já passou
 Meu boi urrou levantou barreira
 Touro respeitado na Atenas brasileira

(Toada Urrou: Boi da Maioba)

São Luís agrega todos os sotaques de Boi com significativa representação de todos eles, tanto como sítio originário como lugar de apresentações, dos sentidos e dos significados do Boi do Maranhão. É digno de destaque apresentar elementos que estão imbricados no botar o Boi desses grupos, aqui estudados.

No Boi da Maioba, o romper a cerca, tempos atrás, possibilitou a chegada até o bairro do Anil, considerado o limite entre a zona rural e a urbana da capital, posteriormente ao bairro do João Paulo e centro da cidade. Superando limites e proibições, juntamente com outros grupos, o Boi da Maioba tem lugar garantido nas duas principais festas do ciclo junino. No dia de São Pedro, encontro dos Bois na igreja de São Pedro para a Alvorada dos Bois, e dia de São Marçal, com o encontro dos Bois de Matraca, na Avenida São Marçal³⁸, no bairro do João Paulo. Essa festa que arrasta milhares de pessoas tem o Boi da Maioba como principal atração que encerra a festa, onde se realiza o arrastão da Maioba pelos seus brincantes. O Boi da Maioba participa, também, do arrastão do Maiobão³⁹ e do arrastão de São José de Ribamar.

Outro elemento a ser destacado é a presença do Boi da Maioba e do Boi Rama Santa nos arraiais de São Luís. Os arraiais são organizados na cidade em comemoração aos santos juninos e patrocinados pelo Governo do Estado, Governo Municipal, Associações e moradores. Diferentes grupos folclóricos são contemplados na programação dos arraiais como: Tambor de Criola, Quadrilhas, Dança do Coco, Cacuriá, porém, a predominância é de grupos de Boi. Seja na condição de grupo em Salvaguarda, no caso, o Rama Santa, seja como batalhão pesado, no caso o Boi da Maioba, esses Bois apresentam-se nos mesmos arraiais, muitas vezes, no mesmo dia. A (foto 25) ilustra o Arraial Maria Aragão, organizado

³⁸ Avenida São Marçal que foi sancionada em 2006, pela prefeitura de São Luís, a Lei alterou o nome de Avenida João Pessoa para São Marçal.

³⁹ Bairro do Município de Paço do Lumiar é considerado a zona urbana desse município.

com recursos da Prefeitura de São Luís e patrocinadores, onde milhares de pessoas têm acesso gratuito durante o período junino.

FOTO 25 – ARRAIAL MARIA ARAGÃO EM SÃO LUÍS/MA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Estudos acadêmicos, como em Abernaz (2004), indicam que a grande concentração da cultura popular maranhense, em São Luís, sugere que esse fato tenha relação com imigração, por ser sede do poder político, ter sido reduto dos povos formadores do Maranhão e concentração da mídia. No que se refere ao fator migração, cabe anotarmos experiências encontradas durante pesquisa bibliográfica de migrantes, quanto às paisagens encontradas em São Luís do Bumba meu boi, remetendo-os às lembranças do seu lugar de origem, conforme exposição.

Em sua experiência com o lugar, José de Jesus Figueiredo revela sua experiência com o Boi de Viana, descrevendo o som que identifica:

Em 1956, quando morava com minha tia, na Rua do Coqueiro, abaixo do ginásio Costa Rodrigues, no bairro do Curupira, numa determinada noite escutei um batuque de boi... Ih! Rapaz! Quase fico doido em casa. Era o boi de Viana, do finado José Apolônio, [...]. Era justamente o mesmo sotaque da minha terra. [...] Tive vontade de correr atrás, mas, chegando recentemente a São Luís, não tinha autorização da minha tia para sair. Fiquei só curtindo e não sei o que aconteceu. Numa outra oportunidade, eles foram brincar lá perto e não tive como resistir. Eles amanhecaram e corri para ver [...]. [...] Quando ouço o batuque do meu sotaque, fico trêmulo.

[...] O Batuque sereno, pegando firme, a rapaziada cantando uma toada, todo mundo abrindo a boca certinho, a toada entoando, ô! Aquilo é lindo, lindo demais. Sinceramente, é aí que é a minha diversão [...]. (MARANHÃO, 1999, p. 101-114).

E o som se traduz em sentimento, lembrança, ligação com o mundo inicial. Conforme Torres (2014, p. 50), “Os sons possuem relação direta com a memória. Ao ouvir determinados sons, ou sequência, uma pessoa pode rememorar momentos vividos no passado”.

Essas experiências reveladas pelos brincantes a partir dos sons são resultantes do sentimento de pertencimento e identificação com o lugar. Também, João Francisco assegura seu pertencimento “Nasci na Maioba, de onde nunca sair”. Igualmente, José Raimundo Ferreira afirma “nascido e criado na Maioba” Também, José Costa de Jesus relata:

Eu era de família pobre, aqui na Maioba. [...] Fiz um boi e dei à Maioba: brincou seis anos. Compus uma toada referente aos 100 anos: quem entendeu, agradeceu; Numa ocasião, quando João Goulart estava na presidência, veio aqui; o boi da Maioba apresentou-se no Palácio dos Leões. (MARANHÃO, 1999, p. 147- 149).

Os sotaques de Matraca ou da Ilha, Costa de Mão ou de Cururupu, Zabumba ou de Guimarães, Baixada e Orquestra, pelas leituras das memórias, em São Luís, procedem do movimento real da vida dos brincantes, como migrar, criar, pagar promessa a São João, ter dificuldades, desavenças e outros. Esses eventos são, às vezes, responsáveis pelo aparecimento de mais um Boi⁴⁰. Assim, como resultante da relação do homem com seu lugar de vida, a festividade do Bumba meu boi, no Maranhão, continua se re(construindo). Os depoimentos apresentam igualmente, por meio das memórias dos brincantes que o aparecimento de um grupo de Boi está, intimamente, ligado à família, conforme apresentamos o depoimento do senhor José Costa de Jesus:

Mãe Rita, está com a idade de 106 anos, conta que teve dois bois: no Durico era de Simplício. Depois vieram o boi do Piri, perto da Pindoba, e da Trizidela, do avô Raimundinho, o do Estribão, em que meu avô brincou; depois veio o do senhor Pedro Botijão, que era da minha família do meu tataravô, por aí... A brincadeira era assim, suponhamos: aqui, nesse local onde moro, fazia-se. Para outro ano, uma pessoa pegava a cabeça do boi e fazia lá na frente; continuou assim. De uns tempos para cá, mudou. (MARANHÃO, 1999, p. 162-163).

⁴⁰ É o Boi, aqui, pensado como mais uma brincadeira ou grupo que pertence a alguém ou a uma associação com brincantes, cantador, Pai Francisco, vaqueiros, Catirina, Índias.

Por terem sido personagens dos fatos narrados, os depoentes constituem-se em provas dos mesmos, denotando relevante contribuição para a história do Boi.

O Boi da Maioba é administrado pela Associação Folclórica Beneficente Bumba-boi da Maioba e presidida por José Inaldo Ferreira. O Boi é formado por dois Bois, duas Burrinhas, Apoiadores, Vaqueiros, Catirina e Pai Francisco, Homem Palha, Índias, Caboclos de Pena, Caboclos de fita, Cantadores, Tocadores de matracas e Tocadores de pandeiro. Esses brincantes formam um grupo de cerca de 120 pessoas sem os agregados⁴¹.

A contextualização dos lugares dos Bois Rama Santa e Maioba delineou experiências no fazer a festa em diferentes lugares, no qual o sentido do lugar perpassa seu conteúdo geométrico. Em vista disso, abordaremos o conceito de lugar na geografia como base da interpretação das geograficidades.

⁴¹ Brincante do Boi que não faz parte do grupo oficial.

3 LUGAR, CATEGORIA PARA INTERPRETAÇÃO DAS GEOGRAFICIDADES

A palavra ‘lugar’ significa originalmente ponta de lança. Na ponta de lança, tudo converge. No modo mais digno e extremo, o lugar reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz tudo o que recolhe de maneira a somente assim entregá-lo à sua essência. (HEIDEGGER, 2012, p.27)

A compreensão de geografia está na relação entre as pessoas e os lugares, lugares compreendidos como o encontro com os sujeitos, espaço experienciado, vivido. Nesta perspectiva, envolve os “lugares configurados do mundo”, do “ser-no-mundo” pelo qual suas referencialidades e significatividade por meio de sua cotidianidade se mostram.

Para Dardel (2011), geografia se refere à cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem em que se realiza a existência humana. “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geografia* do homem como modo de sua existência e de seu destino”. (DARDEL, 2011, p.1-2. Grifo do autor).

O que define a geografia? O Homem que é existência, presença na Terra, que é suporte de sua existência e elemento de seu desenvolvimento. É o Ser-no-mundo. A situação, direção e a distância mundo e lugar onde ele se move um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência. (DARDEL, 2011, p. 14. Grifo do autor).

Na geografia ocorreu direcionamento epistemológico ao conceito de lugar, nos últimos anos, tem sido por esse caminho as discussões de lugar na Geografia. Neste capítulo, inicialmente, discute-se as contribuições da obra de Eric Dardel para a geografia. Na sequência, apresenta-se a compreensão de lugar em Dardel, (2011), Relph, (1970 e 1973), Yi-Fu-Tuan (1974, 1977) e Holzer (2011). As discussões sobre lugar provenientes desses teóricos norteiam a compreensão de lugar no Bumba meu boi no Maranhão, por meio de seus símbolos e mitos.

3.1 ABORDAGEM GEOGRÁFICA DE LUGAR

Nas discussões sobre Lugar, na Geografia humanista frequentemente, os autores dessa abordagem dialogam com Heidegger e Eric Dardel. Autores como Holzer (1999, p. 76) ressaltam que [...] “é necessário um retorno à ontologia da geograficidade e uma análise da importância do lugar para a constituição da própria geografia”. Sobre essa questão, Holzer considera que a grande contribuição foi do filósofo Heidegger.

Em estudo sobre lugar, Holzer (1999, p. 68), apoiado em Relph (1976), esclarece que por “50 anos relacionou-se o conceito de lugar à origem da própria disciplina” com um significado locacional. Holzer apresenta as contribuições de Eric Dardel (1952) e de Lukermann (1964) sobre a geografia e o lugar. De Dardel (1952), expõe: “[...] ao propor um estudo fenomenológico da geografia, se referia à geografia vivida em ato, a partir da exploração do mundo e à ligação do homem com sua terra natal”. Holzer (1999, p. 68), de Lukermann (1964), cita:

A coisa sobre a qual a Geografia se dedica são os fatos da área (*areal facts*). É sobre isso que a Geografia sempre fala. É do conhecimento do mundo como ele existe nos lugares. Como é o mundo – ou como nós vemos o mundo dividido em lugares e regiões, esta é a questão geográfica. (HOLZER, 1999, p. 68).

Sobre esse entendimento, o conceito de lugar na geografia passa a ser destituído de suas conotações, exclusivamente, locais para ser compreendido:

[...] enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos ‘espaço’. (HOLZER, 1999, p. 70).

É digno de destaque também que as abordagens sobre o conceito de lugar na Geografia denotam semelhança entre o que os fenomenólogos chamam de “mundo” e o que os geógrafos chamam de “lugar”. Alguns pesquisadores avaliam essa semelhança como a virada para uma ontologia geográfica. De acordo com Marandola Jr (2010, p. 7), os geógrafos humanistas, principalmente os estadunidenses, usam os conceitos de Heidegger: *Da-sein* – Habitar (*dwelling*) – *Ser-no-mundo* – Identidade e diferença – Autenticidade – Quadratura do habitar – Entendimento do tempo – Comportamento – práticas corporais em seus trabalhos.

Sobre o conceito de lugar na obra de Dardel, Holzer (2010, p.3) afirma:

Dardel, em 'O Homem e a Terra' não dedica um capítulo ou item específico para discutir a questão do lugar. Ao contrário o conceito permeia o texto como fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais do ser-no-mundo.

Vários são os registros da noção de lugar como relações temporais e espaciais do ser no mundo, de sua geograficidade. Dardel (2011, p. 40-42) expõe: “Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações indicadas por *habitar, construir, cultivar, circular*, a Terra é experimentada como *base*”. Influências de Lévinas, no pensamento de Dardel (2011) igualmente são registradas quando escreve sobre lugar:

Em nossa relação primordial com o mundo, tal como se manifesta nesse gesto banal, ao nos abandonarmos assim 'às virtudes protetoras do lugar', firmamos nosso pacto secreto com a Terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, 'repouse'. É desse 'lugar', base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o 'lar', o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. (DARDEL, 2011, p. 40-41).

Ao propor que lugares são essenciais na construção de outros conceitos espaciais, enfatiza o conceito de paisagem como uma manifestação mais ampla e complexa que a do lugar, ela realiza todas as relações homem/Terra que se encontram além da ciência.

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida, ainda, que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

Assim, a existência e a realidade geográfica do ser é o seu lugar pensado não somente como base material. Dardel (2011, p. 33-34) afirma que a “geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou me interessa em mais alto grau: minha inquietação, meu sucesso, meu bem estar, meus projetos, minhas ligações”.

Relph (2014), igualmente, elabora discussões sobre lugar, nas quais introduz o termo lugaridade. Em trabalhos mais recentes, o autor esclarece que é

pertinente pensar possíveis razões para o estudo do lugar. Além de situar que é necessária a distinção entre lugar e lugares. O referido autor expõe:

Geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. (RELPH, 2014, p. 22).

Segundo as interpretações de Relph, (2014, p.22, 27), alguns dos mais importantes aspectos de lugar são:

QUADRO 01 - INTERPRETAÇÕES DE RELPH SOBRE LUGAR

Lugar como reunião	Um lugar “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única.
Localização	Característica comum, mas não essencial do lugar, pois altera princípios da experiência. Ex: <i>Website</i> , lugar virtual.
Fisionomia do lugar	Sugere a forma de um lugar, colinas, vales. Forma objetiva para se compreender as diferenças entre os lugares; ideia difícil de definir, pois não é possível caminhar ao redor de uma paisagem e determinar onde ela começa e termina.
Espírito de lugar	Associado a lugares excepcionais. Lugares que têm uma identidade muito forte e todas as partes parecem funcionar perfeitamente em conjunto.
Sentido de lugar	Capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades.
Raízes de enraizamento	Seguindo a teoria rizomática de Deleuze e Guattari, podemos ter raízes simultâneas em vários locais diferentes, mas conectados. Compreensão da transitoriedade e do transnacionalismo que permeia a experiência de muitos.
Interioridade	Familiaridade, conhecendo o lugar de dentro para fora. Estar em casa é, para muitas, uma intensa interioridade.
Lar	Onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar à saudade.

Lugar - sem – lugaridade e não- lugar	Quando a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente. São os lugares padronizados, os supermercados, por exemplo.
Nós	Para Harvey e Massey, os lugares são os nós das redes nacionais e internacionais.
Exclusão/ Inclusão	A crítica da economia política tem mostrado que o forte apego ao lugar é uma atitude exclusivista- este é meu lugar e você é diferente.
Sentido contaminado de lugar	Da atitude exclusivista, é um sentido contaminado do lugar. Enraizamento, convicção, geradora de visão preconceituosa de limpeza étnica.
Construção de lugar	Atrativo de arquitetos e planejadores em proteger ou recuperar patrimônios. Em uma perspectiva mais complexa, lugares somente podem ser feitos por quem vive e trabalha neles.
Fabricação de lugar	Proporcionados pelo capitalismo e pelo turismo que manipulam identidades de lugares em outros lugares.

Fonte: RELPH (2014)

ORG.: GONÇALVES,L.F.L (2015)

Ao expor sobre lar como a essência de lugar, Relph (2014, p. 29) admite que sua interpretação de lar, atualmente, seja mais complexa do que discussões passadas. Esclarece que a referida mudança está em conformidade com “[...] as recentes interpretações de Jeft Malpas do pensamento de Heidegger com uma filosofia em que ser e lugar estão intrinsecamente ligados”.

Sobre esse entendimento, Relph (2014, p.30), esclarece que Heidegger “[...] utilizou muitas metáforas para tentar explicar sua compreensão de ser” Nesse entendimento situa que “A metáfora que ressoa de forma mais forte com lugar e geografia é o ‘habitar’” (RELPH, 2014, p. 30).

Pádua (2013, p. 153), em estudo sobre as obras de Yi-Fu Tuan, apresenta como marca a obra *Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature* para opção do autor por abordagem humanista de fundamento fenomenológico-existencialista em geografia.

Nesse caminho, Tuan discute mundo e lugar, afirmando:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (*fields of care*), mas o poder dos símbolos públicos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1979, *apud* HOLZER, 1999, p. 4).

As concepções de mundo, nas obras de Tuan, de forma dual modificam-se. Nos anos de 1960, o autor tratava a dualidade do mundo com o ambiente. Com a globalização, nos anos de 1980, esse autor agrega novas dualidades. Primeiro indivíduo com a comunidade, depois, lar com cosmopolitismo, muito mais próximo do sentido de mundo. (PÁDUA, 2013, p. 60).

Podemos apresentar, ainda, como ideias de Tuan, expondo sua clássica e muito usada definição de lugar como a “pausa no movimento”. Essa ideia, conforme Marandola Jr. (2013, p. 9), “é bastante questionada no contexto da fluidez da experiência contemporânea”.

Também, sobre essa discussão, Pádua (2013, p. 51) considera que “[...] o autor não se remete, por exemplo, à necessidade da pausa no espaço, desconsidera a dinâmica inerente a tudo que existe e, em especial, àquilo que se relaciona à humanidade”. No entanto, Pádua (2013) concorda com Tuan em que “[...] precisamos de tempo para criar um lugar para que possamos acumular experiências [...]”. E que, além do tempo, o lugar [...] “precisa ser vivido, experienciado, ele é criado como qualidade da consciência e da intencionalidade”. (PÁDUA, 2013, p. 51).

Marandola Jr. (2013, p. 7) ressalta que, ao discutir sobre espaço e lugar, Tuan (2013) proporciona um entendimento de que “o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimentos e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”.

Na introdução do livro, Tuan (2013, p. 11) afirma que “‘Espaço e lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns. [...] O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

Pádua (2013, p. 60), igualmente, enfatiza que, para Tuan, “é muito forte a marca da restrição do lugar, ou seja, o enraizamento [...]”. Do enraizamento à liberdade, ocorre a perda do lugar, mas acontece o lançar-se ao mundo.

Consoante ao exposto, ressaltamos a influência do pensamento de Martin Heidegger às discussões sobre lugar na Geografia. Por conseguinte, nas próximas linhas, seguem explanações sobre lugar em Heidegger, tomando como referência Saramago (2008); (2009); (2014).

Saramago (2009) esclarece que o caminho do pensamento de Heidegger é marcado por três momentos: no primeiro, a abordagem é o sentido do ser, com a obra “Ser e Tempo”; no segundo, a abordagem é verdade do ser com as obras “A origem da Obra de Arte” e “Carta sobre o Humanismo”; e, no terceiro, é o lugar do ser ou por meio do ser como lugar, com a obra “Da Experiência do Pensar”. Para o terceiro momento, a autora esclarece que o sentido de lugar, aí, não é o locacional, mas como tema ligado à poesia e à linguagem. Expressa, ainda, que “espaço e lugar são dois conceitos que em sua filosofia não se pode separar ou confundir. Ele fala destes conceitos sob os ângulos da ciência, da tecnologia, da arte, do mundo da vida, do cotidiano”.⁴²

É por meio do caminho de Heidegger para responder à pergunta pelo sentido, verdade e lugar do ser, que Lúcia Saramago encontra a *Topologia do ser*:

‘Topologia do ser’ é uma expressão que Heidegger cunhou em 1947. Esbarrei com ela pela primeira vez em seu livro *Da experiência do pensar*, escrito de maneira poética. Em um dos trechos dessa obra, Heidegger trabalha a vizinhança entre a filosofia e a poesia, como dois ramos de um mesmo galho. Ao mesmo tempo em que filosofia e poesia são próximas, existe uma diferença marcante entre elas. Nesse livro, Heidegger diz: ‘O poetar pensante é, na verdade, a topologia do ser. Ela diz a este o lugar de sua essência’. Encontra-se aí o dizer e o lugar, a *topologia*. A topologia do ser está, assim, associada à indicação para o ser da sua própria essência, que se dá a conhecer por um pensamento que é um poetar pensante, algo – assim como a poesia – (SARAMAGO, 2009, p. 2).

Assim, ao discutir sobre espaço e lugar em Heidegger, Saramago (2014) esclarece que as abordagens sobre lugar já estão presentes na década de 1920, ao apresentar fenomenologicamente o *mundo* e observa:

⁴² “Heidegger pensou o espaço em sua vinculação ontológica com a noção de lugar, considerando este último como em seu sentido mais tangível: os lugares do mundo” (SARAMAGO, 2014, p. 194).

[...] Este, um dos mais fundamentais conceitos de toda a filosofia de Heidegger e que será amplamente desenvolvido em *Ser e Tempo*, deve sua importância e complexidade principalmente ao fato de Heidegger afirmar a unidade indissolúvel entre *mundo* e *existência* (*Dasein*); ou seja: na palavra 'existência' já é explicitada a unidade entre mundo e vida humana. Suas considerações sobre o conceito de lugar e espaço - ou sobre a *espacialidade*, como ele prefere chamar – focalizavam, naquele momento, a compreensão e a interpretação do entorno do mundo, tomando como referência primordial o ocupar-se, deslocar-se e o habitar do homem. (SARAMAGO, 2014, p. 194).

No que se refere a esse entendimento, a autora em questão, igualmente, expõe sobre o pensamento de Heidegger, na compreensão e interpretação do mundo circundante, fundamentado no caráter de *encontro*. Nesses termos, ressalta:

E esse encontro constantemente se efetiva por ser o mundo constituído por uma rede de remissões, onde cada coisa remete à outra, dotando esse encontro de *significatividade*. Esta pressupõe que cada coisa ganha seu sentido apenas a partir da conjuntura em que a encontramos e jamais a partir de si mesma, tomada isoladamente.'. (SARAMAGO, 2014, p. 194-195).

Também, considera que Heidegger já insinua uma conexão entre o sentido das coisas e seu lugar próprio e estabelece que as primeiras associações ao pensamento do autor sobre lugar são realizadas de forma pragmática, utilitária e com “[...] sua indissolúvel vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida como *abertura de sentido* das coisas”, sendo “marcada por dois aspectos: disponibilidade e caráter utilitário e no fato de que cada *coisa traz consigo todo o resto*”.⁴³ (SARAMAGO, 2014, p. 194-195, grifo da autora).

Assim, o entendimento de lugar evolui da fenomenologia do utensílio⁴⁴ para a busca da verdade do Ser por meio da poesia e da linguagem, dando novas interpretações ao céu, à natureza, à terra, a Deus, aos mortais que evoluem até a quadratura, quando o mundo passa a ser compreendido como reunião entre Terra, Céu, Deus e os mortais.

Mas, desde o início, Heidegger exclui qualquer análise geométrica de lugar⁴⁵. Parte sempre da compreensão, que é mais original e própria do ser. Disso,

⁴³ “As coisas – e aqui podemos considerar como coisas desde um simples utensílio até um objeto arquitetônico, como um templo ou uma ponte, por exemplo no âmbito da cotidianidade, dentem não apenas o poder de reunir os homens em torno de si, mas também o de configurar lugares [...]” (SARAMAGO, 2014, p. 195).

⁴⁴ Relação com os utensílios que nos rodeiam em nossa lida cotidiana, os “entes à mão”.

⁴⁵ Heidegger jamais aceitou uma abordagem objetificadora de lugar, calcada apenas no conhecimento teórico: a compreensão, sendo mais originária que o conhecimento e mais própria do ser-no-mundo, só ocorreria por meio da *apreensão conjunta das relações entre as coisas* e só

temos significativo quantitativo de existenciais ou cadeias de referências associados à *Topologia do ser*, quer dizer, ao lugar no pensamento de Heidegger como: significatividade, cotidianidade, familiaridade, referencialidade, mundanidade, proximidade, temporalidade, espacialidade, instrumentalidade.

Saramago (2014) encontra muitas passagens no chamado primeiro Heidegger que envolvem lugar como: na fenomenologia do utensílio, na tematização da espacialidade originária do “ser-no-mundo” e do problema do corpo, além de questões que envolvem natureza e espaço público.

A entrada da dimensão poética no pensamento de Heidegger corresponde ao período caracterizado como *viravolta*, no qual o filósofo tratou da questão do ser por outros prismas, principalmente por meio da poesia de Hölderlin, Rilke e Trakl. Dessa forma, novas abordagens da terra, da natureza, do habitar humano e do sagrado, encaminham a discussão de Heidegger para a natureza do lugar.

Assim, é por meio da arte, a exemplo do templo, que aparece em Heidegger como lugar sagrado “[...] que *limita, qualifica e dota de identidade* seu sítio.” (SARAMAGO, 2014, p. 208. grifos da autora); de um quadro, dando nova abordagem aos utensílios e por uma poesia que Heidegger faz uma “colocação” de lugar. Nessa perspectiva, Saramago (2014) observa que a obra de arte, por fundar mundos históricos, possui um caráter fortemente temporal, mas também, a dimensão espacial, incidindo na mudança do conceito de Terra, mundo e natureza de Heidegger e, conseqüentemente, de lugar.

Nas discussões de Dardel (2011) sobre a Terra, observamos a influência de Heidegger. Ao debater sobre a Terra como base, como morada e como mistério, o autor usa a citação de Heidegger em destaque:

Ali de pé repousa o edifício sobre o chão de rocha. Este repousar (Aufruhen) da obra faz sobressair do rochedo o obscuro do seu suporte maciço e, todavia, não forçado a nada. Ali de pé, a obra arquitectónica resiste à tempestade que se abate com toda a violência, sendo ela quem mostra a própria tempestade na sua força. O brilho e a luz da sua pedra, que sobressaem graças apenas à mercê do Sol, são o que põe em evidência a claridade do dia, a imensidade do céu, a treva da noite. O seu seguro ergue-se torna assim visível o espaço invisível do ar. A imperturbabilidade da obra contrasta com a ondulação das vagas do mar e faz aparecer, a partir da inquietude que é a sua, como ele está bravo. A árvore, a erva, a água e o touro, a serpente e a cigarra adquirem uma

assim que podemos compreender o fenómeno do lugar, bem como o da interioridade. (SARAMAGO, 2014, p.198. grifos da autora).

saliência da sua forma, e desse modo aparecem como o que são. A este vir à luz, a este levantar-se ele próprio e na sua totalidade chamavam os gregos, desde muito cedo, a *physis*. Ela abre ao mesmo tempo a clareira daquilo sobre o qual (worauf) e no qual (worum) o homem funda o seu habitar. Chamamos a isso de Terra. (HEIDEGGER, 1977, p.33).

Dardel (2011, p.42) esclarece que nessa passagem, “[...] a Terra, deixando seu significado geográfico, designa o fundo escuro de onde todos os seres saem para a luz, e a essência da Terra é o que esconde sempre algo em cada um dos seres, no momento em que eles se expõem à luz.”

4 TECENDO GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

No primeiro momento do capítulo, apresentamos discussões sobre a mediação entre a Filosofia de Heidegger e Geografia fenomenológica de Dardel (2011) referenciada por Holzer (1997, 2008, 2011) e Marandola Jr. (2010) como aportes para a mudanças na compreensão do conceito geográfico de lugar. No segundo momento descrevemos os procedimentos metodológicos do trabalho de campo.

A opção pelo aporte teórico para compreensão das geograficidades dos brincantes é o da Geografia fenomenológica. Nesse sentido, e tomando como referência a Geografia fenomenológica de Eric Dardel (2011) que, para Holzer (2011), une a perfeição ciência e filosofia, é que colocamos o Boi como fenômeno. Ressaltando fenômeno, conforme Franck (1986, p.30), “Fenômeno significa o que se mostra em si mesmo e essa determinação está no fundo de todas as outras acepções que a palavra fenômeno pode, ou pôde assumir”. Fenômenos compreendidos como o que se mostra estão na base do pensamento de Heidegger (1988)⁴⁶.

Em exposição à mudança de direcionamento, proposta por Heidegger em relação a Husserl, sobre fenômeno, Saramago (2008, p. 39) expõe: “O fenômeno, não mais compreendido como uma idealidade, é o *elemento, o meio, a base* privilegiada de toda e qualquer manifestação daquilo que tende a velar-se, mas que pode vir a mostrar-se, a desvelar-se”.

Assim, admitimos a necessidade da mediação com a filosofia, pois, neste ramo do saber, conforme Holzer (1997, p. 79), o uso de palavras com significados espaciais em sua essência, como região, mundo e situação, “demonstram que a

⁴⁶“O *fenômeno*, o mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. *Manifestação*, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial, de tal maneira que o referente (o que anuncia) só pode satisfazer a sua possível função de referência se for um “fenômeno”, ou seja, caso se mostre em si mesmo. Manifestação e aparência se fundam, de maneira diferente, no fenômeno. Essa multiplicidade confusa dos “fenômenos” que se apresenta nas palavras fenômeno, aparência, aparecer, parecer, manifestação, mera manifestação, só pode deixar de nos confundir quando se tiver compreendido, desde o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra em si mesmo.” (HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*: Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 61).

Geografia é uma ciência essencial ou eidética”. Nesse contexto, as geografiedades serão abordadas com a interpretação de familiaridade, cotidianidade, significatividade, proximidade de Heidegger, pois, a partir da leitura de Dardel, fica claro o paralelismo entre os dois, inclusive para as discussões de lugar.

4.1 CONTEXTUALIZANDO A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

A compreensão filosófica de fenômeno refletiu na geografia de Yi- Fu-Tuan (1985, p. 143, 146) que esclarece: “A geografia humanista⁴⁷ reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição [...]”. Nesse sentido, em resposta à pergunta: “Pode a Geografia Humanista oferecer um novo modo de enxergar os fenômenos geográficos?”, Tuan (1985, p. 162) explana sobre Conhecimento geográfico, território e lugar, aglomeração humana e privacidade, modo de vida e economia, e religião. E, em resposta à pergunta: O que pode fazer um humanista? Tuan responde que “Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar.” (TUAN, 1985, p. 162).

Por essa compreensão, observamos que a capacidade que possui a Geografia atual de desvelar diferentes fenômenos vem de uma longa caminhada que, por meio de diferentes concepções filosóficas, construiu seu categorial espacial, a saber: paisagem, região, território, natureza e lugar.

No século XX, as ciências humanas se reconstroem teórico-metodologicamente com adoção da fenomenologia, repercutindo, sobretudo, na Geografia nos anos de 1970, no coletivo dos geógrafos humanistas que buscavam alternativas para a predominância do paradigma positivista e neopositivista. Desses geógrafos, citamos Edward Relph (1970, 1973) e Yi-Fu-Tuan (1974,1977) como os influenciados por Dardel na América do Norte.

De acordo com Holzer (2011), “[...] possivelmente o que atraiu estes jovens geógrafos norte-americanos na leitura do livro de Dardel foi o encadeamento entre

⁴⁷Pádua (2012) faz uma explanação sobre o uso dos termos humanística e humanista a partir das obras de Yi-Fu Tuan.

geografia e fenomenologia que ele oferece.” (HOLZER, 2011, p. 144). Também, Kozel e Souza (2009, p. 124), colocando as contribuições da “geosofia” de Wright (1974); a valorização da experiência vivida de Lowenthal (1961), atribuem a essa diversidade de olhares “maior liberdade e significados às pesquisas que atualmente se expandem por vários países”.

No que se refere à adoção fenomenológica pelos geógrafos humanistas, Holzer (2008, p. 141) afirma:

A fenomenologia existencialista não foi, porém, o traço de identificação mais forte da geografia humanista. Na verdade o aporte filosófico foi, na palavra dos próprios humanistas, tomado de maneira ‘implícita’, como Pickles (1985) apontaria mais tarde. Deste modo, do método fenomenológico foram apropriados, principalmente, os conceitos de ‘mundo vivido’ (Lebenswelt) e de ‘ser-no-mundo’, que na geografia seria identificado com o conceito de ‘lugar’.

Aproximando-se dos conceitos de Heidegger, Relph (2014, p. 30) esclarece que o filósofo “[...] utilizou muitas metáforas para tentar explicar sua compreensão de ser”. Nesse entendimento, situa que “A metáfora que ressoa de forma mais forte com lugar e geografia é o ‘habitar’”.

Em diálogo com Heidegger, Relph, (2014, p. 30), assevera:

Estar na terra significa morar, relacionar-se com lugar por meio da existência, estar ciente da própria mortalidade, falar com os outros, encontrar com as coisas não humanas, ter experiências de lugar que são transcendentais e inexplicáveis. Não há resposta aparente à pergunta por que nós e outras coisas existem, nem há resposta à pergunta do porque estamos cientes de nossa existência e temos a linguagem para comunicar essa consciência. Heidegger sugere que junto à consciência da existência vem a responsabilidade do cuidado do ser, uma responsabilidade que está associada ao habitar em lugares. (RELPH, 2014, p. 30).

Seguindo a exposição sobre influências de Heidegger, na geografia fenomenológica, Marandola Jr (2010), igualmente, faz referência às discussões de Anne Buttimer, no clássico texto de 1976, *Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido*, no qual a autora “faz menção do habitar como conceito central para uma geografia orientada pela fenomenologia.” (MARANDOLA JR., 2010. p.6). No texto em questão, Buttimer (1985, p. 166) expressa:

[...] Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, viver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

Essa menção é, ainda, no pensamento de Anne Buttimer, mais inspiradora do que seu pensar ontológico da geografia. É, em outra obra,⁴⁸ que a autora parte da fecunda noção de habitar em direção ao sentido holístico da existência, representado pela quadratura do habitar: a terra, o céu, os mortais e os deuses de Heidegger. Nessa direção, Marandola Jr (2010, p. 9) escreve: “Os sentidos da água, enquanto elemento essencial da quadratura (e, portanto, do ser) é explorado pela autora a partir da manifestação de sua inteireza, em busca de uma compreensão homem-ambiente essencial”.

Assim, são dignas de destaque as discussões em John Pickles⁴⁹ por Marandola Jr. (2010, p. 6) ao considerar para as afirmações do referido autor que “[...] o questionamento ontológico é o fundamento mais importante do pensamento fenomenológico para a Geografia, constituindo-se, igualmente, na sua maior contribuição às ciências humanas, situando a Geografia como a ciência regional do espaço”.

Igualmente, Nogueira (2008, p.212) contribui com esse debate ao analisar as categorias mundo, espaço, homem e lugar pela abordagem fenomenológica. Apoiada em Merleau-Ponty (1996), defende a retomada da compreensão do mundo pela descrição “[...] não apenas do sujeito que pesquisa, mas o que vive o fenômeno [...]”. E, em Buttimer (1976), o uso da intersubjetividade como um diálogo entre a pessoa e o meio.

Conforme De Paula (2011, p. 51):

Uma das formas de acercar esta geograficidade humana, está no resgate da experiência do espaço. É a partir desta que a Geografia e a Fenomenologia se unem; a primeira por buscar a experiência humana para clarificar a realidade geográfica, a segunda por oferecer modos de apreensão desta experiência.

Claval (2011, p. 222), em sua Epistemologia da Geografia, evidencia que “A fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem, porque lhes revela que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro”.

⁴⁸Texto Nature, water symbols, and the human quest for wholeness, de 1985 (MARANDOLA JR., 2010, p. 5)

⁴⁹No livro Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences, 1985. (MARANDOLA JR., 2010, p. 5).

Nesta tese, o conceito de fenomenologia é pensado como método e, de acordo com Franck (1986, p. 30-31):

A fenomenologia prescreve um modo de doação e exibição que parece independente do que deve ser dado e mostrado. No entanto, esta prescrição formal não teria qualquer sentido se os fenômenos se oferecessem simplesmente ao primeiro olhar. A fenomenologia supõe então prescrição metódica, que os fenômenos começam por não se mostrar, diz respeito ao que permanece escondido e mais na sombra: o próprio ser [...].

Nessa perspectiva, sustenta-se que a compreensão do ser se faça por meio da hermenêutica da facticidade que tem,

[...] como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio de cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo de que o ser-aí é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí como possibilidade de vir a *compreender-se* e de ser essa compreensão. (HEIDEGGER, 2013, p. 21, grifo do autor).

Acompanhando as discussões sobre Geografia fenomenológica, observamos que as mesmas evidenciam o pensamento de Heidegger e Dardel (2011) como influenciadores dessa abordagem, nesse sentido, convém expor considerações sobre a Geografia fenomenológica de Dardel (2011).

A geografia de Eric Dardel vem do movimento da filosofia, no final do século XIX e início do século XX, de pensar as questões humanas a partir de seus fundamentos pré-socráticos. Desse modo, as modernas descobertas da física e da química são deixadas de lado para valorizar-se o contato ingênuo com os elementais: terra, ar e água em seus aspectos essenciais. A discussão francesa de geografia com o espaço vivido, rompe a discussão após a 2ª Guerra Mundial de uma geografia urbano-industrial com base na manutenção colonialista.

Os conceitos geográficos desenvolvidos por Dardel são lugar, paisagem e região. Dardel desenvolve esses conceitos apoiando-se em um extenso categorial geográfico formado por distância, direção, terra, mundo, situação, circulação, espaço construído, perto, longe. Usando o aporte filosófico de Heidegger e outros filósofos, Dardel organiza uma instigante discussão sobre o espaço geográfico e sobre a História da Geografia no livro “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica, organizado em dois capítulos”.

No primeiro capítulo, o autor discute o espaço geográfico por meio do Espaço Material, Telúrico, Construído, Aquático e Aéreo; no segundo apresenta uma

história da Geografia pela Geografia Mítica, Profética, Heróica, Das Velas Desfraldadas e Geografia Científica, caracteriza essa última como “Gestada de longa data, desde a época em que predominava a concepção mítica do mundo, em meio a viagens lendárias ou interpretadas através da lenda, a favor das explorações e dos reconhecimentos de todos os séculos”. (DARDEL, 2011, p. 83).

As contribuições da obra de Dardel podem ser situadas tanto pela importância do conceito de lugar como pela ontologia da espacialidade. Além de considerar a obra de Dardel como o melhor tratado de Geografia fenomenológica que já foi escrito até hoje, Holzer (2011, p. 148) reflete que Dardel não se detém somente com o método fenomenológico, mas também com “[...] uma ontologia da espacialidade, uma ontologia fenomenológica da espacialidade, ou melhor, da geograficidade, ou, de modo mais abrangente, uma nova ontologia da geografia”.

Ao escrever sobre a Geografia Científica, Dardel (2011, p. 84) se opõe à forma como a mesma foi gestada “[...] uma geografia empírica nascida das necessidades políticas ou mercantis, a geografia das rotas marítimas entre os fenícios, os árabes, a Liga Hanseática, a das rotas continentais do império persa ou do império romano.” Assim, como se chamasse atenção para tomarmos conhecimento de que a Geografia Científica estava fora de uma ontologia fenomenológica da espacialidade, assevera:

No entanto, o nascimento de uma ciência da Terra exige uma outra intenção além de se pesquisar as bases das trocas comerciais e da política. É necessário que os homens se surpreendam com os fatos com que se deparam, que ultrapassem esses fatos como simples existentes. É necessário que a dúvida nasça em seu espírito a respeito das lendas e dos mitos que os justificam, através da dúvida que se submete à crítica; que eles aprendam a distinguir o que está em seu poder e o que depende de outra realidade, e obedece às leis naturais. (DARDEL, 2011, p. 84).

Esta oposição entre a geografia moderna, de origem renascentista, quando o homem se volta para o mundo exterior medindo-o, analisando-o, procurando compreendê-lo geograficamente, se opõe à geografia vivida em ato, referente à ligação do homem com sua terra natal.

Ainda sobre essa discussão, situamos a afirmação de Dardel (2011) que a geografia autoriza uma fenomenologia do espaço, o espaço concreto da geografia libera o homem do espaço, do espaço infinito do geômetra ou do astrônomo.

Existe uma preocupação do teórico em colocar em oposição espaço geográfico de espaço geométrico. Esta oposição exigiria uma delimitação bastante precisa do espaço geográfico, que é objetivado em oposição ao espaço geométrico, desprovido de qualquer concretude existencialista. Para Dardel (2011, p. 2), “a geometria opera sobre um espaço abstrato” enquanto o espaço geográfico “tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e ele resiste.”

Dessa forma, para Dardel (2011, p. 2):

O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer estes signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um Atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença.

A geografia fenomenológica de Dardel ressalta a geograficidade e, a partir de uma noção filosófica que recebeu de Heidegger, Jasper e de Kierkegaard, compreende que a noção de historicidade implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal. Essa compreensão histórica do mundo vai outorgar a presença ao *Existir* (BESS, 2011).

A Geografia fenomenológica de Eric Dardel é um convite a interpretar a atividade humana não somente pela materialidade. Ao expor sobre os espaços material, telúrico, aquático, aéreo e construído, utiliza, a adjetivação do espaço geográfico como, ritmos, movimentos, o riso da água, o sussurro dos riachos, invisível, espesso, profundo, permanente e cambiante.

Dardel (2011, p. 5) chama atenção para que entre o mundo material e o mundo imaginário,

[...] abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, encontramos a geografia interior e primitiva onde a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes.

O autor deixa bem claro sua inquietação com a forma na época em que escreveu o livro, pois o debate se realizava na Geografia, se fazia em torno de uma cientificidade e esvareceu:

É difícil imaginar, em nossa época, uma outra relação do homem com a Terra para além do conhecimento objetivo proposto por uma geografia científica. Esta vontade de promover uma ordem espacial e visual do mundo responde à tendência geral do pensamento ocidental nos tempos

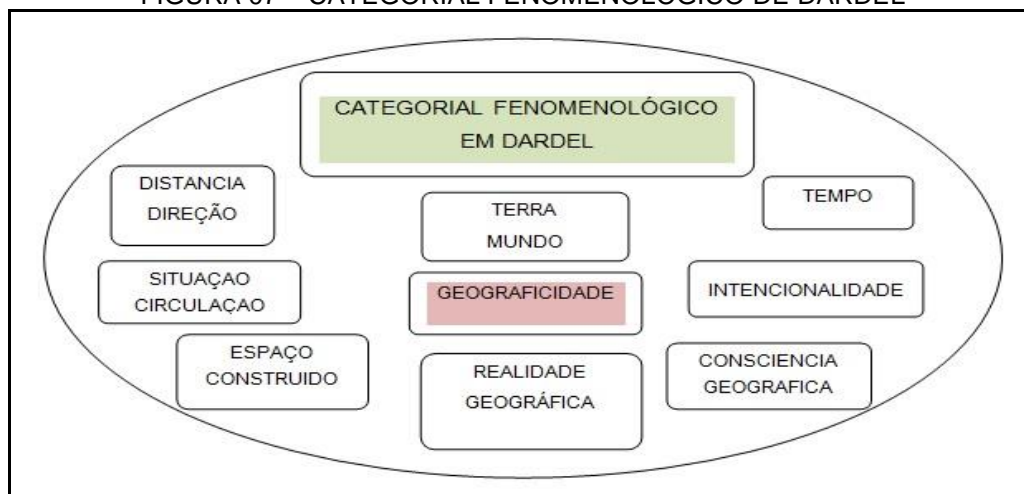
modernos. Visualização do mundo como imagem universal, como representação, que o homem tem presente diante de si para melhor dominá-la. (DARDEL, 2011, p. 90).

Assim, chamou atenção para o fazer geográfico da época. Os geógrafos erram, então, ao esquecer a função primordial da geografia, a de ser instância entre o conhecimento e a existência:

[...] descartando-se da ciência ela se perderia na confusão e na loquacidade. Se entregando sem reservas à ciência ela se exporia ao que Jaspers chama de 'uma nova visão mítica', esquecendo-se de que uma atitude científica objetiva visa a uma compreensão total do mundo que não pode deixar de ser também moral, estética, espiritual. (DARDEL, 2011, p. 97).

O livro “O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica” ficou esquecido por algumas décadas, somente no final dos anos 1970, com Relph (1976) e Tuan (1975 ;77) e geografia fenomenológica de Eric Dardel, se faz presente na discussão geográfica, principalmente de lugar, por meio de um extenso categorial, apresentado na figura 07:

FIGURA 07 – CATEGORIAL FENOMENOLÓGICO DE DARDEL



ORG.: GONÇALVES, L.F.L. (2013)

Não é possível pensar um estudo das festas do Bumba meu boi deslocado da abordagem do lugar. A obra de Dardel é um importante subsídio teórico para referenciar a festa do Boi no Maranhão em sua relação com o lugar, sobretudo pelos estudos apontarem que o Maranhão é à base do desenvolvimento dessa festividade.

A aproximação da Geografia com o método fenomenológico de investigação recorre à inovação de uma importante ferramenta geográfica pela busca do conhecimento, que é o trabalho de campo. Revelar o “ser-no-mundo” a partir de sua

realidade geográfica é encontrar maneiras de chegar às informações singulares, no nosso caso dos brincantes do Boi. Nas páginas que seguem, constam os procedimentos metodológicos, etapas basilares do desenvolvimento desta pesquisa e reflexão das geografidades por meio dos brincantes.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia segue os caminhos da Geografia fenomenológica com procedimentos metodológicos de caráter qualitativo de interpretação da realidade geográfica como entrevistas, observação direta, e análise de fotografias e Mapas Mentais, primando pela experiência do fato observado como parte do fazer geográfico.

4.2.1 Acesso aos brincantes do Boi

Para a seleção dos brincantes da pesquisa foram escolhidos os responsáveis do Boi, os artesãos, as apoiadoras (dores) e os brincantes, no papel da burrinha, de tocador do pandeiro, matraqueiro, miolo do Boi, cantador, Índia, Pai Francisco e Catirina. Optamos por pesquisar somente as pessoas envolvidas diretamente com a brincadeira.

O primeiro desafio desenhou-se por meio da própria fenomenologia que orienta o pesquisador em buscar as experiências a partir da escala micro, que é a experiência do próprio pesquisado, denotando ao geógrafo uma postura de explorador e andarilho na constituição da arqueologia fenomenológica.⁵⁰ E foi essa postura que assumimos, de andarilho, pois a busca das geografidades dos brincantes, por meio de dois grupos de Boi demandou amplo campo de investigação tanto no que se refere à quantidade de pessoas, quanto dos lugares. Foram necessárias muitas viagens e muitos contatos.

Com objetivos traçados, sotaques e personagens escolhidos, veio o questionamento: Por onde começar? A fragilidade da experiência com o Boi, mesmo sendo maranhense, apresentou-se como o segundo desafio na tarefa de acesso aos brincantes. Percebemos o quanto estávamos distante da brincadeira, pois o

⁵⁰ Expressão discutida por Marandola Jr (2005)

conhecimento que tínhamos das pessoas do Boi era o divulgado pela mídia, a exemplo do cantador do Boi da Maioba, Chagas. Do Boi de Cururupu não conhecia nenhum brincante ou personagem. Situação explicada pelo distanciamento, tanto de Cururupu, como de São Luís. Ao residir em Cururupu, a aproximação com o Boi e outras manifestações locais foi intensa, porém, curta e há longa data. Depois desse período, a cidade de Cururupu passou a ser, apenas, passagem para chegar à praia do Peru. Em São Luís, residimos, apenas, no período em que cursamos o Ensino Médio e a Graduação.

A aproximação iniciou-se com os brincantes do Boi da Maioba, em abril de 2014, na sede do Boi, no Viva Maioba, a fim de obter informações. O primeiro contato foi com o presidente da Maioba, Senhor José Inaldo. Nesse encontro, apresentamos a pesquisa, solicitando documentação e consentimento, para o trabalho de campo.

O senhor José Inaldo concedeu o contato de várias pessoas, o calendário de atividades inerente aos ensaios, levantamento do mastro e batismo. Também assinou o documento, que consta em anexo 01, e fez um pedido: que, quando a pesquisa estivesse pronta, fosse entregue uma cópia, informando que concedeu muitas entrevistas para pesquisas desta natureza e nunca soube o resultado. A partir desse encontro, diminuía o estranhamento com os brincantes Boi da Maioba.

Em Cururupu, também em abril de 2014, a partir da Luciane Ferreira, diretora da escola Espaço Educacional Gente Crescendo, soube da existência de vários grupos do sotaque Costa de Mão em Cururupu. Assim, consegui os contatos dos Bois, Rama Santa e Brilho de Areia Branca com o nome dos respectivos responsáveis. Primeiramente, fui à sede do Boi Rama Santa, onde fui recebida por Juniana, que é coreógrafa e dançarina do Boi e filha do Amo. Assim, foi possível obter o calendário de atividades dos ensaios e agendar a primeira entrevista. Na sede do Boi Brilho de Areia Branca, entrevistei o senhor Florisvaldo, responsável por essa brincadeira.

Após esses encontros, me certificava da pertinência da pesquisa em minha cidade natal, estava surpresa com a recepção amistosa das pessoas, com o significado e as perspectivas de meu campo. Mas, considerando que já tinha um campo muito grande, optei por pesquisar, em Cururupu, somente o Boi Rama Santa,

pela facilidade de acesso às pessoas e por se mostraram muito interessados em contribuir com a pesquisa.

Realizei o campo (entrevistas, observações, solicitação de mapas mentais e captação de imagens) nos meses de abril, maio, junho e julho de 2014; abril, junho, julho e setembro de 2015 e maio e junho de 2016, meses em que ocorrem os ensaios, batismo, apresentações e a morte do Boi.

4.2.2 Com o foco nas imagens: dos mapas mentais às fotos

Os mapas mentais foram coletados durante observações dos ensaios, a morte do Boi e de entrevistas em 2014, 2015 e 2016. Esses documentos não levaram em conta um universo numérico e sim atores que se envolvem no “botar⁵¹” e “brincar” o Boi, formado por bordadeiras, diretores, personagens e coreógrafas. Foi fornecido papel A4 e lápis com a seguinte solicitação verbal: represente, em desenho, o que é o Bumba meu boi para você?

Os mapas mentais coletados serão interpretados pela metodologia Kozel (2007, p. 115) que os compreendem “como construções sógnicas requerem uma interpretação”, sendo seu foco central a decodificação. A autora lembra, ainda, que “construções sógnicas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades.” Assim, os Mapas mentais constituíram-se aportes para o entendimento da relação dos brincantes com o lugar e sua geograficidade.

Os mapas mentais são analisados pela Metodologia Kozel (2007) que compreende:

- 1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;
- 2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
- 3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

Representação dos elementos da paisagem natural;

Representação dos elementos da paisagem construída;

Representação dos elementos móveis;

Representação dos elementos humanos.

⁵¹ Termo usado para a organização da brincadeira.

4- Apresentações de outros aspectos ou particularidades.

4.2.2.1 O mundo das imagens: as fotos

Diferentes ramos do conhecimento discutem o uso das imagens como aporte metodológico, na Antropologia Social (SAMAIN, 2012, p. 22-23), ao expor sobre *Como pensam as Imagens* situa três possibilidades: [...] “toda imagem nos faz pensar; que toda imagem é portadora de pensamento, isto é, veicula e é uma ‘forma que pensa’ [...]”; esclarece que é uma forma ao “combinar nela um conjunto de dados sígnicos com outras” Nesse aspecto, Samain (2012, p. 31) contribui com essa discussão ao afirmar que “Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante”.

Conforme Bourdieu (2013, p. 176), “As fotografias que podemos rever à vontade, permitem descobrir detalhes que passaram despercebidos à primeira vista e que podemos observar exatamente, a nosso bel-prazer, durante a pesquisa”.

Na Geografia, os geógrafos estão imersos em um mundo de imagens, dispostos em suportes diversificados, em paisagens diversificadas. A Geografia Cultural tem proporcionado à ciência geográfica a discussão de temas que, num passado recente dessa ciência, não seriam considerados como geográficos. Associado a esse processo, desenvolve-se um inevitável movimento de “ampliação e inovação dos tratamentos metodológicos” (GOMES, 2008, p. 188). O fundamental é que essa análise geográfica preserve como prioridade a observação da relação que, por ventura, exista nos fenômenos entre localização e as significações.

O referido autor, igualmente, chama a atenção para o sentido da investigação geográfica pelo ângulo da ordem espacial (análise particular do sentido da localização), pois a análise geográfica “é tributária da apreciação de uma dimensão que é material e associada a uma dinâmica, que é uma forma de dar vida a esses objetos localizados.” (GOMES, 2008, p.189).

Apoiado nas discussões de que as representações não espelham o mundo, mas sim o criam, assevera que as representações “expressam escolhas a partir de princípios de significação que lhes são próprios e também transitórios, ambíguos e polimorfos [...]”. Assim, considera: “Desse modo de pensar deriva que o valor das

imagens não se encontra na conformidade possível com uma pretensa realidade que elas empenham, mas, sim, no universo de significações que se exprime através delas.” (GOMES, 2008, p. 194).

As contribuições de Gomes (2008) no uso de imagens na Geografia partem do tema espaço público e cidadania. Nessa interpretação, debate o conceito de cenário para analisar imagens na Geografia. Ao escrever sobre encenação e cenário, expõe o conceito de cenário como um equilíbrio em suas discussões de lugar e ação. O autor considera necessário, quando se analisa a imagem no contexto de cenário, que:

[...] elas apresentam um enredo, uma trama, que é fixada nessas imagens, bem como outros elementos que compõem a imagem como, suas posições relativas, os raciocínios que induzem o tipo de espacialidade que exprimem. Também os elementos que, embora estejam ocultos ou não-explicitos, estão presentes e participam da trama. (GOMES, 2008, p. 202-203).

Nessa perspectiva, observa a palavra trama como a mais adequada nesse caso, “pois a forma que aparece que estrutura a imagem, é o resultado de inúmeras e variadas informações que se entrelaçam, formando uma composição coerente e estruturada” (GOMES, 2008, p. 203). A análise ganha a dimensão de um cenário quando incorporamos a trama, seja ela contida na imagem, seja ela constituidora, mas oculta na imagem. Ainda, para (GOMES, 2008, p. 203-204), “[...] outro nível diverso de análise se faz na vida social cotidiana. A possibilidade de compreensão dos significados não pode seguir os mesmos passos daquela adotada para analisar uma obra de arte”.

Em recente trabalho intitulado *O lugar do Olhar, elementos para uma geografia da visibilidade*, Gomes (2013) discute como o espaço pode ser um instrumento que faz ver, que torna visível. O autor analisa que “As imagens das coisas não estão jamais separadas dos ‘lugares’ onde elas são exibidas. Há uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens.” (GOMES, 2013, p. 31). O olhar é um caminho para a interpretação do espaço geográfico, dando ao geógrafo esse privilégio, em função dos procedimentos descritivos que se apresentam fortes na tradição geográfica, tendência denominada por Cosgrove (*apud* GOMES, 2013, p.70) de “olho morfológico”.

Diferentes tipos de imagens como fotografias, quadros, esculturas, inscrições rupestres, desenhos, mapas mentais, entre outras, são registros de informações fundamentais na compreensão do espaço.

A partir dessas discussões sobre imagem apresentadas, justificamos o uso da fotografia, pois compreendemos que as mesmas proporcionam uma volta ao campo, denotando lembranças de momentos particulares dessa etapa.

4.2.3 As entrevistas e observações

Após o trabalho de campo exploratório que culminou na aproximação com as pessoas envolvidas com o Boi, foi realizada a etapa da pesquisa constituída em entrevistas e observações.

As entrevistas foram semiestruturadas e orientadas com perguntas abertas que, segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 281) favorecem ao entrevistador liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Nesse sentido, as entrevistas favoreceram a “compreensão das perspectivas e experiências dos entrevistados”.

Quanto às observações, as mesmas foram realizadas de forma participante, caracterizadas como “A interação entre investigador e grupos sociais, visando coletar modos de grupo sistemáticos, diretamente do contexto ou situação específica do grupo”. (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 281). A cada encontro com as pessoas dos Bois, ganhava mais confiança junto ao grupo que manifestava sentimentos de respeito e cuidado com a pesquisa. Esse fato foi pertinente para a solicitação dos Mapas mentais, pois, em alguns casos, somente conseguimos desenhos, após vários encontros. Nessa etapa, foram realizadas as captações de imagens, sons e registros fotográficos.

A seleção das pessoas para a pesquisa ocorreu com a definição da pesquisadora por: artesões, organizadores, brincantes e personagens. Essa escolha está em sintonia com o entendimento de que, por meio dessas pessoas, sentidos, percepções, a geografia da vida e as geograficidades se revelem. Assim, após exposição sobre o foco de nossa pesquisa aos organizadores, obtivemos os

contatos, possibilitando agendamento das entrevistas. Os personagens advindos dessas escolhas serão apresentados no capítulo a seguir.

.

5 NA VOZ DO BRINCANTE: GEOGRAFICIDADES ADVINDAS DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA

Este capítulo expõe sobre as percepções dos brincantes, na primeira parte situamos as narrativas de forma contextualizada e direta, iniciando com os entrevistados do Boi Rama Santa e posteriormente, com os brincantes do Boi da Maioba. Na segunda parte do capítulo, mostramos os mapas mentais bem como suas interpretações e discussões.

Após o trabalho de campo exploratório, que culminou com a aproximação às pessoas envolvidas com o Boi, foram realizadas as entrevistas e as observações. Algumas vezes essas etapas ocorreram concomitantemente, a exemplo dos brincantes do Boi da Maioba, José Vicente, José Carlos e Manoel Rubi que entrevistei durante o levantamento do mastro para Santo Antônio em 2015. Juniana do Boi Rama Santa, Vitória, Marlene e José Inaldo do Boi da Maioba tornaram-se as pessoas com as quais mantive constantes contatos durante toda a pesquisa. O trabalho de campo junto aos brincantes iniciou com a apresentação da pesquisadora e da pesquisa. O fato de ser maranhense de Cururupu diminuiu o estranhamento, possibilitando maior interação entre entrevistador e entrevistados.

A apresentação da voz dos brincantes e as geofricidades por meio das entrevistas, neste capítulo, segue a ordem da realização das entrevistas. Dessa forma, temos no Boi Rama Santa: Juniana, João Tolentino (Senhor Mano), Maria Luiza, Ana Rita, Donato, Uyrâmê e Paulo César Rodrigues e Joelson. Assim como, no Boi da Maioba: José Inaldo, Marlene, Vitória, João Ribeiro, José Vicente, Manoel Rubi, José Carlos e Nilma e Nezildo.

As entrevistas foram feitas com perguntas diretas quanto aos dados pessoais e perguntas livres sobre o entrevistado e sobre o Boi, conforme as perguntas em destaque. As perguntas 4, 5 e 6 foram usadas de forma mais direta, quando os entrevistados se apresentavam tímidos para falar. O registro das entrevistas dos brincantes foi realizado em forma de citação direta e indireta.

- Nome do Entrevistado:
- Data de nascimento:
- Local de Nascimento

- Estado Civil:
- Profissão:
- Endereço:
- 1) Fale sobre você.
- 2) Fale sobre o Boi.
- 3) Como e quando começou a brincar no Boi Rama Santa?
- 4) Qual etapa do Boi que você mais gosta?
- 5) Tem alguma toada especial para você?
- 6) Quais são os principais símbolos do Boi?
- 7) Represente o Boi em desenho (mapa mental).

5.1 A VOZ DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA: ENTREVISTAS

JUNIANA

A primeira entrevista realizada foi com Juniana, em maio 2014. Após apresentação da pesquisa e da assinatura do termo de consentimento, (Anexo 02), iniciamos a entrevista que foi realizada na sede do Boi, local da moradia da família. A entrevista foi gravada.

Juniana nasceu em 1981 em Cururupu, é filha do João Tolentino e Dona Maria Luiza (responsáveis do Boi), casada, mãe de uma filha e estudante de Pedagogia. É Coreógrafa, organizadora e vice-presidente do Boi. Brinca de Índia guerreira.

Aos nove anos de idade, Juniana machucou o braço ao cair e sua mãe fez promessa para São João. O braço foi curado, mas, somente quando tinha 15 anos, pagou a promessa. Contou que, tanto a mãe quanto o pai, eram envolvidos com o Boi e a cobravam muito o pagamento da promessa, mas, como ela não gostava, demorou a realizar o pagamento. E discorreu como ocorreu:

Meu pai costurava roupas de carnaval e foi desafiado, pois disseram que ele não sabia fazer roupas de Boi. Aí, meu pai disse que ia fazer a minha roupa para eu pagar a promessa. Ele fez a roupa e eu fui brincar de índia, era a roupa mais bonita. Aí, disseram que eu não sabia dançar, então, treinei muito e, hoje, sou a coreógrafa do Boi. Mas, depois desse episódio da promessa, passei a brincar todo ano. Em 2001, nossa família teve que decidir entre o Boi e a casa, papai precisava construir a casa, ele escolheu

a casa. Então, o senhor Wilson, o antigo dono do Boi, contratou meu pai para fazer as roupas das índias, papai fazia as roupas e recebia por isso, aí, continuamos no Boi e, hoje, eu sou a índia guerreira, minha irmã, minha filha e meu irmão, que mora em São Luís, também, brincam, é a família toda. (JUNIANA).

Ao ser indagada sobre a casa, Juniana falou que construíram a casa e o Boi veio junto, “O que aconteceu foi que a casa se tornou a sede do Boi e, hoje, como você vê, tudo do Boi acontece aqui ou passa por aqui”. (JUNIANA).

Ela afirmou que sempre pensa em sair, que fica cansada, pois o trabalho e a responsabilidade são grandes:

Sempre penso em sair, mas não consigo, vou dançar até o São João querer, quando danço me entrego a São João, hoje, eu nem ensaio, só ensaio com as índias, a coreografia vem na minha cabeça e, aí, ensaiamos. Sinto muitas dores, devido à coreografia, mas, na hora, nos dias, volto a dançar. Eu me entrego a São João e vou dançar, quando danço não sinto dores, nunca caí, sinto um arrepio..., nunca me machuquei, nunca saí em roda, não bebo, só bebo água. A bebida, a cachaça é para os homens segurarem as longas horas de brincar. Acho que só deixarei quando morrer. (JUNIANA).

Ao se reportar sobre a origem do sotaque Costa-de-mão, expôs que Cururupu é a base e explicou:

Qualquer Boi Costa-de-Mão que existe em São Luís ou em outro lugar a origem é daqui. Conforme contam os mais velhos e que está registrado na história do Boi, na fazenda aliança, onde tem, ainda, as marcas dessa história, tinha mão de obra negra no cultivo da cana-de-açúcar. Eles tinham as mãos calejadas do serviço, então eles queriam fazer o ritual deles e batiam com as costas das mãos. É da nossa identidade, tem vários Bois com esse sotaque aqui. (JUNIANA).

Então, Juniana expôs que o Boi Rama Santa, sempre, preza pela autenticidade, contou sobre os embates com a Secretaria de Cultura do Estado, pois esta direciona para a mistura da cultura de massa com a cultura de raiz:

Nós não aceitamos, pois isso é descaracterizar a cultura de raiz. Nós, aqui, criamos, mas não descaracterizamos. Por exemplo, dizem que, na origem, o Costa-de-mão tinha o escravo que transmitia recados e a sinhazinha, nós não temos, pois não sabemos como era. Aí, a Secretaria quer que os nossos vaqueiros usem calça curta. Ora, nenhum vaqueiro vai de bermuda cuidar de Boi, o vaqueiro é real, nós representamos o real, o nosso vaqueiro usa calça comprida. Nós preservamos nossa autenticidade por essas coisas muito particulares, aqui, é com o som, roupas e o chapéu de fita que é mais afunilado, pois índia tem em todo Boi. Outra coisa, o nosso cantador canta o sotaque, o batalhão, dificilmente, tem toada de pique. E, também, a dança, a nossa dança é em círculo e é devido o cercado da fazenda, a proteção. Os outros brincantes entram e fecha a roda, fecha a porteira. (JUNIANA).

Perguntei sobre os ciclos do Boi, a ida para São Luís, então, Juniana falou que no Boi Rama Santa, não tinha batizado, tinha só a reza, sendo esta realizada antes de ir para São Luís. Ela informou que, agora, tem a reza e o batizado. Diante da minha admiração, disse: “vou explicar”:

Faz sete anos que criamos o nosso arraial, nós fazemos o batizado e brincamos nele na volta de São Luís. É sempre no início de julho. A nossa antiga reza continua, nós fazemos antes de ir para São Luís, no dia 23 de junho. Fazemos, aqui, em casa ou em um barracão alugado, lá no Camaju, tem o altar, aí, vem os pagadores de promessa, trazem velas, foguetes, bebidas. A reza é o bendito seja, é feita por uma rezadeira, ela diz assim: *Bendito louvado seja, São João está no altar, bendizemos sua promessa. Bendito louvado seja, São João vai te abençoar.* (JUNIANA).

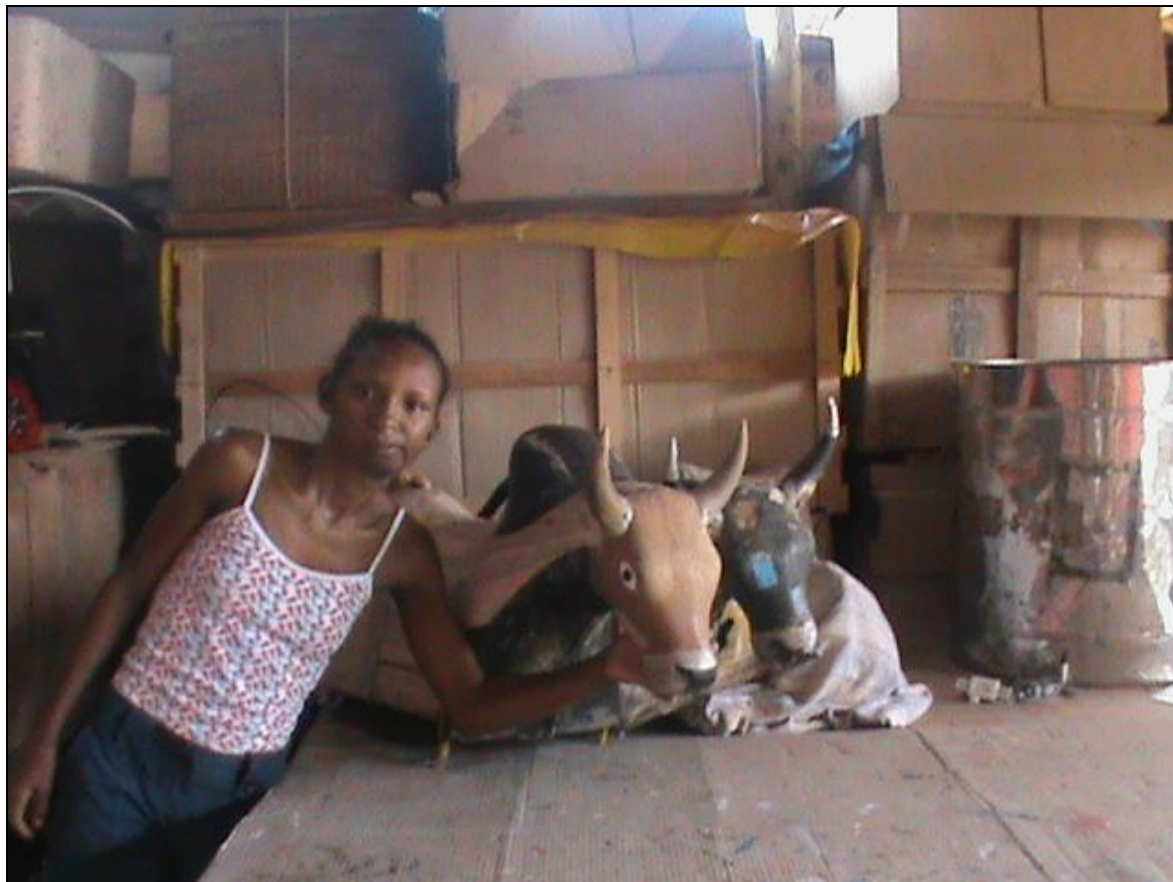
Juniana contou das perdas das questões familiares, como os aniversários da filha, devido aos compromissos com o Boi. Afirmou que foi a São Luís receber o título do IPHAN e viu outros grupos de Costa-de-Mão, que são de São Luís, e disse que tem diferença.

Sobre o Boi Patrimônio, Juniana afirmou que recebe da Secretaria do Estado, por meio da Associação, o dinheiro para brincar em São Luís, assegurou que o dinheiro é para as despesas de viagem e alimentação e as bebidas, além das roupas da maioria dos brincantes que são fornecidas, também, com recursos da Associação. Expressou sobre os altos custos para ir para São Luís, pois, além dos brincantes, tem o pai ou a mãe das crianças, que a justiça não deixa ir desacompanhada de um parente próximo. Sobre essa questão, completou que, somente, os vaqueiros, caboclos de fita e os mais antigos são independentes da Associação. Quanto ao Boi ser patrimônio, em Cururupu, Juniana informou:

Os políticos locais não valorizam nossa brincadeira, eles fazem arraial e trazem Boi de fora, pagam caro e para nós só um pequeno pagamento, aí, como você vê, não temos onde guardar nossas roupas, nossos Boi, eu tenho o sonho de construir o barracão para o Boi. Eu não tenho casa, mas quero que o Boi tenha. Outra coisa é ter o Centro de artesanato sobre o Boi, temos muitas coisas encaixotadas, fazemos reciclagem, doação para outras brincadeiras. (JUNIANA).

Nesse momento, Juniana me convidou a ir ao galpão do Boi, que fica na parte de traz da casa da família. No interior do galpão, mostrou as raças dos bois (foto 45) usadas na brincadeira, garrote preto e nelore e o bezerro batedor, que foi doação de uma senhora, mostrou as caixas com as indumentárias, os pandeiros e a vara dos vaqueiros.

FOTO 26 – JUNIANA NO BARRACÃO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2014)

A entrevistada continuou com sua fala sobre a questão de brincar em São Luís e Cururupu, expondo que, em São Luís, as apresentações são compromissos e em Cururupu “é devoção, é amor, brincamos até de manhã”. Então, perguntei se a ida para São Luís foi devido ao Boi ser patrimônio e Juniana respondeu que não, que o Rama Santa foi a primeira vez em 1970; em 1972, foi registrado na Secretaria de Cultura do Estado, e, em 2010, passou para o grupo A.

Ao expor sobre a morte do Boi, contou que a tradição é matar um para criar outro, é outro couro, “pois, o Boi morre e não volta mais”. Juniana informou que a morte do Boi é sempre em setembro, antes ou depois da primavera, e dura 4 dias:

No primeiro dia é para organização, vem o pessoal do interior; no segundo dia, é para fazer as comidas, o bolo, tem muito trabalho e, à noite, tem o guarnicê do Boi que dura a noite toda, amanhecemos na rua. Aí, já é o terceiro dia que inicia com o cortejo na cidade, algumas pessoas oferecem café da manhã para o Boi, é pagamento de promessa. O Boi vai recebendo os galhos de flores que significam promessas e o miolo tenta esconder o Boi, ele esconde o Boi. Voltamos para o local da morte sem o Boi para o

café da manhã, depois, os brincantes retornam para suas casas e, no final do dia, tem o resgate do Boi para ir ao mourão e o matadouro, para nós configura o auto, em outro momento não tem auto. Durante os dias do ritual da morte, colocamos um altar para São João na porta do local onde é realizada a morte, mas tem outros santos também. Após a morte, tem a nossa confraternização com o jantar, repartição do bolo e, no quarto dia, tem o mocotó. É muito bonito, mas é triste, porque nos separamos. (JUNIANA).

JOÃO TOLENTINO ABREU – O SEU MANO

A entrevista com o senhor João Tolentino Abreu foi realizada em sua casa, onde funciona a sede do Boi, em maio de 2015, quando estive em Cururupu para mais uma etapa da pesquisa. A fim de adquirir informações com Juniana sobre a programação de 2015 e contatos com brincantes, fui ao seu encontro, conforme combinado.

João Tolentino Abreu, o senhor Mano (foto 27), como é conhecido e como nos autorizou a nos referir a ele, trabalhava na confecção do chapéu para o brincante que ia representar o feiticeiro da tribo indígena do Boi. Com um boizinho pendurado em direção à sua cabeça concedeu entrevista, registrada manualmente.

FOTO 27 - JOÃO TOLENTINO: A) JOÃO TOLENTINO TRABALHANDO NO BARRACÃO E B) JOÃO TOLENTINO CARACTERIZADO DE AMO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

João Tolentino Abreu nasceu em 1956 em Cururupu, é casado, tem sete filhos. É motorista de ônibus escolar e Brinca Boi desde os seis anos. Iniciou no Boi Barro Vermelho, que ficava perto de sua casa, afirmou que brincava porque gostava e a mãe dava força. Informou que, desde a década de 1980, está no Boi Rama

Santa, no qual é cantador, artesão e Amo. É responsável há oito anos pelo Boi. Já foi miolo, Pai Francisco, vaqueiro e marujo (tocador de pandeiro).

O entrevistado iniciou afirmando ser o cantador do Boi, explicando que é “o que leva o apito e o maracá” Disse que, apesar de ser o cantador, não se vê como tal, pois não canta bem. Então, começou a expor como se tornou cantador do Boi:

Eu era do Boi, conhecia Wilson há muito tempo, me manifestei para cantar, passei a cantar no Boi. Wilson estava doente e me nomeou cantador do Boi já vai fazer 10 anos, mas o Boi tem outro cantador. Eu sou compositor de muitas toadas, gosto de todas, às vezes, penso que tem uma predileta, mas, aí, durante a brincadeira, a população ou os brincantes pedem para cantar uma especial, aí, fico feliz e acho todas especiais. (JOÃO TOLENTINO).

Após essa exposição, ele começou a descrever seu trabalho como Amo e responsável por botar o Boi:

Aqui, tem muito trabalho. Eu e a Juniana ficamos com a parte da criação com a ajuda de outras pessoas, a outra parte fica com a Associação, meu filho, Waldioclésio, o Didi, é o presidente e fica na luta para conseguir os recursos, ele mora em São Luís. Então, começamos com a definição do tema do ano, são dois temas: o tema geral do ano e o tema da morte. O ano passado (2014), repensando nossos homenageados, escolhemos para o tema da festa da morte “o lavrador”, pois é a profissão da maioria dos nossos brincantes. (JOÃO TOLENTINO).

Segundo o entrevistado, a preparação da festa, segue as etapas:

Primeiro o tema, aí, meu filho faz um empréstimo até receber recursos do governo e de particulares, depois as toadas, depois pensar os bordados e os ensaios. O tema da morte é pensado durante as brincadas. O trabalho é o ano inteiro. Esse ano (2015), o tema geral são: o branco, o negro e o índio, as três raças e irá homenagear Santos Dumont e um índio, o Zinzidá. Tem a história desse índio em um livro, é pouco conhecido, penso que o Boi pode fazer com que seja divulgada. (JOÃO TOLENTINO).

Quanto ao Boi patrimônio, garantiu não se envolver, não sabe de nada, disse que deixa essa questão com seu filho. Afirmou gostar de se envolver é com a festa. “Aqui, me sinto seguro, feliz, a brincadeira é segura, não tem bagunça. É uma paixão muito grande”. Então, João Tolentino começou a falar sobre o período junino, época em que é mais cobrado. “É difícil, sou muito cobrado, é importante está junto da família. Às vezes, nessa época, recebo, aqui no barracão, a visita do Senhor Wilson, e nas brincadas, na hora das dificuldades.”

O entrevistado contou, ainda, que tem muitas amizades por conta do Boi, que é respeitado na cidade e que se sente feliz, porque sua família, também, é respeitada por conta do Boi. Afirmou que as mulheres são fundamentais para

realização da saída do Boi e que ele tem duas guerreiras, a esposa (Maria Luzia) e Juniana, sua filha.

As entrevistas com as bordadeiras, Maria Luiza, Ana Rita e Danúbia, ocorreram no mesmo dia e foram agendadas quando realizei a entrevista do Senhor Mano. O local foi na sede do Boi, onde elas estavam trabalhando. As entrevistas foram registradas à mão. Maria Luiza e Ana Rita não fizeram o mapa mental, Danúbia aceitou elaborar o mapa, afirmando que preferia desenhar do que falar.

MARIA LUIZA

Maria Luiza (foto 28- última no sentido horário) nasceu na comunidade Canibal, Zona rural de Cururupu, em 1960. Ela é bordadeira e ajudante de cordão. É esposa do João Tolentino.

Maria Luiza iniciou informando que está há 29 anos no Boi Rama Santa e, desde pequena, gostava de Boi, porque, em Cururupu, sempre teve Boi. Contou que nunca gostou de outra festa, mesmo sendo a cidade um lugar de muitas festas: “As festas que eu frequentava e frequento, sem ser Boi, é de São Benedito e São João, porque eu sou devota dos dois”.

O casamento com o João Tolentino a aproximou, ainda mais do Boi, pois ele já brincava o Boi. Quando se casou com o mesmo, ele era viúvo e tinha dois filhos, ela os criou, contou que não tem distinção sobre essa questão, pois para ela são seus filhos: “Eles me tomam a bênção de mãe”.

Segundo a entrevistada, ela aprendeu a bordar desmanchando as roupas do marido e refazendo novamente: “Eu treinei na roupa dele”. Ao se referir sobre o Boi, conta que não brincava, mas, recentemente, começou a brincar no cordão e “agora tem mais essa emoção, mas o Boi é isso, é diversão, é chamamento, eu gosto de tudo, fico triste na época da morte, acho muito bonito os vaqueiros e as índias”.

Perguntei sobre o uso de sua casa como sede do Boi e ela informou ser satisfeita com essa situação do Boi em sua casa, pois é o que faz sua filha e o marido felizes. Afirmou que as mulheres são amigas, falou que as recebe bem e é respeitada por elas: “tem aborrecimento, mas sou feliz”.

Quanto ao Boi patrimônio, assegurou não se envolver, mas participa somente com as viagens a São Luís, das quais gosta muito. Argumentou que a raiz é em Cururupu.

ANA RITA MENDES E SILVA

Ana Rita nasceu em Cururupu, em 1958 e tem quatro filhos. É esposa do senhor Melico (outro cantador do Boi Rama Santa). Mora no bairro São Benedito na mesma casa onde nasceu. Contou que após a morte de seus pais comprou a casa da família. É devota de São João e São Benedito. Ana é agricultora juntamente com o marido. Trabalha na roça com o marido, que fica na comunidade denominada Pé de Galinha e na comunidade Pau Bruto, afirmou que não vai todos os dias, pois considera o trabalho na roça como muito pesado. Ana Rita expôs que a terra da localidade Pé de Galinha é da família. O trabalho nas terras da localidade Pau Bruto é por renda

No Boi Rama Santa ela é bordadeira, brincante de cordão e ajudante na cozinha. Ao discorrer sobre seu pai, a entrevistada falou que ele era lavrador e gostava muito de brincar Boi. Ela relatou que acompanhava o pai desde pequena no Boi da Areia Branca, no qual o mesmo foi brincante. Contou que quando o seu pai (senhor Vicente) foi para o Boi Rama Santa, ela continuou a acompanhá-lo e durante as brincadas conheceu senhor Melico que, na época brincava no Boi Fortaleza, também sotaque Costa de mão que pertencia ao senhor Edmundo. Após a união dos dois e a convite do pai dela, o marido foi ser brincante do Boi Rama Santa, fato que a fez ficar cada vez mais envolvida com a brincadeira.

Ana Rita começou bordar roupa de brincantes de Boi, quando seu neto, chamado Charles, nasceu, teve um problema de saúde, então, o avô do menino, pai de Ana Rita o entregou a São João, fez promessa. Quando Charles tinha 7 anos, ela fez a roupa do pagamento de promessa, a roupa era de Vaqueiro. Charles brincou outros anos e, então, foi embora para São Luís com a mãe: “Acho que se Charles morasse aqui, ele, ainda brincava, pois ele acompanha o Boi em São Luís”.

Ana Rita afirmou que foi a partir da roupa de Charles que ela passou a bordar a roupa do marido e, depois, se tornou bordadeira do Rama Santa, trabalha por temporada e recebe pagamento:

Minha vida é muito boa no Rama Santa, tem o meu marido que é cantador e tem a minha neta, a Jeniffer, que brinca como Índia, eu vou em todos os

ensaios, toda a programação, gosto de tudo. Quando chega o tempo de ir para São Luís, fico alegre, gosto muito de ir para lá, porque é só brincadeira, eu não largo a turma para nada, meu símbolo é o maracá, acho que, devido o meu marido, eu fico feliz o ouvindo começar a toada, primeiro sozinho, depois com a turma tocando. E, aqui, no trabalho com o bordado, a gente vai bordando e conversando, é uma grande amizade. Em Cururupu, a cultura é dos negros, os mais fortes são o Tambor de Criola e o Boi, porque é do começo. (ANA RITA).

Ana Rita (foto 28- primeira no sentido horário) falou gostar muito de festa que trabalha muito, mas se envolve bastante com as festas da cidade. Afirmou gostar de carnaval, da festa de São Benedito e do festival dos carros de boi, da qual participa do desfile. A família tem carro de boi próprio.

FOTO 28 – ANA RITA, DANÚBIA E MARIA LUÍZA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

DANÚBIA VIEIRA MENDES

Danúbia (foto 28 segunda no sentido horário) nasceu em Cururupu, em 1983, na sede, é casada e tem 01 filho. Era estudante até se casar, por conta do nascimento do filho parou de estudar.

A entrevistada se mostrou tímida em falar dela mesma e se deteve a expor sobre sua relação com o Boi. Afirmou que sua vivência com o Boi é de família, pois o pai brincava e a mãe é bordadeira, contou que aprendeu com ela: “Aqui tem muitas bordadeiras, porque tem muito Boi”. Danúbia informou que brincou de índia por vários anos e foi no Boi que conheceu o marido, brincante de vaqueiro. Ela continuou brincando depois de casada, mas, depois que o filho nasceu, parou, ficou somente como bordadeira: “Às vezes, nas caminhadas, eu danço junto com as meninas, mas não uso roupa de índia”. Ela garante que é um trabalho bonito e que a ajuda a sobreviver: “Eu fico feliz quando vejo a pessoa com a roupa brilhando, os bordados bonitos”. Perguntei sobre as festas do Boi e os símbolos e Danúbia respondeu que gosta do som, que fica emocionada ao escutá-lo: “De longe, de perto, é bonito de escutar, eu vou logo olhar, dos símbolos eu gosto do Boi, ele todo bordado é muito bonito”. Danúbia elaborou dois Mapas mentais.

DONATO SILVA ALMEIDA

A entrevista com o senhor Donato (foto 29) foi realizada em sua residência, em Cururupu, com agendamento prévio feito por Juniana. O agendamento foi feito para o dia 21 de maio de 2015, período que estive em Cururupu para observação do ensaio do Boi. A entrevista foi realizada na sala da casa, na presença de sua esposa, a senhora Maria Célia, e foi registrada manualmente.



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Donato Silva Almeida nasceu na zona rural do Município de Cururupu em 1951, na comunidade de Santo Antônio, depois morou nas comunidades Santa Clara e Rumo, todas na zona rural, casado, pai de cinco filhos. É Lavrador e trabalha em terra própria que fica na comunidade Santa Clara. É devoto de São João. Brinca Boi há 49 anos, apenas um desses anos brincou no Boi Soledade, os outros anos, brinca no Boi Rama Santa como Marujo.

Senhor Donato afirmou que sempre trabalhou na roça, pois, no seu tempo, era difícil para quem nascesse na roça ir morar na sede (zona urbana).

Desde pequeno eu ia para a roça, primeiro com serviço leve depois, outro serviço mais pesado e foi assim que aprendi a lida, quando tinha saúde, fazia farinha das boas. Meus pais me colocaram para estudar, mas era muito difícil, era longe. A caminhada era longa, eu gostava da volta, nós brincávamos e subíamos nas árvores, chegava com a roupa suja ou rasgada de fazer danação, minha mãe brigava. Quando eu tinha uns dez anos disse para ela que não queria mais estudar e fiquei trabalhando na roça.

Sobre a aquisição da terra, senhor Donato relatou ter sido muito duro o trabalho dos pais e dos irmãos para comprar a terra que ficou de herança para a família.

Voltando o olhar para a esposa, Marilene Alves contou que a conheceu na mesma localidade, casaram, trabalharam duro na terra, até a mudança para cidade. Contou que a decisão de morar na cidade ocorreu em função do estudo dos filhos e da saúde: “Na cidade, fica mais perto do médico, minha esposa teve um AVC e não pode mais trabalhar”. Questiono sobre a continuidade do trabalho na roça e ele relatou: “o rendimento é pequeno, o aposento é pequeno, então, tem que ter complemento”. (DONATO).

Sobre seu envolvimento com o Boi, iniciou afirmando que se tornou brincante devido à promessa feita por sua mãe, que era devota de São João.

A minha mãe prometeu a São João que eu ia ser brincante de Boi, por isso comecei a brincar Boi, também, sou devoto de São João, ser brincante de Boi para mim é respeitar o São João. Iniciei brincando de Vaqueiro e, depois, comecei brincar como marujo, tocador do pandeiro, gosto muito de tocar o pandeiro e acho muito bonita a roupa do marujo e do chapéu de fita. (DONATO).

Ao ser questionado sobre a confecção da roupa, afirmou que, atualmente, paga uma pessoa para fazer: “Antes quem bordava era minha esposa e minha filha, elas faziam bordados muito bonitos, mas, atualmente, as duas com problemas de

saúde não bordam mais”. Informou que sua esposa o acompanhava na brincadeira e seu filho brincava o Boi antes de ir embora para Belém no Pará.

Uma pausa se deu e, então, solicitei que o senhor Donato falasse sobre a festa do Boi, as etapas, do que mais gostava. Ele, então, voltou a se expressar contando:

Gosto de tudo no Boi, tudo é especial, eu gosto é de Boi. Para mim, não tem parte ruim. Gosto do ensaio, do batismo, que é no nosso arraial e da morte. Gosto de ir para São Luís, lá, nós brincamos muito, fico muito alegre quando as pessoas dizem que gostam do Boi e muito triste quando dizem que não gostam. Gosto muito do som (DONATO).

Quanto à elaboração do Mapa mental, o senhor Donato não fez, afirmou que não desenhava bem e não aceitou elaborar o mapa mental.

UYRAMÊ BEZERRA DA LUZ

A entrevista com o senhor Uyramê (foto 30) foi realizada em sua residência, também em Cururupu, com agendamento prévio feito por Juniana no dia 21 de maio de 2015. Foi registrada manualmente.

FOTO 30 - UYRAMÊ CARACTERIZADO DE MARUJO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Uyramê Bezerra da Luz nasceu em Cururupu, em 1961, é casado e tem 01 filho. É pintor de casa. Brinca no Boi Rama Santa há 12 anos. Nunca brincou em outro Boi. No Boi Rama Santa, sua função é de ajudante e de brincante de cordão, o Marujo.

Senhor Uyramê falou que tinha pouca coisa sobre ele, que iria falar mais do Boi. Disse que é pintor de casa, que sempre residiu em Cururupu, local que ama muito e lamentou a onda de violência e a presença das drogas na cidade:

Aqui, é uma cidade de festa, tem bastante festa, antes era mais festa de Boi, o Tambor de Criola, festa do Divino e os festejo de São Benedito e de São João Batista. Aí, depois veio o Reage e, agora, tem essas festas eletrônicas. O carnaval, também, sempre, foi forte. Agora, tem todas essas festas, mas a juventude não quer saber das festas da cultura do lugar. Eu gostava de carnaval já brinquei muito, agora, só brinco o Boi. Ele vem dos negros, pois os negros divertiam os brancos. (UYRAMÊ).

Nesse momento, iniciou a exposição sobre o Boi, afirmando que sua ida para a brincadeira foi por uma questão de família, sua mãe era bordadeira do Boi Rama Santa e o criador do Boi era seu primo, o Senhor Wilson. E expôs: “Foi um desafio ir para o Boi, pois, apesar da família ser envolvida, eu não brincava, depois que meu primo faleceu, decidi que era preciso ficar para ajudar, desenvolver a cultura para não acabar”. O entrevistado informou que poucos membros da família, atualmente, se envolvem com o Boi, pois são evangélicos, a esposa é Adventista do Sétimo dia.

Quanto à ajuda na logística do Boi, falou que é trabalhoso botar o Boi para brincar, pois as festas (ensaio, batismo, brincadas e morte) demandam muita organização. Afirmou ajudar nas atividades dessas festas, como cortar a carne do boi para as mulheres cozinhareem na época da morte, ajudar na viagem a São Luís: “Tem que ter muita gente para tomar de conta”, completou o senhor Uyramê.

Além de brincar como Marujo e ser ajudante da organização, ele, também, borda e faz instrumentos. Uyramê borda sua roupa e, quando as mulheres precisam de ajuda, borda o couro do Boi. Também, já bordou couro de outros Bois por encomenda. Quanto ao instrumento, faz seu pandeiro. Disse que aprendeu a bordar com a sua mãe e a fazer o pandeiro somente olhando outras pessoas fazerem. Falou que faz o pandeiro de zinco ou de bacia de alumínio. Ao ser indagado sobre o

que mais gosta no Boi, respondeu: “gosto do tudo, do encontro de um modo geral, pois gera união e comunicação no grupo”. O Senhor Uyamê não fez o Mapa mental.

PAULO CÉSAR RODRIGUES

A entrevista com Paulo César (foto 31) foi realizada na sede do Boi, em setembro de 2015, durante as observações da morte do Boi Rama Santa, foi registrada manualmente. Paulo César Rodrigues nasceu em Cururupu, casado, tem 01 filho e é lavrador e mototaxista, ele faz corridas entre Cururupu e a comunidade de Arapiranga. De família de lavradores, conforme narrou, ia para a roça desde criança: “Aqui, em Cururupu, quando eu era mais jovem, tinha pouco emprego fora da roça, logo, eu estudei pouco. Agora, tá difícil, imagine naquele tempo.” (PAULO CÉSAR).

FOTO 31: PAULO CÉSAR- MIOLO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L, (2015)

O entrevistado afirmou gostar de trabalhar na roça e que Cururupu tem fama de fazer farinha boa. “E nós fazemos mesmo farinha boa, aqui para comer peixe, só se for com farinha, então, a farinha tem que ser boa, mas tem, também, a tapioca, aquela fina, a grossa é do Pará”. (PAULO CÉSAR).

Os homens de sua idade, em Cururupu, se tornavam pescadores ou lavradores e relatou: “Agora, continua ruim de emprego e a rapaziada não quer trabalhar na roça e nem de pescaria, só quer saber de festa e droga”. E concluiu afirmando que a polícia tem muito trabalho, mas mesmo assim gosta da cidade: “Aqui no Boi, a associação faz um trabalho nessa questão, incentiva os jovens a brincar para não cair na droga”. (PAULO CÉSAR).

Quanto ao Boi, falou que o Senhor Wilson, o outro dono do Boi, morava perto da casa dele. Então, passou a brincar, ainda, muito jovem, mas sempre como miolo. Lembra quando caiu doente aos 15 anos e fez promessa para São João, nesse período, fez votos de rolar Boi até quando puder: “Eu gosto de ser miolo do Boi, para o Boi ter vida, tem que ter miolo, me orgulho de ser a vida do Boi. Já fui convidado, mas outros sotaques não permitem bailar igual ao Costa-de-Mão”. (PAULO CÉSAR).

Quanto às festas do Boi, Paulo César respondeu gostar de todas, de viajar para São Luís, acha a cidade muito bonita, e que trabalha e guarda dinheiro para a viagem. Quanto ao símbolo, respondeu sorrindo, “é o Boi”. Perguntei sobre toadas, ele respondeu gostar de todas, mas tem preferência com as da abertura, conhecida como “Lá vai”.

Nessa nossa trajetória de viagem
Meu vaqueiro prende o gado é hora de viajar
Eu espero que vocês não esqueceram
De levar o boi na porta de quem veio nos contratar.
Lá vai, lá vai meu boi
Eu sempre disse caprichar não é desprezo.
Lá vai, lá vai meu boi.
Aqui na Rama Santa tem um batalhão de peso.

(Toada Lá Vai, Seu Mano, 2015, Boi Rama Santa).

JOELSON TOMAZ REIS DA COSTA

A entrevista com Joelson (foto 32) também foi realizada na sede do Boi, em setembro de 2015, durante as observações da morte do Boi Rama Santa, foi registrada manualmente.

FOTO 32- JOELSON CARACTERIZADO DE VAQUEIRO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L, (2015)

Joelson nasceu em Cururupu, é casado com Juniana, trabalha como pedreiro e segurança. No Boi Rama Santa é brincante como vaqueiro e ajuda em diferentes tarefas em todo o ciclo do Boi.

O brincante afirmou que sua experiência com o Boi é desde pequeno, pois o Boi surgiu no bairro Filipinho onde ele morava. “O senhor Wilson brincava perto da minha casa e eu ia vê, o som é chamativo, meus pais não brincavam foram uns amigos que me trouxeram para o Boi” (JOELSON).

O entrevistado falou que saiu do Boi e ficou uns tempos sem brincar, depois voltou novamente. Sobre o namoro com Juniana, conta que pediu a mão dela em para o senhor João Tolentino em 2009. Afirmou que já conhecia a Juniana há muito tempo em decorrência de ela ser a filha do atual Amo do Boi, mas deixou claro que ele brincava muito antes dela.

Joelson considera que brincar e trabalhar no Boi o faz alegre e mais tranquilo apesar de ter muito trabalho.

“Na época das brincadas, eu fico muito envolvido. Gosto de fazer parte da organização, eu vou atrás da radiola, monto e desmonto o que é preciso, cuido do bar no nosso arraial e nos ensaios, trabalho como segurança. É bom, fico ansioso para chegar o dia de brincar. Gosto também de ir para São Luís.” (JOELSON).

Sobre as festividades do Boi, o brincante afirmou que gosta de todas as etapas, considera o Boi todo bordado como o símbolo da brincadeira e as toadas como a voz dos brincantes, pois para ele, as toadas cantam a vida deles. Afirmou que sua toada favorita é a “Chegada do Boi” de 2013.

5.2 A VOZ DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA: ENTREVISTAS

JOSÉ INALDO FERREIRA

As entrevistas com José Inaldo (foto 33) foram realizadas em maio de 2014 e maio de 2016, na sede do Boi, localizada na Viva Maioba. Ocorreram duas entrevistas que foram gravadas. No primeiro momento, recebi o portfólio do Boi, CD e camiseta, ambos do ano de 2014.

FOTO 33 – JOSÉ INALDO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2014)

José Inaldo nasceu em 1954, na comunidade de Bacuritíua, distrito da Maioba que, antes, pertencia à São José de Ribamar e, atualmente, pertence a Paço do Lumiar. É filho de José Raimundo Ferreira, carinhosamente, chamado de Calça Curta, e de Cremilda Inácia Ferreira, fundadores do Boi da Maioba. É corretor de Imóveis e presidente da Associação Beneficente do Boi da Maioba. Casou duas vezes e é pai de 7 filhos, sendo 1 já falecido. Após relatar seus dados pessoais, José Inaldo informou que existe um histórico dele, com acesso à internet, mas não se incomodava em falar novamente.

A partir dos 8 anos de idade, devido à dificuldade de acesso à escola, viveu entre a Maioba e o bairro João Paulo, onde estudava. Foi morar na casa da irmã do seu pai. Mesmo sendo perto, ficava longe devido às condições da estrada. De segunda a sexta ficava no João Paulo e, nos finais de semana, voltava para a Maioba, sentia saudades de banhar no rio e das brincadeiras com os amigos.

O entrevistado relatou que, desde pequeno, era envolvido com Boi, pois, a partir da década de 1960, seu pai, José Raimundo, juntamente com João de Chica, que era seu tio e padrinho, passou a ser responsável da brincadeira, resultando em reuniões na casa da família para discutir a organização da brincadeira. Então, essa aproximação, desde muito, fez com que ele conhecesse os fundamentos básicos e necessários para botar Boi na rua. Exercia atividades diversas, uma espécie de faz tudo, de contínuo. Aos 13 anos, tornou-se o secretário do grupo, mas fazia de tudo e exercia atividades diversas, uma espécie de faz tudo, de contínuo. Contava grades de cerveja, levava recados, limpava espaços, entre outros serviços: “O material humano sempre foi difícil na organização do Boi, se deu certo eu tomar conta do Boi da Maioba, é porque, desde cedo, aprendi de tudo com meu pai.” (JOSÉ INALDO).

Foi sob a responsabilidade do pai de José Inaldo que ocorreu a compra do terreno para a atual sede do Boi e a construção da capela de São João, esses fatos deram mais sentido de organização e identificação do grupo.

Mas quando criança e jovem, o Boi da Maioba era para ele trabalhar, ele brincava no Boi mirim de Dona Lalá, nesse Boi familiarizou-se com o lado festivo do Bumba-meu-boi.

Aos 21 anos, o pai dele determinou sua ida para o Rio de Janeiro, a fim de continuar os estudos e trabalhar. Ficou no Rio entre 1976 e 1981. Apesar de estar

longe, conta que, nas férias de junho, sempre estava em São Luís, participando do Boi: “Foi um período difícil, de muitas lembranças e saudade, meu pai mandava as fitas cassetes com as toadas do Chiador, nosso cantador na época, para eu escutar. Nesse período, comecei a compor toadas, escrevi muitas, mas não registrei” (JOSÉ INALDO).

Ainda, sobre o período do Rio de Janeiro, José Inaldo relatou um fato pertinente para ele, na aquisição da imagem de São João e da capela. Contou que o pai foi visitá-lo no Rio de Janeiro. Nessa época seu pai estava adoentado e fez promessa de fazer a capela e, também, de “botar” Boi naquele ano para São João. Comprou a imagem na feira do Bom Sucesso, no retorno para o Maranhão, o ônibus foi parado e a imagem investigada, os policiais procuravam contrabando. Quando chegou em São Luís, a imagem ficou em casa, foi benzida por rezadeira, porque, fora da igreja, o padre não batizava. O pai de José Inaldo comprou o terreno, construiu a capela, levou o santo para ser benzido na igreja de São João, na Rua da Paz, e colocou na capela.

Quando José Inaldo voltou do Rio de Janeiro, em 1981, seu pai deu-lhe um caminhão e mandou tomar de conta do Boi, segundo falou, ocorreu nos seguintes momentos:

Quando voltei, em 1981, organizei junto com meu pai, João de Chica e o primo Papera, o que considero ter sido o meu primeiro grande trabalho na organização do Boi da Maioba. Em 1986, meu pai me entregou o Boi e, em 1988, criamos a Associação Folclórica Beneficente Boi da Maioba, nomeamos papai como presidente. Em 1994, ele faleceu e, desse período para cá, sou o presidente do Boi. A responsabilidade é muito grande, mas é um orgulho, porque a Maioba é minha paixão e meu sangue (JOSÉ INALDO).

Durante o período em que se encontra na presidência do Boi, fez algumas mudanças, conforme relatou:

Antes, eram quatro ensaios, dois em maio e dois em junho. Comecei a fazer em abril, depois em março, o governo do Estado devia me agradecer, porque os outros grupos começaram a fazer mais ensaios e mudou o São João daqui. Antes, só tinha São João a partir de junho, Bumba-boi sai em maio. A Maioba brinca o ano inteiro, eu sou a favor de ampliar o calendário e de ter carnaboi. (JOSÉ INALDO).

Mas, as mudanças, para José Inaldo, estão na comunidade, também, conta que, atualmente, existe confronto religioso entre o Boi e o entorno: “O Boi é festa, é

sotaque, som, muita gente e têm muitos evangélicos, alguns eram brincantes, e não gostam mais do Boi, eles não falam nada, mas sabemos”. (JOSÉ INALDO).

Quanto ao Boi Patrimônio, considera que a brincadeira é merecedora desse reconhecimento:

É o reconhecimento de nossa cultura, da identidade maranhense, são muitos anos de história. No nosso caso, o Boi da Maioba é considerado um dos grupos mais populares da cultura maranhense, cuja tradição já perdura por 117 anos e vem passando de pai para filho. (JOSÉ INALDO).

Segundo José Inaldo, a região da Maioba, antes, era desprestigiada, os moradores eram considerados homens brabos que andavam com faca na cintura e era pejorativo ser maiobeiro, depois que o Boi cresceu, a região passou a ser reconhecida.

Por meio da associação e em nome do Boi, muitas melhorias chegaram à Maioba, tais como a estrada, a ampliação da escola Ribeiro do Amaral, juntamente, com a quadra poliesportiva e o Viva.

Pergunto sobre o envolvimento da família dele com o Boi e ele respondeu que participam, mas não é com muita emoção. Ele assegurou que a família sabe da responsabilidade da sua tarefa com os ensaios, o batismo, as brincadas e a morte do Boi, além de outras festas, como dia das mães, dos pais, aniversários e o festejo de São João.

Em maio de 2016, encontrei-me, novamente, com José Inaldo, para ter acesso a outros brincantes e obter informações diversas e gravamos nova entrevista. José Inaldo estava angustiado com a aproximação das atividades como a gravação do DVD, ensaio redondo, batizado, apresentações e, ainda, não tinha recebido recursos da Secretaria do Estado questionou a salvaguarda do Boi:

Estive em Brasília e, ainda, estou esperando as portas se abrirem para o Boi. Os projetos de Salvaguarda não funcionam, afirma já ter ido à VALE, na ALUMAR e no Governo do Estado e não conseguiu patrocínio, a Associação pode contribuir com projetos sociais, mas sem patrocínio não podemos realizar. (JOSÉ INALDO).

Perguntei sobre valores e ele informou que recebe R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) por cada apresentação, recebe de particulares e do estado. Informou, nesse momento, que a Associação fornece da sapatilha ao chapéu para os brincantes. E, também, argumentou:

Agora mesmo, você vê a praça, ainda, está suja da nossa atividade do sábado, paguei o rapaz daqui e pedi para ele limpar, faz três dias que falo com um, falo com outro e a comunidade cobra de nós e eu me sinto responsável, afinal, foi com atividade do Boi que a praça ficou suja. O Boi tem muita responsabilidade aqui. (JOSÉ INALDO).

Solicitei a José Inaldo esclarecimentos sobre as contradições que havia encontrado quanto aos nomes dos distritos da região. Ele explicou:

A Associação fez uma pesquisa, tem o livro para se lançado, mas falta recurso. Então nessa pesquisa foi feito um levantamento: da Forquilha até no porto do Mocajituba tem cerca de 50 mil habitantes e isso é Maioba. Mas, acontece é que as pessoas não se identificam mais como Maioba. Até aqui (local da sede da Maioba), é a Maioba do Jenipapeiro, a grande mãe, que germinou as outras, agora é Vila Conceição, mas não é. Eu sou adepto da religiosidade, sou católico, sou espírita, sou devoto de São João e Nossa Senhora da Conceição. Nada contra a Santa, mas, aqui, não é Vila Conceição, é Maioba do Jenipapeiro sim. Você vai lá na Trizidela, ninguém mais quer ser da Maioba, é Vila São Pedro e afirmam: *não, aqui não tem nada a ver com Maioba*. O Boi é sim identificação do bairro, as melhorias vieram para cá por conta do Boi. Mas, não querem bater matraca, não querem mais ser agricultor, e o que se vê são muitos jovens no descaminho da vida. (JOSÉ INALDO).

Ao ser indagado como ocorreu esse processo, ele respondeu:

Eu faço um parâmetro com o passado e lembro que, na época do meu pai, lá nos anos 1960 e 1970, já tinha esse problema. O caminhão ia cheio do pessoal para o Ribamar, para Olho D'Água, para o João Paulo e já falavam que gostavam de Boi no João Paulo, e no Ribamar e só apareciam, aqui, no ensaio redondo, no batismo e na morte, mas o Boi, antes e agora, é uma constante. Agora, tem outros problemas. Já falei para você da vizinhança e tem na vizinhança outras festas. Tem o *reagge* aí do lado. Deixa eu te contar uma: Tá fazendo oito dias que o rapaz do *reagge* me ligou, ele é meu parente, Rabo cheio é o apelido dele. – *Rapaz! Quero falar contigo, estou aperreado, quero pagar as contas e vou colocar o som no sábado*. Eu respondi. – *Ah! Lembrou do Boi agora?* Acontece que sábado tinha ensaio e ele queria fazer a festa e vender bebidas, sabia que vinha muita gente para o ensaio. No sábado, só vi a radiola estremecer. Agora, me diga se eu posso gravar DVD aqui? Posso não, então, vou com o Boi para outro lugar gravar. Para nós, o batismo e a morte são momentos sublimes e é, aqui, o lugar de realizar. Mas, isso são fatos que aparecem para nós. (JOSÉ INALDO).

MARLENE OLIVEIRA CANTANHEIDE

A primeira entrevista com Marlene (foto 34) foi realizada em maio de 2014, em sua residência, no bairro João Paulo, em São Luís. A entrevista foi gravada. A segunda vez que estive na casa de Marlene foi em julho de 2016, para alguns esclarecimentos da festa e para entrevistar seu marido, o senhor Nezildo, na foto está usando chapéu.

FOTO 34: MARLENE BORDANDO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2014)

Após apresentação da pesquisa, solicitei a elaboração do mapa mental, Marlene afirmou que só sabia bordar e não sabia desenhar. Sua filha e seu marido estavam presentes e fizeram o mapa mental. Marlene só fez o mapa em julho de 2016.

Marlene nasceu em 1964, em Pastos Bons, é casada com Nezildo e mora em São Luís, no bairro do João Paulo, tem 3 filhos e 4 netos. Além de bordar faz parte da organização, ela é coordenadora das índias. Sua filha brinca de Índia, seu filho de caboclo de pena e seu marido brincam tocando pandeiro. Recebe dinheiro por temporada como bordadeira. Sobre a chegada em São Luís, contou que, em 1966, sua família mudou-se para a cidade de Barra do Corda, região Central do Maranhão, onde viveu até 1980, ano em que conheceu o seu marido. Nezildo participava de torneio de futebol que acontecia na cidade. Segundo ela, foi amor à primeira vista, ele voltou para São Luís e, três meses depois, estava de volta à Barra do Corda, para pedido de casamento, casaram e ela foi morar na casa dos pais de Nezildo, local que residem, ainda hoje, em São Luís.

O casamento com Nezildo, segundo a entrevistada, a aproximou das brincadeiras de Boi, pois ele sempre foi boieiro, brincou no Boi do João Paulo e gostava de assistir nos arraiais. Afirmou que, no bairro do João Paulo, sempre teve Boi e, como eles sempre moraram muito próximo da feira, local onde ocorria encontro de brincantes de Boi, o envolvimento foi ficando cada vez maior: “Os agricultores vinham vender suas produções e depois começavam a bater pandeiro e matraca e começava a festa” (MARLENE).

Com a ida do marido para o Boi da Maioba, passou a acompanhá-lo e ficou muito envolvida com as pessoas do grupo e ajudava na confecção de roupas e em outros serviços, quando chegava o período junino, época de muito trabalho. Foi na lida com as roupas que passou a bordar, contou que aprendeu olhando as outras bordadeiras. Iniciou bordando com paetê e miçanga e, apenas, desenhos simples. Depois, aprendeu e passou a bordar com canutilho temas mais difíceis como santo, pessoas e animais. Nesse momento, Marlene falou: “esse ano tem bandeira, devido à copa do mundo, e bandeira não é fácil de bordar, tem a bandeira do Brasil, do Maranhão e da Maioba”. (MARLENE).

A partir dos desenhos dos homenageados e de outros símbolos que, comumente, constam nas toadas escritas a partir do tema do ano, a bordadeira em destaque organiza seu trabalho. Marlene afirmou que os santos sempre têm nos bordados. Após essas definições, vem a busca por material, as miçangas, canutilho e paetês, essa tarefa é difícil, porque a compra é realizada fora de São Luís: “É preciso qualidade, porque nossa cultura é forte” (MARLENE).

Marlene descreve que o trabalho é difícil e cansativo, mas ela faz com vontade e com amor e expõe:

Quando chega próximo de junho, eu viro a noite bordando, fico bordando e, quando vejo, já amanheceu, mas minha família me ajuda. Aqui, todo mundo borda, meu filho, que é Caboclo de Pena, e minha filha, que brinca de Índia. Meu marido brinca com o pandeiro e é artesão do Boi, ele faz o pandeiro e o tambor-onça, mas, também, borda. (MARLENE).

Marlene falou sentir orgulho de ser bordadeira, mas não se sente importante, sente orgulho e gosta de colaborar com a brincadeira, faz por amor e o trabalho que é feito com vontade, segundo ela, fica bonito.

Quanto ao envolvimento de toda a família com o Boi, assegura:

Tem muita família igual a nossa na Maioba, por isso, a Maioba é uma grande família e como família brigamos e nos entendemos em prol da Maioba. Fazemos aniversário dos brincantes, se tem alguém doente tratamos de ajudar, se alguém anda sumido vamos atrás, é igual família. Isso é positivo para o Boi, porque brincamos o ano inteiro, Maioba é o primeiro que sai e o primeiro que morre, mas depois da morte ele continua brincando, é o ano todo. Nós só temos tempo para a brincadeira. Desde que cheguei aqui em São Luís, moro nessa casa e, aí, as coisas do Boi passaram a morar, aqui, também. Agora, preciso que o Boi me dê tempo de arrumar essa casa, todo ano nós falamos que vamos mexer na casa, mas, quando a gente vê, já tem coisa do Boi para fazer. (MARLENE).

No que se refere ao trabalho como coordenadora das Índias, a entrevistada falou que é outro tipo de compromisso. Afirmou que as acompanha durante as apresentações, distribui água, lava as roupas, costura quando necessário. No dia que tem apresentação, tem que ligar para cada uma, a fim de confirmar a presença: “Hoje em dia, está mais fácil por que tem o *Whatsapp*, mas, antes, era bem difícil.” (MARLENE).

Em julho de 2016, quando retornei à casa de Marlene para entrevistar Nezildo, conversamos acerca do período junino que havia terminado recentemente. A pauta foi o encontro dos Bois de Matraca, no dia 30 de junho, e ela relatou a satisfação de ver os brincantes dançando alegres, mesmo sob o sol quente: “Fazemos devido à tradição, as pessoas ficam esperando o Boi da Maioba passar, então, para nós, é compromisso está lá”. (MARLENE).

VITÓRIA ROSA FERREIRA RIBEIRO

A entrevista foi realizada no dia 02 de junho de 2015, em sua residência, com agendamento prévio. A entrevista foi registrada por escrita. Depois, encontrei-a em outros momentos para outras informações.

Vitória (foto 35) nasceu em São Luís, em 1971, no bairro do Anil, onde morou durante 37 anos. Atualmente, mora no bairro Maiobão, zona urbana do Município de Paço do Lumiar. É artesã, mora com a mãe e a filha. No Boi da Maioba, é diretora do Conselho Fiscal da Associação do Boi da Maioba e, durante as brincadas/apresentações fica responsável pela organização das roupas, acompanha o Boi em todos os eventos.

FOTO 35: VITÓRIA ROSA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Vitória contou que o pai, o Senhor Aimar, sempre foi envolvido com o Boi da Maioba, ele foi diretor de Patrimônio e brincava no Boi. Ela relatou que todos acompanhavam o pai e a mãe se tornou bordadeira. A entrevistada lembrou que aprendeu a bordar, ajudando sua mãe que sempre tinha muitas roupas para bordar.

Também, porque, somente ela ficou em casa, os outros irmãos casaram e saíram. “Eu sinto orgulho em ser bordadeira” (VITÓRIA).

Sobre a história do Boi da Maioba, Vitória afirmou: “Os mais antigos dizem que veio do Boi de cofo, eu não sei, acho que isso está muito longe, mas é assim que está na história do Boi”, nesse momento, pediu licença e, quando voltou, trouxe a cópia do Boletim Folclórico maranhense e me entregou, afirmando: “Aí tem umas coisas sobre a história do Boi”.

Retomando a entrevista, ela relatou que borda em casa e no barracão do Boi, informou que a Associação fornece o material e ela recebe pagamento por temporada como bordadeira de chapéu de fita. Vitória expôs que prefere trabalhar em casa e explicou: “às vezes, bordo na Associação, mas gosto mesmo é de bordar aqui em casa. Tenho que ajudar na casa, tem minha filha, minha mãe e, aqui, no Maiobão, tem tudo, então, resolvo muita coisa do Boi por aqui.” (VITÓRIA.)

Solicito que a mesma exponha sobre o trabalho na Associação. Vitória contou que, como ela era muito conhecida e respeitada no Boi, após a morte do pai, José Inaldo, presidente do Boi, convidou-a para participar da Associação e para ser bordadeira do Boi e contou:

Trabalho o ano inteiro, porque o Boi da Maioba é o primeiro que sai. Em dezembro, começamos a pensar nos patrocínios, pois é o que vai definir as toadas e os bordados. Esse ano, o Boi vai cantar os Lençóis maranhenses, porque o prefeito foi um dos patrocinadores. Nosso ensaio começa cedo, em fevereiro. Na época das apresentações, fico responsável com a organização dos brincantes de chapéu de fita, dos caboclos de penas e dos Bois, além de outros serviços. Em junho, concentra muito trabalho devido às datas e as apresentações que são concentradas nesse período. Tem o mastro para São João dia 13, o ensaio redondo, o batismo, tudo em junho. O trabalho é cansativo, mas é reconhecido por todos, tanto os brincantes como a sociedade. Eu tenho orgulho de ser da Maioba, porque ele representa muito bem a nossa cultura. (VITÓRIA).

No que se refere às festas dos Bois, a entrevistada expôs sobre a de São Marçal e a festa da morte. Vitória considera positivo as pessoas ficarem esperando a Maioba passar, mas é muito sofrido, pois é muito sol, calor. Comentou que, enquanto a Maioba não passa, as pessoas não vão embora e, aí, dá para vender muita coisa. O lado positivo é ver o trabalho reconhecido e o amor dos brincantes, que lutam para brincar, que gostam de brincar. Quanto à morte, conforme relatou, é a superação das dificuldades, de que o trabalho foi realizado: “Apesar de o Boi ir

para o mourão, de ser morto e da distribuição do sangue, com a morte ele não acaba, ele desmaia e o sentimento é de volta de reviver”. (VITÓRIA).

Sobre símbolos, Vitória afirmou que gosta do som, do chapéu de fitas balançando, das pessoas e das toadas. Considera as toadas verdadeiras poesias e citou as toadas intituladas “Maioba e Lençóis, amor à primeira vista”, “Conversa entre rosas” e “Se não existisse o Sol”.

JOÃO RIBEIRO RAMOS (João de Camélia)

João Ribeiro Ramos (foto 36) nasceu no Mocajituba, zona rural de Paço do Lumiar, em 1939, mora em Itapera, Paço do Lumiar. É casado tem cinco filhos. Já foi carpinteiro, pedreiro e armador, atualmente, é artesão, mas é aposentado.

FOTO 36: JOÃO DE CAMÉLIA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L, (2015)

A entrevista com João Ribeiro Ramos foi dia 02 de maio de 2015, com agendamento prévio. A entrevista foi na varanda de sua casa e o registro foi realizado manualmente. João Ribeiro aceitou fazer o Mapa mental no final da entrevista. Após apresentação da pesquisa, mostrou sua casa, suas produções, as etapas necessárias para a confecção das roupas e o porquê de ser chamado João de Camélia. Contou que Camélia era o nome da sua primeira esposa, mãe de seus filhos. Após essas apresentações, iniciamos a entrevista.

O entrevistado afirmou que a região onde mora e a vizinhança, sempre, teve muito Boi. Ele passou por vários Bois da região, mas foi na Maioba que brincou mais tempo. Nesse Boi, foi tocador de pandeiro e Caboclo de Pena, sempre gostou de Boi, mas se tornou Caboclo de Pena em decorrência da promessa que a mãe fez a São João em prol de sua saúde. Contou que caiu e ficou com problema de dores nas costelas: “Custei a pagar a promessa, pois era da minha mãe” (JOÃO RIBEIRO).

O início no Boi da Maioba não foi difícil, seu pai foi brincante e Mundico Louro, seu tio, foi cantador da Maioba: “Tenho boa relação com José Inaldo, ele gosta do que é bom e eu também. Eu era amigo do pai dele, o Calça Curta. Ele era meu compadre. Eu fui da diretoria de patrimônio”. (JOÃO RIBEIRO).

João Ribeiro deixou de ser tocador de pandeiro para se tornar Caboclo de Pena, em função da promessa, pois não considerava correto pagar a promessa sem roupa adequada. Afirmou que o tocador de pandeiro veste a camisa da brincadeira e está pronto, já o Caboclo de Pena não, tem roupa caprichada.

Após essa decisão, encomendou a roupa e começou a dançar como Caboclo de Pena, conta que era um bom dançarino e que foi a melhor coisa que já fez na vida. Nesse momento, mostrou o quadro na parede da sala em que está vestido a caráter. Com a continuidade na brincadeira e devido ser muito cara a roupa, começou a desmanchar e refazer sua própria roupa e, assim, desmontando e montando, novamente, sua roupa, cada vez que não tinha dinheiro para pagar o bordador, aprendeu a fazer: “Eu mesmo sustentava minha roupa, hoje, a Associação paga a roupa do brincante”. (JOÃO RIBEIRO).

Agradece a Deus a inteligência que tem, porque consegue fazer as roupas, informa que, para compor a roupa, homem necessita de onze peças e sete peças

para roupa das mulheres. Ele contou que, com os recursos desse trabalho, construiu cinquenta por cento a casa que mora, por isso, agradece a Deus. A dificuldade em fazer as roupas decorre dos custos para aquisição das penas. As penas de ema são difíceis por conta do IBAMA: “Agora mesmo, desmanchei onze roupas e só conseguir fazer sete”. (JOÃO RIBEIRO).

Perguntei se ele, ainda, participa do Boi, ele afirmou que muito pouco, porque “agora é evangélico” e as pessoas não respeitam, querem que ele beba, e ele fica triste. Mas, afirmou gostar muito do som, das toadas que falam da natureza e de ver o Caboclo de Pena dançando. Ele não tem filhos que brinquem o Boi, somente um filho brincou, mas não gostou e saiu.

JOSÉ VICENTE REIS SILVA (O Caroba ou Pinduquinha)

A entrevista com o José Vicente, (foto 37) também, foi realizada no Viva Maioba, no dia 13 de junho de 2015, no dia do levantamento do mastro para São João, não foi agendada. Após apresentação da pesquisadora e da pesquisa, José Vicente aceitou conceder a entrevista e o Mapa mental, a entrevista foi registrada com escrita a mão. José Vicente autorizou ser chamado de Caroba.

FOTO 37 – JOSÉ VICENTE NO BARRACÃO DA MAIOBA



FOTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

José Vicente nasceu em Cururupu, em 1958, mudou-se, em 1997, para São Luís, em busca de emprego. Mora na comunidade da Maioba. É casado, tem 01 filho e possui profissão variada, como pescador, caseiro, peão de gado. No Boi da Maioba, brinca com a burrinha.

Comuniquei ao entrevistado que, também, era de Cururupu e, inicialmente, conversamos sobre nossa terra. José Vicente contou que nasceu na comunidade conhecida como Rumo, onde morou até adulto. Nessa localidade, trabalhou como peão de gado nas terras do Manoel Francisco, depois, ele foi morar na sede, a cidade de Cururupu⁵², onde trabalhou como pescador. Tempos depois, o irmão dele, que já morava em São Luís, mandou chamá-lo, então, a família mudou-se, foram morar no bairro do Maracanã, na Vila São José. Afirmou que foram em busca de melhor emprego e, logo, iniciou a trabalhar como caseiro.

Como morador do Maracanã, José Vicente se envolveu logo com o sotaque de Matraca, pois, no bairro do Maracanã, fica a sede Boi de Maracanã: “Eu brincava Boi em Cururupu, era o Boi da Boa Vista do sotaque de Zabumba que, ainda, existe, eu já gostava de Boi, então, passei a participar do Boi do Maracanã” (JOSÉ VICENTE).

Questionei sobre a chegada dele à comunidade Maioba e ele contou que, novamente, foi por causa do irmão, este havia se mudado para a Maioba. Chegando à Maioba, foi trabalhar como caseiro e pescador e, logo, começou a se envolver com o Boi. Contou que, nos dias de apresentação do Boi na Praça da Maioba, ficava batendo matraca, juntamente, com outros membros da família. Depois, ele ficou sabendo da vaga para brincar com a Burrinha, falou com José Inaldo e com a ajuda do senhor Herculano assumiu o posto de brincante na Burrinha. Perguntei se era ele quem fazia a Burrinha e ele contou que não, pois quem fazia era Ribinha, o antigo brincante com a Burrinha, que é artesão e faz, também, os Bois. Atualmente, cuida da limpeza do espaço do barracão e das roupas. Por este último trabalho recebe pagamento.

⁵² O fato de morar na zona urbana do Município de Cururupu, na cidade de Cururupu, não impede a profissão de pescador, pois o rio Cururupu (de água salgada) que banha a cidade em referência possibilita essa atividade.

FOTO 38 – JOSÉ VICENTE E A BURRINHA: A) JOSÉ VICENTE EM POSIÇÃO LATERAL EXPONDO OS SANTOS E B) JOSÉ VIVENTE EXPONDO OS ENFEITES DA BURRINHA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2016)

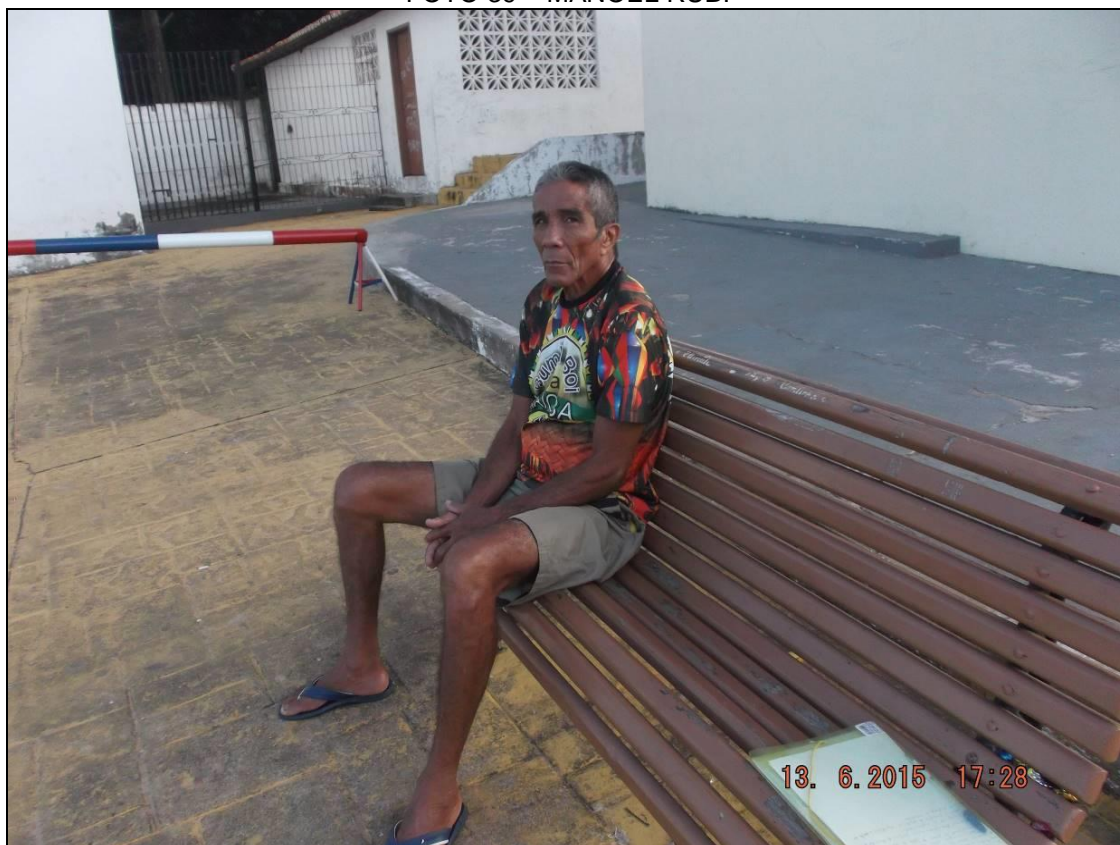
Ao se reportar ao Boi, José Vicente afirma:

O Boi é como uma família para nós, eu tenho um filho que é o miolo do Boi, muitas pessoas da família brincam no Boi, meu irmão, meu sobrinho. Hoje, estamos arrumando, levantando o mastro e vem todo o pessoal da organização, depois o pessoal da reza. No Boi da Maioba, é tudo bonito, eu gosto muito, Maioba é falada, é querida, onde tem Maioba tem gente, se não tem Maioba tem pouca. O som é muito forte, tem uma batida que arre pia. Eu gosto é do São João, das viagens, é tudo muito alegre.

MANOEL RUBI, o Maioba

A entrevista com Manoel Rubi (foto 39) foi realizada no Viva Maioba, no dia 13 de junho de 2015, no dia do levantamento do mastro para São João, e não foi agendada. Após apresentação da pesquisadora e da pesquisa, Manoel Rubi aceitou conceder a entrevista, mas não aceitou fazer o Mapa mental, e o registro da entrevista foi feito com escrita à mão.

FOTO 39 – MANOEL RUBI



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2015)

Manoel Rubi nasceu em 1948, na Maioba da Trizidela, onde fica o Viva Maioba, é casado, aposentado, mas trabalha como vigilante. Atualmente, mora na Boa Vista, zona rural de Paço do Lumiar.

O entrevistado iniciou afirmando que brinca no Boi da Maioba desde que era Boi de Cofo, nunca brincou outro Boi, só na Maioba, já recebeu convite para ir para outro Boi, mas nunca teve vontade: “Brinco porque gosto, não recebo dinheiro”. Em continuidade, explica:

Para mim, foi fácil pertencer à Maioba, meu pai e Calça Curta, o fundador do Boi, eram muito amigos, ele era meu padrinho. Meu pai brincava com a burrinha. Da minha família tem eu e meu filho que brincamos como matraqueiros, somos do couro que é formado de doze pessoas, fazendo a segunda voz. Minha esposa me acompanha, ela, também, gosta. Eu conheço o José Inaldo desde pequeno, aqui somos como família. (MANOEL RUBI).

Manoel Rubi continuou relatando a vivência de outros tempos do Boi. Contou que algumas crianças brincavam no Boi de cofo, no Boi Mirim e, depois, no Boi da Maioba. Afirmou observar as mudanças da praça da Maioba e o Boi a partir

da porta de sua casa, nesse momento, levantou o braço e apontou em direção da casa que morou até quando casou.

Hoje, está tudo mudado, mas para melhor, vejo a grandiosidade que se tornou esse Boi. Me sinto orgulhoso de ver a Maioba como é hoje, um batalhão pesado, quando é dia de festa esse terreiro é pequeno, não segura Maioba. Os brincantes são reverenciados e respeitados. Nós fazemos o melhor da cultura do Boi de matraca. Eu gosto muito de está aqui no Viva e nessa época tem muito trabalho, hoje, vamos levantar o mastro para São João, porque, aqui, é o local da igreja dele. Nós temos que pedir licença para ele. Nós temos vários símbolos, o Boi, a cachaça. (Manoel RUBI).

Ao descrever o trabalho de José Inaldo, falou admirar a forma como ele conduz o Boi. Ele comentou sobre a época que o Boi ficou sem cantador devido à saída de Chiador e José Inaldo, corajosamente, trouxe o Chagas. Esclareceu que Chagas já cantava, mas era desconhecido do grande público. Apoiado por todos, Chagas se tornou o melhor cantador da Ilha.

Ao se reportar sobre as festas do Boi, afirmou gostar de todas, mas citou o encontro dos Bois de Matraca no dia de São Marçal e a morte do Boi. Citou como símbolo a religião, falou da reza que faz para o Santo, toda vez que sai da casa: “Peço para São João e Deus me levar e trazer de volta.” (MANOEL RUBI).

JOSÉ CARLOS VIEIRA SILVA, O CAROBINHA

A entrevista com José Carlos foi agendada por telefone e realizada no dia 11 de maio de 2016, na praça do Viva Maioba. Após apresentação da pesquisadora e da pesquisa, José Carlos concedeu a entrevista que foi registrada com escrita à mão, no final, ele aceitou fazer o Mapa mental.

José Carlos nasceu em 1989, em Cururupu, é solteiro e mora com o pai, José Vicente, na comunidade Maioba. Tem como profissão jardineiro e brinca no Boi da Maioba, há nove anos, como miolo.

Esclareci ao entrevistado que, também, era de Cururupu e perguntei se ele costumava ir lá. Então, ele respondeu que foi com a família há dois meses, devido ao enterro da mãe. Afirmou que ela tinha pedido para ser enterrada em Cururupu. Apresentei meus sentimentos e continuamos a entrevista.

Quando chegou à Comunidade Maioba, José Carlos foi estudar na Unidade Escolar Ribeiro do Amaral e, lá, iniciou como brincante no Boi Urubu. Contou que se

tratava de um projeto⁵³ que já não existe mais. Em 2004, foi brincar no Boi Upaon-Açu, no bairro Maiobão, do sotaque de Orquestra. Comuniquei, nesse momento, ao entrevistado que, em 2009, tive conhecimento desse projeto e perguntei por que acabou. José Carlos, então, informou que tem outra diretora e, agora, tem outros projetos. A foto 40 mostra o ambiente na escola que era reservado ao projeto do Boi urubu.

FOTO 40: BOI URUBU



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2009)

O fato de brincar no Boi Urubu o aproximou do Boi da Maioba, pois existia uma relação entre a escola e o Boi da Maioba. Além do mais, nas festas no Viva, ele tocava matraca, como matraqueiro agregado⁵⁴. Contou que, em 2006, ele conversou com José Inaldo que gostaria de brincar no Boi e, então, José Inaldo ofereceu a vaga de Miolo. Ele aceitou e, desde essa época, brinca como Miolo: “Me sinto feliz sendo Miolo do Boi, sem mim não tem vida. Eu participo do Encontro dos Mios

⁵³ Sobre esse projeto ver FILIZOLA, Roberto. In: **ANAIIS do III NEER**, 2009.

⁵⁴ Aquele que toca a matraca no Boi, eventualmente.

todo ano. É o show entre os Mios, sem ritual, coloca o CD dos vários sotaques e ficamos brincando” (JOSÉ CARLOS).

Quanto às outras festas do Boi, ele gosta das brincadas, porque conhece muita gente e viaja, além de ir para outros bairros. Recebe cinquenta reais por brincada. Sobre o sotaque, afirmou ser tudo, e deve ser valorizado, pois traz muitas lembranças. Tem como toada preferida *Estrela que me guia clareou*, de 2008, do cantador Marquinhos. Contou que nem passa na cabeça deixar de brincar Boi, visto que o avô dele pediu para não largar, falou que era herdeiro.

NILMA MARIA DE OLIVEIRA

A entrevista com Nilma foi realizada no dia 04 de julho de 2016, com agendamento prévio. Foi realizada na casa da entrevistada e o registro feito manualmente. Após apresentação da pesquisa, solicitamos a elaboração do Mapa mental, que foi feito no final da entrevista.

Nilma mora no bairro Cidade Operária, em São Luís, cidade que nasceu em 1972. É casada, não tem filhos e só trabalha em casa. Brinca no Boi da Maioba desde 2008. Nunca brincou em outro Boi.

O início no Boi da Maioba, segundo a entrevistada, tem relação com o acompanhamento de familiares, desde criança, em assistir, nos arraiais de São Luís, apresentações de Bois, principalmente o da Maioba. Quando era o dia de São Marçal, ficavam na avenida até a Maioba passar. Depois ela passou a ir todo ano ao João Paulo “Eu achava o Boi muito bonito, animado, e queria brincar, fiz amizade com o pessoal do Boi, disseram para eu levar meus documentos na sede, lá no Viva”. (NILMA).

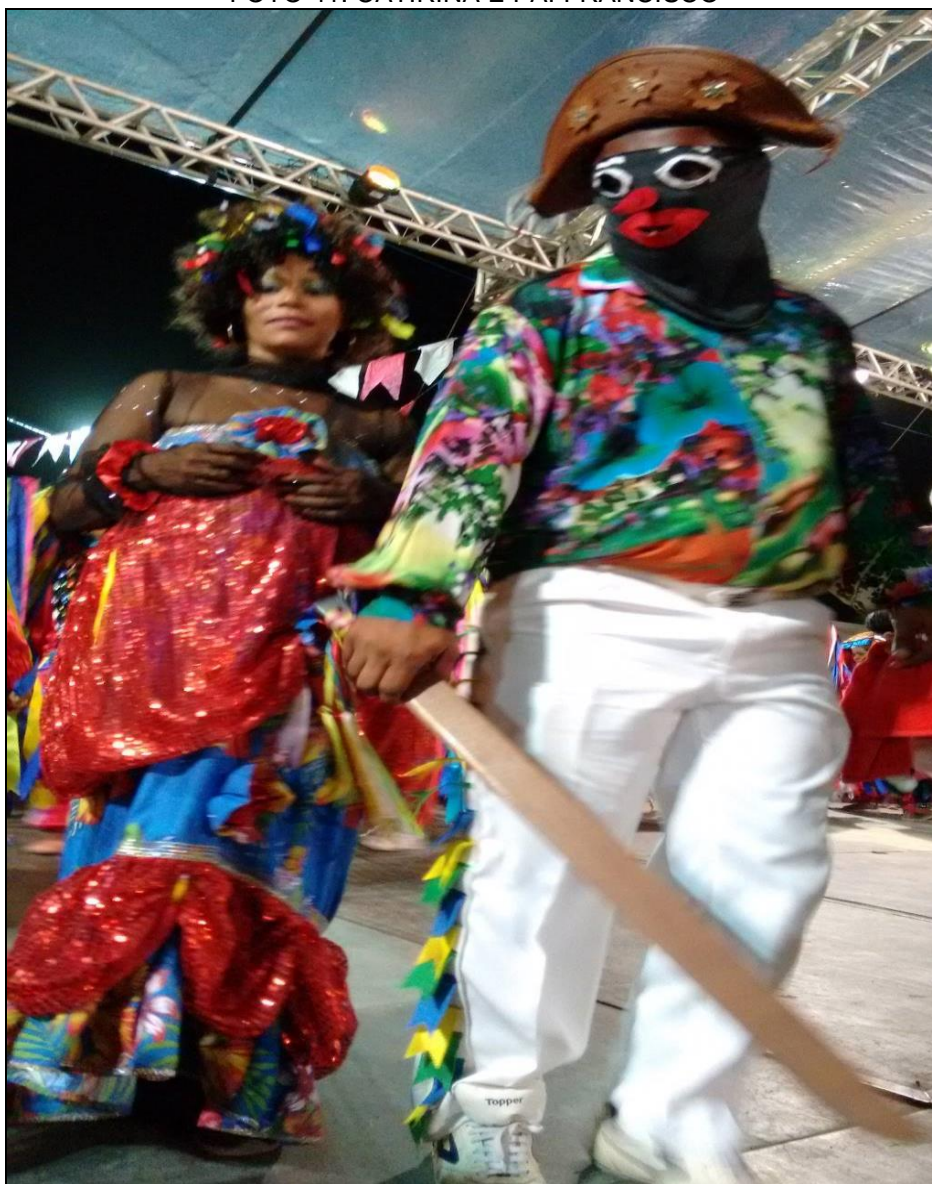
No ano seguinte à entrega dos seus documentos (2007), Nilma foi chamada para brincar com o chapéu de fita, brincou durante três anos: “Eu fiquei feliz, porque acho muito bonito o chapéu de fita”. Em 2010, o presidente do Boi convidou-a para ser a Catirina (Foto 41). Nesse momento, perguntei o que aconteceu com a outra Catirina. Ela respondeu que era um homem caracterizado de Catirina que fazia o papel, porém, a Secretaria do Estado solicitou aos Bois que a Catirina fosse uma mulher e que deveria ter o auto do Boi nas brincadas.

Eu aceitei ser a Catirina e começamos a representar o auto quando o Boi brinca. A representação é feita junto com o Pai Francisco na hora que o cantador faz a apresentação do Boi, quando ele canta a toada, sozinho antes dos instrumentos e do couro. A primeira vez que fiz foi difícil, fiquei com muita vergonha, agora não tenho mais vergonha, o público gosta, principalmente, as crianças. Hoje, é uma dificuldade encontrar alguém para fazer tanto o papel da Catirina, como do Pai Francisco. (NILMA).

Ainda, sobre ser Catirina, Nilma considera-se privilegiada e importante no Boi, pois é com o desejo de Catirina que a história começa, afirmou a entrevistada. Nilma falou que nunca estudou sobre a história, só sabe o que as pessoas contam. Contou não receber pagamento para brincar e a roupa é custeada por ela.

A brincante fala sobre o período das intensas apresentações e informa a dificuldade de ir para a sede do Boi, quando não tinha carro, mas, agora, o marido tem carro e a leva de arraial em arraial: “Mas, eu nunca pensei em deixar, mesmo quando tinha dificuldade, porque brincar o Boi é uma felicidade, paz, alegria, esqueço os problemas com a satisfação do público e das crianças brincando” (NILMA). A foto 41 mostra Nilma caracterizada de Catirina.

FOTO 41: CATIRINA E PAI FRANCISCO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L (2016)

No que se refere às toadas, afirmou gostar de todas, mas considera especial a toada *Se não existisse o Sol*, do cantador Chagas:

Se Não existisse o Sol,
 Como seria pra Terra se aquecer?
 Se não existisse o mar,
 Como seria pra natureza sobreviver?
 O mundo viveria na escuridão...
 Mas como existe tudo isso meu povo...
 Eu vou guarnecer meu batalhão de novo!!!
 É boi rapaziada!!!
 (Toada Se não existisse o Sol, Boi da Maioba, Chagas)

Quanto ao São João no Maranhão, falou sobre duas questões: o maranhense ser festeiro e ter muita gente no Maranhão que é devoto dos santos juninos: “Eu sou devota de Santo Antônio, então, penso que atendo ao Santo, quando brinco de Catirina”. (NILMA).

Sobre as festas do Boi, as toadas, os símbolos, a brincante respondeu gostar muito do batizado e da morte do Boi, porém, voltou a falar sobre o dia da festa no João Paulo:

No João Paulo, é emoção, aquela multidão esperando a Maioba passar, ficamos sem dormir, porque, na noite anterior, brincamos em vários arraiais e, depois, vamos para a igreja de São Pedro, onde tem o encontro dos Bois e amanhecemos lá. O corpo tá cansado, mal dormido, mas é uma energia que não sei de onde vem.

NEZILDO OLIVEIRA CANTANHEIDE

A entrevista com Nezildo foi realizada em maio de 2016 em sua residência no bairro do João Paulo e foi registrada manualmente.

Nezildo Oliveira Cantanheide nasceu em São Luís no bairro do João Paulo, onde mora é funcionário público, casado e pai de três filhos. Está envolvido com o Boi da Maioba desde a idade de 10 anos, quando acompanhava o seu pai nas brincadas do Boi. Na Maioba desenvolve a função de artesão (faz pandeiros, matracas, tambor onça e borda roupas) e brincante da percussão. Conta que foi um dos pioneiros do Boi do João Paulo.

O entrevistado informou que a relação do bairro João Paulo com o Bumba meu boi é muito forte, em função da concentração dos grupos no bairro, na época que o Boi foi proibido no passado em chegar ao centro da cidade. “O encontro dos Bois era na antiga feira do João Paulo, onde hoje tem a estátua de São Marçal, eles vinham brincando de longe, da Maioba, do Maracanã, a avenida atual era só uma grande rua de piçarra.” (NEZILDO).

É um privilégio pertencer ao Boi da Maioba, o período junino é cansativo, mas estamos sempre juntos, com a família com os amigos, o bom mesmo é porque trabalhamos o ano inteiro. Em dezembro já tem viagem e começa a organização. Nessa época já temos que pensar nas toadas novas, em patrocínio, no projeto. A Associação precisa do projeto para apresentar junto às secretarias do estado e do município. Quem recebe dinheiro é quem faz parte do projeto e depois tem prestar conta de tudo.

Nezildo falou que tem muito amor com a cultura, que brincar no Boi é uma alegria, afirmou que é feliz em ter seus filhos e a esposa envolvidos com a brincadeira e que, é um compromisso feito com satisfação. “É muito prestígio fazer parte da organização, de conhecer as pessoas que fazem a Maioba, de pensar que muita coisa bonita do Boi como bordados, pandeiros e tambores foi eu e minha família que fizemos”. (NEZILDO).

5.2.1 Particularidades das entrevistas

As entrevistas revelaram, por meio das percepções dos brincantes, que o sentido de “botar” e brincar o Boi surgem por meio do vínculo familiar, relações de amizade, respeito à cultura e devoção. Também, memória, identidade, pertencimento, história e cultura. Assim, esse entrelaçamento da vida religiosa, vida familiar e festiva no brincar o Boi, inseridos na cotidianidade de cada entrevistado, permite revelar a significatividade e particularidade de cada ser. No quadro 02 reunimos as palavras/passagens com maior representatividade no encontro entre o brincante e o Boi. Após a exposição do quadro, apresentamos os mapas mentais e, posteriormente, reflexões sobre as geograficidades dos Brincantes.

QUADRO 02 – GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA

BRINCANTES/ BOI RAMA SANTA	GEOGRAFICIDADES Particularidades
Juniana	Autenticidade do sotaque, devoção a São João, memória, conhecimento, família, festa, trabalho, patrimônio, história, decepções com a salvaguarda, tradição, compromisso, festas, entrega, compromisso com o Boi e Cururupu.
João Tolentino	Devoção, segurança, referência, felicidade, espiritualidade, família, simbologia, poeta, cantador, amizades, respeitado na cidade, mulheres na festa, São Luís, festa.
Maria Luiza	Gosta da festa, devoção a São Benedito e São João, viagens a São Luís, Cururupu (raiz), casamento, rituais, tristeza, alegria, simbologia, amizade, trabalho e família.
Ana Rita	Cururupu, cultura, negros, família, trabalho, São Luís, devoção, São João, encontro, alegria, cantoria, amizade, memória, tradição.
Danúbia	Trabalho com o bordado, sobrevivência, melodia, sotaque, Boi brilhando, família, brincar de índia.
Donato	Promessa, São João, família, Boi, rituais, viagem para São Luís, alegria do reconhecimento do Boi, tristeza pelo não reconhecimento, identificação com o som.
Uyramê	Amor por Cururupu, violência, desafio ir para o Boi, família, cultura, encontro, trabalho, organização, união, comunicação, São Luís.
Paulo César	Promessa para São João, rolar Bois sotaque Costa-de-Mão, toadas, viajar para São Luís, o Boi é o símbolo.

Joelson	Família, trabalho, divertimento, organização
---------	--

FONTE: NARRATIVAS
ORG.: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

QUADRO 03 – GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA

BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA	GEOGRAFICIDADES Particularidades
José Inaldo	Memória, devoção, família, experiência, trabalho, patrimônio, lugares, saudades, responsabilidade, patrimônio, cultura, conquista, festa, amizade, comunidade, tradição.
Marlene	Família, lugares, trabalho, festa de São Marçal, bordar, orgulho, memória, compromisso, brincadas tradição.
Vitória	Família, devoção, compromisso, trabalho, memória, história, festa, alegria, ser reconhecida, representatividade, toadas.
João Ribeiro	Família, devoção, trabalho, tradição, memória, sobrevivência.
José Vicente	Sobrevivência, trabalho, devoção, tradição familiar, alegria, som das matracas.
Manoel Rubi	Maioba, família, orgulho, devoção a São João, São Marçal, amizade, tradição.
José Carlos	Trabalho, amizade, dança, som, família, brincadas.
Nilma	Devoção, representação, São Marçal, Catirina, referência, persistência, alegria.
Nezildo	Família, trabalho, prestígio, cultura e amizade.

FONTE: NARRATIVAS
ORG.: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

As geograficidades dos brincantes constituídas por suas vivências e experiências com o lugar e com o mundo são anunciadas na identificação com os sentimentos quanto à sonoridade do Boi, as letras das toadas, dança e à religiosidade. Essa identificação é base do simbólico, da expressão cultural que cada brincante deixa aflorar por meio de suas memórias. Mas é também, por meio do Boi que o brincante apresenta seu mundo a outros lugares e às outras pessoas, tornando sua identidade e individualidade reconhecida.

5.3 GEOGRAFICIDADES POR MEIO DOS MAPAS MENTAIS

Compreendidos como “[...] uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano [...]” (KOZEL, 2007, p. 21), os Mapas mentais

constituem-se em um avanço no aporte das representações gráficas na Geografia como ciência. É o enfoque cartográfico que abandona a positividade e a mensuração do mundo, para reconhecer a poética dos lugares pelos sujeitos que nele habitam.

Com o objetivo de ampliar a compreensão das percepções dos brincantes, acerca da festividade do Boi, optamos por utilizar os mapas mentais, pois, muitas vezes, a subjetividade não aparece nas falas dos entrevistados. Dessa forma, os mapas mentais são considerados textos elaborados pelos entrevistados e, por meio de sua interpretação propiciada pela Metodologia de Kozel (2007), propiciar subsídios para a tessitura das geografidades.

Ademais, caminhos para a compreensão da realidade geográfica, como uso de imagens, são válidos como aporte metodológico, nesse caso, na condição de documento, de texto. De forma mais específica, a metodologia de Kozel (2007), por meio da interpretação pela representação, distribuição e especificidade dos ícones, proporciona um mergulho na individualidade dos brincantes, pois, pelos desenhos, é possível apreender particularidades de cada um, mesmo que corroborem da mesma realidade geográfica.

Nessa perspectiva, os mapas mentais analisados como textos, nesta pesquisa, foram solicitados na época das entrevistas, sendo os mapas de Marlene e João Tolentino recebidos em encontros posteriores às entrevistas. O objetivo inicial era coletar um mapa de cada entrevistado, no momento das entrevistas, no entanto, a tarefa tornou-se difícil, pois as pessoas argumentavam que não sabiam desenhar. Alguns levaram apenas poucos segundos para fazer o mapa, como Junaina, no seu primeiro mapa. A orientação foi elaborar o desenho do Boi.

Assim, os mapas apresentados são de Marlene, Vitória, José Carlos, Nilma, João Ribeiro e José Vicente do Boi da Maioba. Assim como de Juniana, Danúbia, João Tolentino e Maria Luiza do Boi Rama Santa. Primeiramente, serão apresentados os mapas mentais dos brincantes do Boi da Maioba e, depois, os do Boi Rama Santa.

A interpretação foi feita em bloco, os sete mapas do Boi da Maioba estão em dois blocos: no primeiro, estão os mapas das pessoas envolvidas com os bordados: Marlene, Vitória e João Ribeiro; no segundo bloco, contém os mapa dos brincantes:

Nilma, José Carlos e José Vicente. Do Boi Rama Santa, no primeiro bloco, estão os mapas de Danúbia e Maria Luiza e, no segundo bloco, estão os mapas de Juniana e João Tolentino. Usaremos o termo “autores” no quadro como identificação e “figura” para os mapas mentais.

A interpretação consta em três quadros: o primeiro contempla os itens 1 e 2 da metodologia (quanto à forma de representação dos elementos na imagem e quanto à distribuição dos elementos na imagem), o segundo quadro consta o item 3 (interpretação quanto à especificidade dos ícones). Foi acrescentado um quadro para a forma de representação (item 1) **objeto identificado**, a fim de melhor informar o leitor sobre esse item.

Mapas Mentais dos brincantes do Boi da Maioba

Figura 08 – Mapa Mental de Marlene

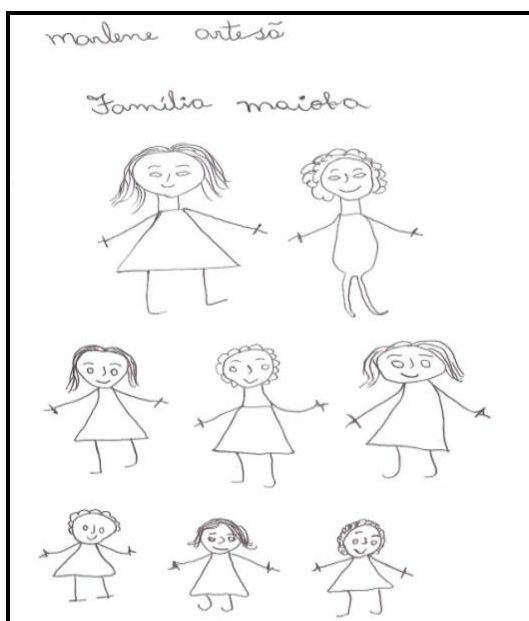
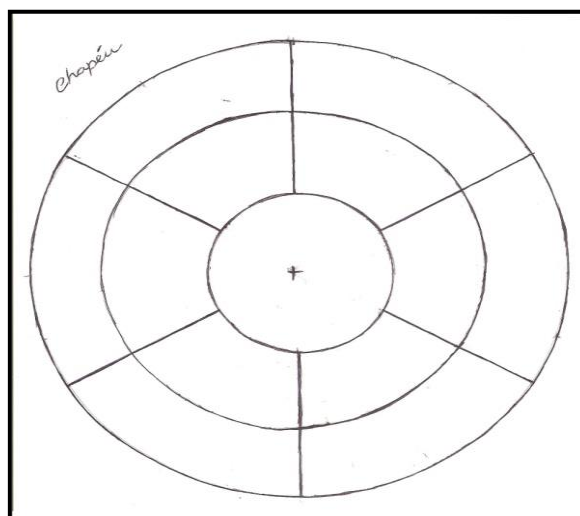


Figura 09 – Mapa mental de Vitória



Figura 10 - Mapa Mental de João Ribeiro



QUADRO 04 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DAS BORDADEIRAS DO BOI DA MAIOBA

AUTORES	Quanto à forma de REPRESENTAÇÃO		Quanto à DISTRIBUIÇÃO
		Objeto representado	
Marlene	Letras, Linhas, Ícones diversos, Formas geométricas	Palavras Desenho das índias	Dispersa
Vitória	Letras, Linhas, Formas Geométricas, Ícones diversos	Palavras, chapéu de fita, telhado da casa	Dispersa
João	Letras, Linhas, Formas Geométricas,	Chapéu	Isolada

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

QUADRO 05 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DAS BORDADEIRAS DO BOI DA MAIOBA

AUTORES	Quanto à ESPECIFICIDADE dos ícones			
	Natural	Construído	Móveis	Humanos
Marlene	---	-----	-----	Índias
Vitória	-----	Sede, casa	-----	-----
João	-----	----	-----	-----

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

Mapas Mentais – Brincantes Maioba

Figura 11 - Mapa mental de José Vicente



Figura 12 – Mapa mental de José Carlos



Figura 13 - Mapa mental de Nilma



QUADRO 06 - REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA

AUTORES	Quanto à forma de	REPRESENTAÇÃO	Quanto à DISTRIBUIÇÃO
		Objeto representado	
José Vicente	Letras, Linhas, Ícone	Boi	Isolada
José Carlos	Letras, Linhas, Ícone	Miolo	Isolada
Nilma	Letras, Ícones diversos	Catirina, Índias	Dispersa

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

QUADRO 07 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DOS BRINCANTES DO BOI DA MAIOBA

Autores	Quanto à ESPECIFICIDADE dos ícones			
	Natural	Construído	Móveis	Humano
José Vicente	Boi	-----	-----	Pernas
José Carlos	Boi	-----	-----	Miolo
Nilma	-----	-----	-----	Índias Catirina

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

Mapas Mentais – Bordadeiras do Boi Rama Santa

Figura 14 - Mapa mental de Maria Luiza

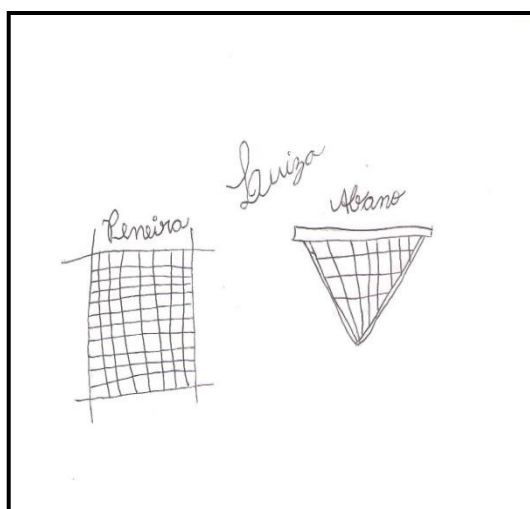
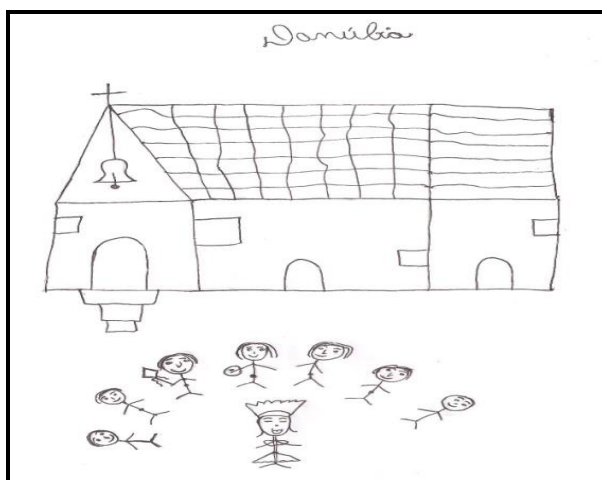


Figura 15 - Mapa mental de Danúbia (1)



Figura 16 - Mapa mental Danúbia (2)



QUADRO 08 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DAS BORDADEIRAS DO BOI RAMA SANTA

AUTORES	Quanto à forma de REPRESENTAÇÃO		Quanto à DISTRIBUIÇÃO
		Objeto representado	
Maria Luiza	Letras, Linhas, Formas geométricas	Abano Peneira	Dispersa
Danúbia 1	Letras, Linhas, Ícones diversos	Flor Índia	Dispersa
Danúbia 2	Letras, Linhas, Formas Geométricas,	telhado da igreja, fachada da igreja	Dispersa

FONTE: MAPA MENTAL. ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

QUADRO 09 - REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DAS BORDADEIRAS DO BOI RAMA SANTA

Autores	Quanto à ESPECIFICIDADE dos ícones			
	Natural	Construído	Móveis	Humano
Maria Luiza	-----	-----	-----	-----
Danúbia 1	-----	-----	-----	Índia
Danúbia 2	-----	Igreja	-----	Índias, Amo, marujo

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

Mapas Mentais – Brincantes da Rama Santa

Figura 17 - Mapa mental de João Tolentino

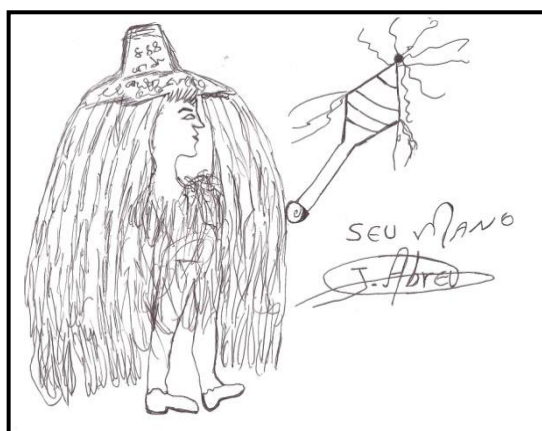


Figura 18 - Mapa mental de Juniana (1)

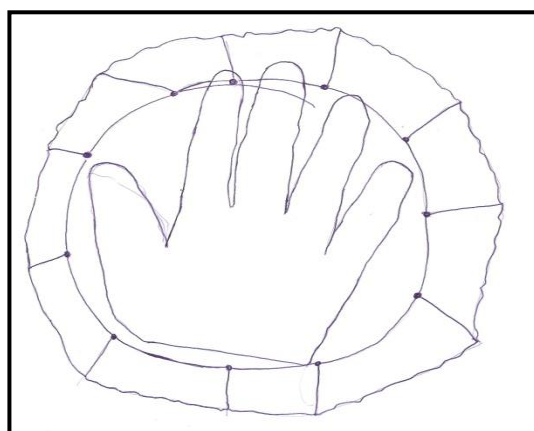
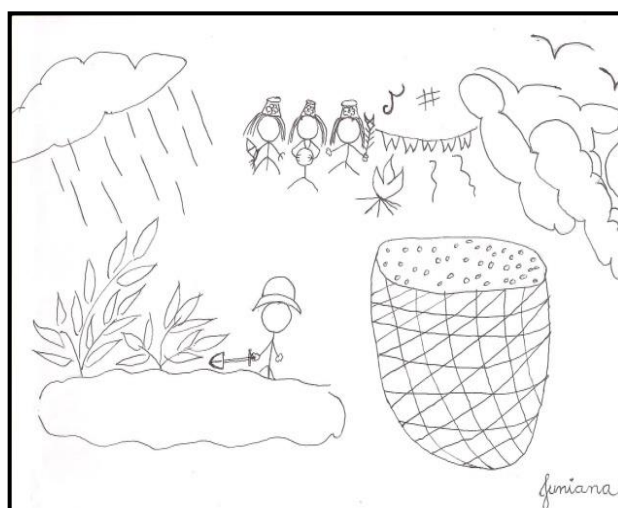


Figura 19– Mapa mental Juniana (2)



QUADRO 10 – REPRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS NOS MAPAS MENTAIS DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA

AUTORES	Quanto à forma de REPRESENTAÇÃO		Quanto à DISTRIBUIÇÃO
		Objeto representado	Isolada
João Tolentino	Letras, Linhas, Ícones diversos	Chapéu de fita, maracá	
Juniana 1	Linhas, Ícones, Figuras geométricas	mão, pandeiro	Isolada
Juniana 2	Letras, Linhas, Ícones Diversos, Formas Geométricas	Cesto, bandeirolas, fogueira, pássaros, chuva, nuvem	Dispersa

FONTE: MAPA MENTAL

ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

QUADRO 11 – REPRESENTAÇÃO DAS ESPECIFICIDADES DOS ÍCONES DOS BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA

Autores	Quanto à ESPECIFICIDADE dos ícones			
	Natural	Construído	Móveis	Humano
João Tolentino	-----	-----	-----	Amo
Juniana 1	-----	-----	-----	Mão
Juniana 2	Nuvem, chuva, sol, terra, plantação, pássaro	-----	-----	Brincantes Agricultor

FONTE: MAPA MENTAL
ORG.: GONÇALVES, L.F.L (2016)

5.3.1 Particularidades dos Mapas mentais

Os mapas mentais analisados apresentam percepções individuais, nas quais fica evidenciado enunciados do que o brincante representa no Boi, bem como o que o Boi representa para o brincante.

Assim, visualizamos, no mapa mental de Marlene, letras e elementos humanos representando várias Índias. No mapa, a autora identificou o grupo como “família maioba”. Marlene, no entanto, não deixou de colocar sua função, “Marlene artesã”. No mapa mental, apesar de colocar como tema a família, Marlene destacou as índias com as quais trabalha, diretamente, na época das brincadas. Porém, os traços das roupas no desenho não caracterizam roupa de índias, mas de meninas.

Esse fato nos direciona à entrevista, quando a bordadeira se reportou ao Boi como uma grande família, na qual acordos e desacordos podem ocorrer. Também, indicou o trabalho com as índias, descrevendo detalhes, como o cuidado com as roupas, com horários, com quem está em condições de brincar no dia seguinte, bem como a segurança e saúde das índias durante as brincadas.

Disso, observamos que, apesar de bordar e confeccionar as roupas das índias, o que se destaca nas percepções da autora do mapa são elementos de compreender o Boi como uma grande família, mesmo trabalhando em sua casa, de fazer considerações de que o Boi não lhe dá tempo de reformar a casa, o mapa não contém elementos da casa.

No mapa mental de Vitória, o destaque é para os elementos construídos, casa e a sede do Boi, e o ícone chapéu de fita. Todos são identificados no desenho. Durante a entrevista, Vitória se reportou à sede de Boi como local em que, também, trabalha, não só como bordadeira, mas também, como responsável por cuidar e guardar os chapéus de fita e os de pena. Porém, a autora não coloca no desenho o chapéu do Caboclo de pena, coloca somente o que ela trabalha diretamente, o chapéu de fita.

O destaque para a casa, com identificação “minha casa”, reafirma sua fala na entrevista quando Vitória se reportou em preferir trabalhar em casa a trabalhar na sede, justificando que o trabalho em casa permite a ela cuidar da mãe e da filha.

Apesar de fazer parte da diretoria da associação e ter tarefas relacionadas à essa função, Vitória não destaca elementos dessa atividade no mapa, assim como não destaca elementos humanos ou ícones relacionados à história do Boi a que ela se reportou na entrevista.

O mapa mental de João Ribeiro anuncia linhas e formas geométricas do chapéu que ele arma com as penas para, depois, bordá-los. O mapa reflete uma das etapas do trabalho, bem explicadas na entrevista: primeiro preparar com o arame a armação, depois a pintura das penas e o preenchimento da armação com as penas. Apesar de confeccionar todas as peças da indumentária do Caboclo de Pena, o destaque foi para o chapéu. A dança do Caboclo de Pena foi citada como elemento simbólico para João Ribeiro durante a entrevista.

O mapa não contém elementos construídos e humanos. Percebe-se, assim, que, mesmo tendo se referido à construção da casa com o trabalho para o Boi e de ter sido brincante, João Ribeiro apresenta o que está mais próximo de sua realidade atual que é montar e bordar a indumentária do Caboclo de Pena.

No que se refere ao mapa de José Vicente, a representação é de ícone com distribuição isolada, no qual o destaque é, apenas, a figura do Boi, apresentando estreita relação com a fala na entrevista, quando José Vicente se reportou ao Boi, em gostar de fazer parte da Maioba que é um Boi querido e enaltecido nas apresentações.

Apesar do mapa conter o Miolo, apresentado por meio das pernas, o que é evidenciado é o Boi. Assim, mesmo sendo brincante com a burrinha e de relatar

sobre outras atividades junto ao Boi da Maioba, bem como da devoção a São João, o brincante não registra esses fatos no mapa mental.

O Mapa de José Carlos reflete uma autorrepresentação, ele desenhou o Miolo e o Boi. O Boi está incompleto, mas ele fez referência, no momento em que estava fazendo o traçado, afirmou que não conseguia desenhar o Boi sobre a cabeça do Miolo, mas era o que queria desenhar. O mapa contém um ícone com distribuição isolada e reflete muito de sua fala sobre o momento atual como brincante de Boi. Na entrevista, ele afirmou que gosta muito de brincar como Miolo, de dar vida ao Boi.

No mapa mental de Nilma, também, ocorre autorrepresentação, porém ela introduz outras figuras femininas. Com apresentação dispersa, Nilma evidencia a figura da Catirina, sua personagem, que no mapa está em tamanho maior, e caracterizada com vestido florido. Na entrevista, a brincante se reportou ao auto do Boi, encenação que faz com o Pai Francisco. No entanto, não tem elementos no mapa sobre essa afirmação. O mapa contém duas figuras de meninas muito próximas a ela, ilustrando as crianças gostarem da Catirina, conforme declaração durante a entrevista.

Os dois mapas de Danúbia do Boi Rama Santa apresentam bem sua trajetória. No primeiro mapa, a autora representa o bordado e a Índia, tanto em letras como em forma de ícone, no qual as palavras (bordado e bordadeira) apresentam a relação criação e criador vinculado a ela, pois, no mesmo mapa, Danúbia assinala seu nome completo. Esse mapa, também, mostra a primeira posição no Boi como brincante e a atual, que é de bordadeira. No segundo mapa, Danúbia representa a brincadeira na porta da Igreja, os brincantes estão dispostos em um semicírculo, porém, a índia está em destaque. Existe relação entre os dois mapas com o que Danúbia vive no Boi, que é bordar, levar o filho para brincar e com sua memória afetiva pelo fato de ter sido Índia.

O Mapa mental de João Tolentino, o senhor Mano, é, também, uma autorrepresentação, o mapa contém o Amo com o seu maracá. Na entrevista, João Tolentino, no início da exposição, deixou bem claro que, o cantador é aquele que leva o apito e o maracá. Apesar de ser o artesão, o compositor das toadas e o cantador, o autor do mapa evidencia o chapéu de fitas e o maracá que significa o

líder, o que reúne e garante o Boi, muito mais do que o apito, símbolo que tem relação direta com o fato de ser cantador. João Tolentino, na entrevista, destacou que não se considera cantador. A longa trajetória no Boi, o envolvimento de toda a família, bem como o uso da casa, não são contemplados no mapa.

No mapa mental (1) de Juniana, a representação é o sotaque. Em forma de ícone, a autora representa um círculo com uma mão; assim, de maneira simples e direta, Juniana mostra o que é o sotaque, sua base de identificação no Boi. Relacionando com a entrevista de Juniana, percebemos que, mesmo sendo brincante, com significativa representação no grupo, (Índia guerreira) membro da associação e coreógrafa, além de ter o marido e a filha brincantes, Juniana se reporta ao sotaque.

O Mapa mental de Maria Luiza e o mapa mental de Juniana (2) foram elaborados após a morte do Boi Rama Santa, em 2014, cujo tema era “O agricultor”. Os Mapas mentais apresentam elementos do campo. No Mapa mental de Luiza, há destaque para a peneira e o abano; no mapa mental de Juniana, o cesto, a enxada e o agricultor trabalhando. Porém, no mapa mental da Juniana, elementos do Boi são visíveis, como a fogueira, as bandeirolas e as índias, em conjunto com o agricultor e o plantio. Essa representação mostra estreita relação entre o Boi e seu lugar. Os mapas de Maria Luiza e Juniana convergem para a realidade geográfica do Boi, representados pela peneira e pelo cesto, bastante usados no trabalho agrícola com a mandioca, conforme já apresentamos nesta tese.

As interpretações dos mapas mentais evidenciam várias correspondências com as entrevistas. Ao responderem o questionamento “O que é o Boi para você?” em forma de desenho, os brincantes reafirmam várias passagens das entrevistas, além de favorecerem elementos às respostas dos questionamentos norteadores da tese.

Dessa forma, os mapas constituem-se em significativo aporte metodológico, pois, além da condição de enunciados, tornam-se documentos da memória dos brincantes e da festa.

6 REFLEXÕES DAS GEOGRAFICIDADES DOS BRINCANTES COM O BOI

Durante as entrevistas, conforme o exposto anteriormente, o vínculo com a família apresentou-se como elemento preponderante para a entrada e/ou permanência no Boi. Nossa observação, porém, constatou que essa relação é tão visceral para algumas famílias que a casa é um mundo/lugar do brincante e do Boi, constituindo-se, assim, elemento espacial singular para a compreensão das geograficidade. Também, constatamos a forte afinidade dos brincantes com as simbologias da festa, sobretudo, àquelas que têm proximidade com suas funções no Boi, conforme destacamos: o Boi, o caboclo de fita, as toadas, os bordados, os rituais (batismo e morte) e as festas. Dessa forma, nos direcionamos a discorrer, sobre a casa, o Miolo/ Boi, o chapéu de fita, o bordado e as toadas.

Quais geograficidades emanam de experiências dos brincantes com o do Boi? Existe um Boi nos brincantes? Que Boi é esse? Como é definido pelos brincantes? Qual sentido tem o Boi para o brincante?

Esses questionamentos direcionaram nossa investigação que caminhou para a compreensão da tessitura das geograficidades dos brincantes dos Bois Rama Santa e Maioba, na perspectiva de compreensão do *Ser*. Nessa tessitura, encontramos em Heidegger (1988) o caráter ontológico do “ser-no-mundo” e discutido por Dardel (2011) como inscrições do terrestre no humano. Por essa similaridade entre a filosofia e a geografia, a discussão de Mundo x Terra x Lugar, Significatividade x Espacialidade x Geograficidade constitui-se a base da análise das entrevistas dos brincantes.

O encontro entre a Geografia e a Fenomenologia permite a análise das experiências a partir dos lugares mais próximos ao *Ser*. Assim, encontramos, na análise existencial de Heidegger (1988), caminhos para a interpretação da geograficidade dos brincantes, por meio da cotidianidade, “medianidade”, pois “[...] a análise do ser do homem deve-se dirigir-se ao seu modo de dar-se, tanto mais comum como mais geral” (VATTIMO, 1987, p. 24).

Segundo Vattimo (1987, p.26), o primeiro passo à análise existencial é a definição da essência do homem como existência, como poder-ser.

Em *Ser e tempo*, sobre análise da presença, Heidegger expõe:

Uma análise da presença constitui, portanto, o primeiro desafio no questionamento da questão do ser. Assim, torna-se premente o problema de como se deve alcançar e garantir a via de acesso à presença. Negativamente: na construção da presença, não se deve impor à presença “categorias” delineadas por aquela ideia. Ao contrário, as modalidades de acesso e interpretação devem ser escolhidas de modo que esse ente possa mostrar-se em si mesmo e por si mesmo. Elas têm de mostrar a presença em sua *cotidianidade* mediana, tal como ele é *antes de tudo na maioria das vezes*. Da *cotidianidade*, não se devem extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas sim estruturas essenciais. Essenciais são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser de fato da presença. Como referência à constituição fundamental da *cotidianidade* da presença, poder-se-á, então, alcançar um esclarecimento preparatório do Ser desse ente. (HEIDEGGER, 1988, p. 44).

A análise existencial parte da existência, do ser-no-mundo, do *Dasein*, do estar-aí. Palavras que são sinônimos e “Os três conceitos indicam o facto de o homem estar <situado> de maneira dinâmica, isto é, no modo de poder ser ou também, como diria Heidegger pouco tempo depois, na forma de <projeto>.” (VATTIMO, 1987, p. 27).

Distanciando-se de Husserl, do sujeito transcendental e lógico, a *compreensão* do *Dasein* em Heidegger abarca em si o ponto de vista hermenêutico, um *Dasein* fático “[...] que só é capaz de *compreender* por já estar, desde o início na rede significativa que é o mundo, somente *onde* qualquer compreensão se faz possível [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 56).

Partir de ser-no-mundo carece definir mundo em Heidegger, conforme Costa (2015, p. 155):

Indica a totalidade das demandas no interior da qual cada ente em particular se torna compreensível em seu próprio ser. Assim, para ser compreendido o ser da lousa, deve-se antes ter compreendido o ser do giz, dos estudantes, da escrita e etc. e, portanto, a totalidade dos conteúdos que se organizam em torno da coisa em particular. Quem não compreende esses conteúdos não pode compreender nem mesmo o sentido do ente em particular.

O mundo é experienciado e dotado de sentido no qual a referencialidade prevalece sobre a materialidade, nesse sentido, a geograficidade é interpretada em termos de significação e não de substância.

A referencialidade, segundo Vattimo (1987, p. 31), na filosofia de Heidegger, parte do entendimento do signo. “No signo, a utilidade coincide com a <capacidade de referência>, o signo não tem outro uso senão referir-se a algo”.

É por meio do signo que se revela a mundanidade do mundo e o ser das coisas. Sendo o mundo a totalidade dos instrumentos do homem, os signos são um

pouco como as “<instruções para usar>” os ditos instrumentos. Nesse sentido, aprendemos a usar as coisas, mais por meio dos discursos que nos põem ao corrente sobre o uso das coisas do que por meio do manuseio. (VATTIMO, 1987).

No desenvolvimento da analítica existencial, o nosso ser no mundo não é só ou, principalmente, um estar no meio de uma totalidade de instrumentos, mas um estar familiarizado com uma totalidade de significados. A instrumentalidade das coisas não é só o seu servir efetivo para fins, mas o seu valer para nós, num sentido ou outro.

A apresentação fenomenológica de mundo por Heidegger está posta no entendimento de que “a partir de determinadas situações concretas, inseridas numa cotidianidade imediata, se nos apresenta fenomenologicamente o *mundo*” (SARAMAGO, 2014, p. 194).

Na estrutura de encontro inerente ao mundo, a significatividade é o *como* desse encontro, é a antecipação de sentido de tudo o que se manifesta e a compreensão mesma desse sentido. Significatividade é o encontro com o fenômeno *na* interpretação. Esse sentido, ou significatividade, das coisas se mostra na *abertura* decorrente da própria interpretabilidade da existência. Um aspecto dessa abertura é realizado no “*para-que*” ou “*para-quem*”. Saramago (2008, p. 43) afirma:

O que está diante de mim traz todo o resto, faz com que *apareçam* ‘os outros’, os que comigo convivem: aquele que me deu o livro que leio, aquele que construiu a mesa ao redor da qual eu me reúno diariamente com outros para comer, conversar ou jogar; aqueles com quem me encontro e me ocupo co-mundaneamente. (SARAMAGO, 2008, p. 43).

É por meio desse mundo circundante e de significatividade que o brincante encontra no Boi, sentido e referências do seu habitar, brincar rezar, viver, ser bordadeira, miolo, estar situado em lugares como São Luís, Cururupu, a casa, o arraial que são seus mundos/lugares, experienciados e dotados de sentido.

6.1 GEOGRAFICIDADES NOS LUGARES, SÍMBOLOS E TOADAS

A casa

A casa é o nosso lugar mais próximo. Na nossa casa encontramos nossas marcas, cheiros e lembranças. Ao deixá-la, na infância, nos reportamos a ela como

“o lá em casa”. A casa é morada. Tuan (2013, p. 11) afirma que “Não há lugar sem lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria? Em Bachelard (2008, p. 24), encontramos que “[...] a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”.

E que dizer da casa do Senhor João Tolentino, o Senhor Mano, do Boi Rama Santa? A casa de João Tolentino é a morada dele e de seus filhos. Mas é, também, a sede do Boi e que, por isso, tem a cozinha e o galpão do Boi. Lugar de reuniões, de reza, confraternizações e trabalho em prol do Boi, destes citamos: a ladainha para São João, o jantar após o término da morte do Boi, criar e bordar o couro do Boi e roupas dos brincantes. Na fachada, a representação das duas paixões, o Rama Santa e o Flamengo.

E da casa de Vitória? Lugar de trabalho, lugar de morada dela e de sua filha, índia do Boi, do irmão matraqueiro do Boi, sua mãe que foi bordadeira. E da casa de Marlene? Morada da família em que todos os membros são brincantes do Boi da Maioba, lugar de bordar, de fazer pandeiro e tambor onça, lugar em que a mesa está sempre pronta, quer para as refeições, quer para receber os utensílios usados no trabalho para o Boi. E da casa de João de Camélia? Lugar de morar, criar, bordar, fazer e desfazer, cultivar.

Juniana nos contou: “então, papai preferiu a casa, mas o que aconteceu foi que a casa se tornou a sede do Boi e, hoje, como você vê, tudo do Boi acontece, aqui, ou passa por aqui”.

Dona Marlene, informou: “Desde que cheguei, aqui, em São Luís, moro nessa casa e, aí, as coisas do Boi passaram a morar, aqui, também. Agora, eu preciso que o Boi me dê tempo de arrumar essa casa, todo ano, nós falamos que vamos mexer na casa, mas, quando a gente vê, já tem coisa do Boi para fazer”.

Vitória afirmou: “às vezes, bordo na Associação, mas gosto mesmo é de trabalhar aqui. Tenho que tomar conta da casa, tem minha filha, minha mãe, além de que é, aqui, no Maiobão, tem tudo, então, resolvo muita coisa do Boi por aqui.”

José Inaldo nos contou das reuniões em sua casa quando o pai dele era o responsável pelo Boi.

Manoel Rubi, sentado no banco da praça do Viva, apontou a casa em que nasceu.

João de Camélia apresentou a casa, com orgulho por tê-la construído com o dinheiro do trabalho ao confeccionar roupas de caboclo de Pena, falou da tranquilidade do bairro, do plantio doméstico; e, na sala, o quadro pendurado na parede de quando brincava o Boi.

Outros brincantes citaram: “O Boi brincava perto da minha casa, o senhor Wilson morava perto da minha casa”.

Essas afirmações nos levam a pensar a casa com o sentido de mundo, do ir ao encontro do que tudo congrega e colocá-la, conforme sugere Bachelard (2008, p. 24), “[...] superar o problema da descrição, para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente de certo modo, à função original do habitar”.

Sobre forte influência da poesia, Heidegger traz o tema habitar pensado como habitar a quadratura, no qual a *coisa construída*⁵⁵ é a quadratura compreendida como reunião, a partir das coisas mais simples: terra e do céu, dos mortais e dos deuses.

Ao expor sobre as relações protetoras do lugar, Dardel (2011, p.41), assim, compreende:

Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o “lar”, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade [...].

Assim, a casa, além de funções essenciais como viver, como descansar, no caso dos brincantes, trabalhar, planejar e compor toadas, está aberta, também, ao sagrado.

Sobre espaço sagrado em Heidegger, Saramago (2014, p. 212) expõe:

Incluimos aí o espaço sagrado em que frequentemente a casa se transforma. Interessa a Heidegger a presença dos deuses no âmbito doméstico, no próprio lugar de habitação. É precisamente no seio do ordinário que o extraordinário se dá a conhecer, numa reunião, ou mais ainda, numa unidade entre o sagrado e o mundo cotidiano. (SARAMAGO, 2014, p. 212).

⁵⁵ “Construídas e edificadas são, nesse sentido, não somente construções, mas todos os trabalhos feitos com a mão e instaurados pelo homem”. (HEIDEGGER, *apud* SARAMAGO, 2008, p. 281).

A partir da casa, além das funções essenciais, os brincantes se organizam para o mundo, do abrigo para o espaço aberto à sociedade. . A casa-mundo é o alicerce para a manutenção dos fundamentos do Boi, que não é um Boi outro, mas sim, um Boi-eu, brincante.

No vazio acolhedor do Boi, o Miolo faz a festa:

O Vazio acolhedor está na concepção de Heidegger após *Ser e Tempo* com nova interpretação para a ideia de interioridade “[...] como o vazio-receptáculo, recebe e doa, fazendo que sua vaza aproxima e reúne. (SARAMAGO, 2008, p. 214).

Antes, os utensílios eram tomados como destituídos de mundo; na nova interpretação, o vazio acolhedor reúne o mundo. A carcaça, agora, está com o couro bordado, brilhoso, a barra estampada completa a roupagem, é o Boi simbólico. Mas, mesmo assim, continua vazio. É o vazio preenchido com o Miolo, o que dá a “vida” do Boi, como afirma os Brincantes:

Me sinto feliz sendo Miolo do Boi, sem mim não tem vida. Eu participo do Encontro dos Miolos todo ano. É o show entre os Miolos, sem ritual, coloca o CD dos vários sotaques e ficamos brincando (JOSÉ CARLOS).

Eu gosto de ser miolo do Boi, para o Boi ter vida tem que ter miolo, me orgulho de ser a vida do Boi. Já fui convidado, mas outros sotaques não permitem bailar igual ao Costa de Mão (PAULO CÉSAR).

É uma relação mística e sagrada antiga que existia entre os gregos, romanos e indianos, sendo sagrado neste último; também, nos rituais de lavoura e de fertilidade da terra na África do Norte, onde é sacrificado. (SAURA, 2008)

A festa tem um sentido cíclico na qual o Boi é sobrenatural (o Boi nasce, é batizado, brinca e depois morre) depois vive novamente, é o Urrou. Depois, está preparado para receber o Miolo que o faz bailar, rolar. O faz ficar bravo, ficar manso. Para isso, o Miolo precisa ser forte e dançarino. No Boi da Ilha, seu movimento é mais manso, ondular; no Costa de Mão é mais frenético, vertical, vai em cima, vai em baixo, quer chifrar o vaqueiro que canta “*Eh! Boi ei, Eh! Boi ei*”. Com a índia Guerreira faz a coreografia, de acordo com a toada.

Com pés no chão, o Miolo levanta o Boi em direção ao céu. Nos Bois da Ilha, fazem isso juntos em círculo, como se estivessem entregues na promessa, oferecendo-o a São João.

Assim, o vazio acolhedor do Boi permite o encontro de todos que participam de uma forma ou de outra da festa, no batismo, nas brincadas e na morte.

Chapéu de Fita

Fitas coloridas são usadas como representação simbólica em várias expressões culturais, tais como Umbanda, rituais ciganos e em festas populares como no Boi. Tanto no sotaque Costa de Mão, como no Boi de Matraca, o rajado ou caboclo de fita, cujo personagem usa o chapéu de fita tem a função de proteger o Boi. São as representações dos mourões da fazenda. As fitas longas e coloridas são para entreter o Boi, a fim de que fique dentro da cerca para que o mesmo não fuja e fique vulnerável. Para tanto, na organização espacial, o rajado, no momento da evolução, fecha a porteira para o Boi não ser levado por Pai Francisco.

No Boi Rama Santa, o rajado é representado por homens adultos que usam maracá. Nesse grupo, o chapéu é considerado como a principal indumentária do sotaque. No momento da dança, movimentam-se lateralmente e de maneira miúda, com deslocamento pequeno e de forma circular.

No Boi Rama Santa, o chapéu de fitas é, também, adereço de destaque no Amo, cujas cores das fitas se diferenciam dos rajados. No ritual da morte, o chapéu de fita do Amo é preto e o que foi usado nas brincadas é colocado na parte de cima do altar dos santos homenageados. Em 2016, os rajados tiveram participação especial na homenagem aos dez anos do senhor Mano no comando da brincadeira, os rajados usaram em seus chapéus cores de fitas que já tinham sido usadas em outros anos para colorir o chapéu do Amo. O tema da brincadeira foi “Sou Poeta compositor, sou seu Mano seu cantador”.

No sotaque de matraca, os rajados são representados por homens e mulheres adultos e jovens. Na distribuição espacial, forma um grande círculo e, na dança, os movimentos são executados em direções diversas, mas sempre em círculo.

Os Bordados

São os mais graciosos, pitorescos e originais desenhos, de uma ingenuidade espontânea e primitiva até a puerilidade. Há, neles, Santos com o rosto feito inteiramente de contas, com luzes e sombras de verdadeiros retratos, São João e São Jorge, principalmente. Outros ostentam paisagens, montanhas, lagos, praias, a Guanabara com seu cordão de Luminárias, o carro [...] Que profusão de detalhes, que capricho de composição!
LIMA (*apud* SAURA, 2008, p. 243).

A descrição anterior é dos bordados das roupas e do couro do Boi do Maranhão. Quase sempre feitos sobre veludo preto, o bordado representa o resultado da criação dos cantadores e das (os) bordadeiras(dores). Como um tesouro, é guardado a sete chaves, só é apresentado aos brincantes no período das brincadas. Sobre suas criações, pesquisadores se reportam como: “Confecção de indumentária e o toque final, este acabamento que tira o ar de quem vê as roupas dos brincantes” (SAURA, 2008, p. 243).

Vejam algumas afirmações nas narrativas sobre o bordado: “Eu sinto orgulho em ser bordadeira” (VITÓRIA). “Aqui no trabalho com o bordado, a gente vai bordando e conversando, é uma grande amizade”. (Ana Rita). Marlene afirma que é preciso fazer o bordado com qualidade, porque a cultura é forte. Acrescenta que faz por amor e o trabalho que é feito com vontade, segundo ela, fica bonito. Quando chega próximo de junho ela vira a noite bordando. Falou que na sua família todos bordam. Danúbia se refere ao Boi bordado como “muito bonito”. Donato lembra-se das belezas de bordados que a filha e a esposa faziam.

Nos bordados, além do universo do Boi representado com os Santos, a natureza, lugares e personalidades, encontra-se o mundo de quem borda. Apresentamos algumas afirmações nas narrativas sobre o bordado:

“Eu sinto orgulho em ser bordadeira” (VITÓRIA). Aqui no trabalho com o bordado, agente vai bordando e conversando, é uma grande amizade. (Ana Rita). Marlene afirma é preciso fazer o bordado com qualidade, porque a cultura é forte. Afirma que faz por amor e o trabalho que é feito com vontade, segunda ela fica bonito. Quando chega próximo de junho vira a noite bordando. Falou que na família todos bordam.

Danúbia se refere ao Boi bordado como “muito bonito”. Donato lembra-se das belezas de bordados que a filha e a esposa faziam.

Neles, além do universo do Boi representado com os Santos, a natureza, lugares, e personalidades, encontra-se o mundo de quem borda.

A compreensão da casa, da mesa, do bordado é realizada por meio da referência do “ser-no-mundo” com o seu ambiente circundante. Não é uma referência do espaço medido, mas “[...] marcado pela referencialidade, pela significatividade e pela temporalidade, isto é uma espacialidade que é sempre *compreendida como um todo pelo Dasein*.” (SARAMAGO, 2008, p. 66) grifos da autora.

Contidas em seus pensamentos os artesãos/ artesãs dos bordados se entregam na inspiração e no silêncio da noite para bordar. Dedicção, concentração, orgulho, o bordado é referência de suas vidas, são conhecidos por serem bordadeiras. Marlene, não é simplesmente Marlene, ela é a bordadeira do Boi da Maioba, mas nem por isso se sente importante, se sente orgulhoso, igualmente como Vitória. É por meio de suas ocupações que encontram o mundo.

Toadas

A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam. (HEIDEGGER, 1987, p. 33).

As toadas do Bumba meu boi do Maranhão carregam significados e sentido do mundo vivido dos seus cantadores, autores e brincantes. Expressam natureza, política, amores e desamores. As toadas embalam as apresentações, já citadas que compreendem o **guarnecer**, quando o amo do Boi chama o grupo para começar a apresentação, o **lá vai**, o aviso de que a brincadeira está se dirigindo ao local da

apresentação; a **licença**, que é a permissão para que o grupo se apresente ao público; **a saudação**, quando são cantadas toadas de louvação ao dono da casa e ao Boi; **o urrou**, a celebração da alegria de todos pelo restabelecimento do Boi depois de ter sido sacrificado e a **despedida**, quando a apresentação é encerrada. Para cada parte da festa do Boi tem uma toada, conforme apresentamos:

Lá Vai Boi da Maioba
Minha Trincheira está formada
Na sombra da noite
Ou na luz do dia
O meu Touro é brabo
E eu dou Show de cantoria
(Toada Lá Vai, Boi da Maioba, 2012)

Querida eu recebi o seu convite
De uma forma ou de outra estou aqui para te atender
Porque todo o meu contrato é sério
Se Deus quiser eu duvido eu não me comparecer
Só que houve o motivo da demora
Que eu mesmo faço questão de explicar
É que o gado pasta longe
Fica difícil pro meu vaqueiro apanhar
Mesmo assim eles fizeram o sacrifício
Meu pedido é uma ordem, ninguém pode negar
Eu também faço tudo por você
Na medida do possível é para te agradar
Pode avisar suas convidadas
Que o show está começando
O Boi acabou de chagar
Quando meu Boi chega no terreiro
Brincando com elegância fazendo e acontecendo
Querida então aceita meu convite
Pra nos fazer companhia e apanhar sereno

(Toada Cheguei, Boi Rama Santa, 2015)

Quando passava por um florido jardim
Um sussurro ouvi, vindo do meio das flores
Conversavam as rosas pensando que estavam a sois
Dizendo àquela que ao longe está
É mais bela do que nós
Olhei para o horizonte
Tentando ao longe vislumbrar
Àquela que encantou as rosas
Para que sabe me encantar
Fiquei meio obsecado diante de tanta beleza
Morena as rosas tinham razão
Fostes premiada
Pela própria natureza
(Toada de apresentação, Boi da Maioba, 2015)

Será que ninguém faz alguma coisa
Para que a sociedade viva com mais esperança
Nós estamos por conta da violência

Que mata nossas crianças
 Cadê nossa segurança
 Socorro até pelo amor de Deus!
 Por favor, nos mande a paz, a educação e a saúde
 E mais educação para nossos jovens
 Para que no futuro tenha uma boa juventude.
 (Toada de apresentação, Boi Rama Santa, 2014)

Eu já vou
 Saindo devagar
 Vou levando meu batalhão
 Já brinquei no seu terreiro
 Satisfaz o seu desejo
 Consolei teu coração
 Maioba está em festa com o povão
 Brincando, dançando, pedindo bis
 Pelos 400 anos que completou minha São Luís.

(Toada de despedida, Boi da Maioba, 2012)

Convém anotar que as toadas são canções, portanto, trazem melodia e voz. A voz é a do Amo que, com o apito e o maracá, comanda o Boi. Criar, cantar, responsabilizar-se com o batalhão essa é a função do Amo. Senhor Mano, do Boi Rama Santa, na entrevista, afirmou: “Eu sou o cantador, o que leva o apito e o maracá”, em seu mapa mental consta o maracá. Ana Rita elegeu o maracá como símbolo do Boi, em função do marido, o Senhor Melico o outro cantador do Boi Rama Santa. Em grande parte das toadas do Bumba meu boi, a geograficidade se faz presente. Essa experiência está expressa nas paisagens relatadas, nos sentimentos topofílicos e nas metáforas encontradas nos versos das toadas.

Morena o teu canário ainda sou eu
 Cheguei e estou feliz porque você me escolheu
 Eu vivi cantando pelas madrugadas
 É em ti que me inspiro pra compor minhas toadas
 Moça bonita esqueça o passado
 Vem brincar comigo
 Teu lugar é do meu lado
 (Toada Boi da Maioba, 2012)

Sempre que faziam referências às toadas, os brincantes se reportavam a elas como poesia, como lembrança de um evento, como a toada alegre, ou se reportavam a alguma das etapas das apresentações. Na Geografia, essas percepções ganham espaço no estudo das paisagens sonoras. Em seus estudos sobre essa temática, Torres (2010, p. 47) expõe:

A música, enquanto elemento que integra a paisagem sonora pode retratar o lugar onde foi produzida, pelas sonoridades peculiares dos instrumentos musicais, ou ainda pelas falas e sotaques nela empregada, diretamente relacionadas à cultura e à história do seu povo.

A musicalidade do Bumba meu boi se insere nesse contexto, pois, apesar de ter um caráter itinerante no período de apresentação, a execução de uma toada dos diferentes sotaques em qualquer lugar, tem, a partir dos instrumentos usados, a capacidade de identificar lugares. O ouvinte, que já possui internamente essa paisagem sonora, expressa sentimento com o sotaque, pois esse sotaque lhe conduz a lugares próprios, nos quais o sentimento de pertencimento aflora. Dessa forma, o toque do pandeiro e da matraca invadem seus ouvidos, seu corpo, projetando valores, sentidos e significados.

Colocando as toadas como linguagem a partir da apreensão de linguagem de Heidegger, devemos deixar sua compreensão de linguagem por meio do viés objetivo e buscar incluir seu significado originário. Neste sentido, a linguagem deve estar presente em toda sua pureza.

Por essa abordagem, Heidegger considera a poesia, pois ela suspende a função informativa da linguagem, permitindo emergir o falar da linguagem. A “Linguagem fala”. A fala se consuma no dito, no que se diz genuinamente. “No dito a fala se resguarda [...] Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema” (HEIDEGGER, 2012, p. 12).

Tudo quanto podemos dizer e sentir da linguagem depende da experiência afetiva que fazemos dela. É por essa experiência que sentimos o mundo por ela. (COSTA, 2015).

Por meio das palavras das toadas, o brincante fala de sua relação com a natureza, com o divino, com as pessoas, com o mundo. Também, coforme foi refletido, as geograficidades são construídas na experiência com o concreto (a casa) e com o corpo (o miolo).

6.2 GEOGRAFICIDADES POR MEIO DOS RITUAIS DO BOI

O folguedo Bumba meu boi maranhense tem apresentação longa e ocorre no ciclo formado por meio das etapas: ensaios, batismo, apresentações e morte, nos quais rituais e lendas expressam o encontro dos brincantes com um universo de cores, movimentos, sons, lugares de devoção.

No Boi, o ensaiar, bendizer, brincar e morrer, é realizado com forte presença da religiosidade. No Boi da Maioba, entre os ensaios e o batismo, ocorre o levantamento do mastro no dia 13 de junho. Apesar de o mastro ser levantado no dia de Santo Antônio, a homenagem e agradecimento são para São João. De acordo com a senhora Vitória, bordadeira do Boi da Maioba, o levantamento do mastro é tradição em agradecimento dos brincantes pelas graças alcançadas e porque São João anunciou o nascimento do menino Jesus. A (foto 42) retrata o enfeite do mastro; na foto a, os brincantes enfeitam o mastro; a foto b mostra a bênção com a presença do casal de padrinhos do Boi e pessoas da comunidade e, na foto c, a imagem é do momento da reza envolta ao altar com a imagem de São João.

O levantamento do mastro tem relação com a lenda de São João e é resultante do catolicismo popular formado a partir do encontro das expressões religiosas dos povos que formaram a etnia maranhense e, que resultou no aparecimento de lendas e mitos presentes no Boi, conforme já apresentamos. Santos (2009, p. 61) atribui o aparecimento desse catolicismo popular “[...] às irmandades religiosas que se configuravam como associações de fies para cultuar determinados santos, erguendo altares e realizando festas e procissões”.

FOTO 42 – PAISAGENS DO LEVANTAMENTO DO MASTRO (A ENFEITE DO MASTRO; B- REZA; C- BENÇÃO DO MASTRO)



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Além da devoção a São João, os brincantes festejam o dia de São Pedro com a Alvorada do Boi no dia 29 de junho e São Marçal com o encontro dos Bois de Matraca, em São Luís, no João Paulo no dia 30 de junho. A (foto 43) mostra brincantes e simpatizantes na festa de São Marçal.

FOTO 43– FESTA DE SÃO MARÇAL



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

No que se refere aos ensaios, essa etapa é o encontro dos responsáveis por botar⁵⁶ o Boi, no caso representado pelo Amo, com as pessoas da comunidade em geral. É o momento de apresentar as toadas e de definir alguns papéis para a encenação do auto nas apresentações nos arraiais. Regado por bebidas e comidas tipicamente maranhenses, como a cachaça, o ensaio é muito mais um encontro para rever os amigos do que definição de estratégias.

Algumas datas são importantes para o ensaio do Boi. O sábado de aleluia marca o início dos ensaios e o dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, o ensaio redondo ou o final. No entanto, com o caráter inovador instaurado nos grupos de Boi, ultimamente, essa é uma situação que tem sido modificada. Comumente, ocorre ensaio após o dia 13 de junho, além de que os espaços usados para o referido são desde o barracão, a praça e/ou outros espaços particulares ou públicos. Em nossas

⁵⁶ Termo usado para indicar a organização do Boi para seus ciclos.

observações no Boi Rama Santa e Maioba, verificamos que o ensaio é um treino do grupo quanto ao aprendizado das letras das toadas e coreografias, bem como o de reforçar ao grupo a necessidade do respeito entre todos em função de preservar o nome da brincadeira.

A foto 44 mostra em sua composição três momentos do ensaio do Boi Rama Santa: A foto a mostra o cantador com o apito e o maracá e o grupo de brincantes que fazem parte da percussão, preparados para tocar; na foto b as jovens ensaiam as coreografias das danças indígenas e, na foto c, os homens se confraternizam antes do início do ensaio:

FOTO 44 – ENSAIO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

O ensaio do Boi da Maioba (foto 45) apresenta dois aspectos bem característicos. Na (foto A), a figura do Boi que se apresenta nos ensaios, porém sem o couro e, na (foto B), a presença de matraqueiros e pandeireiros agregados que utilizam o momento dos ensaios para brincarem. Dificilmente, esses brincantes acompanham o Boi nas apresentações.

FOTO 45 – ENSAIO DO BOI DA MAIOBA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

O batismo (foto 46) define a passagem do barracão para o público, e é por meio do batismo ou da reza que ocorre a aproximação com o sagrado, dando condições ao Boi de mediador do pagamento da promessa aos santos católicos.

No Boi da Maioba, o batismo é sempre realizado no dia 23 de junho, na sede do Boi. É o ritual que concentra o maior número de pessoas, pois coincide com a festa de São João Batista, padroeiro do local. A igreja fica ao lado da sede do Boi, no espaço do Viva Maioba.

FOTO 46 – PAISAGENS DO BATISMO DO BOI DA MAIOBA (A- CONCENTRAÇÃO DAS PESSOAS; B- O BOI E A BURRINHA; C- A BENÇÃO DOPADRE)



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2014)

O ritual segue as etapas apresentadas: os brincantes dançam embalados pelas toadas, juntamente, com o público. Por volta das 23 horas, o diretor de eventos solicita que todos se aproximem dos Bois, agradece a presença de todos, citando o nome das comunidades próximas; agradece a presença dos padrinhos e

do padre. Após falar o nome dos padrinhos⁵⁷, o padre inicia o ritual do batismo com palavras sobre a importância do evento; depois vem a ladainha e, posteriormente, o batismo, com uso de velas e imagem de São João Batista. Os três Bois e as duas burrinhas ficam dispostos sobre uma mesa, sem os couros. Próximos ao Boi são posicionados bolos enfeitados, que serão distribuídos aos presentes.

Nesse momento, são entoados cânticos em homenagem a São João Batista ao som das matracas e palmas. Muitos foguetes são soltos. Após o ritual, o diretor, novamente, dirige-se ao público agradecendo a presença de todos, lembrando que o Boi, agora, está abençoado, que é “adulto” e está pronto para brincar e convida os presentes a permanecerem no evento. Novamente, as toadas são cantadas e o Boi brinca.

No Boi Rama Santa, é realizada uma reza no barracão do Boi que fica no quintal da casa do Amo do Boi, ou em barracão alugado. A reza é feita pelos brincantes, antes da viagem para São Luís. O Batismo realizado na porta da igreja São João Batista em Cururupu somente é feito em julho, quando o grupo organiza arraial próprio. A (foto 47) retrata os elementos simbólicos usados no momento do batismo: no centro do altar dentro da flor, está a imagem de São João, na parte de baixo da foto, em frente à figura da onça, os Bois.

⁵⁷ Na Maioba, tem um casal de padrinhos da comunidade e outro do meio político.

FOTO 47 – ALTAR DO BATISMO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: ACERVO ASSOCIAÇÃO DO BOI RAMA SANTA (2016)

Período mais longo de todo o ciclo do Boi, as apresentações não têm, atualmente, um espaço temporal definido, haja vista os diferentes grupos atenderem tanto ao período oficial (organizado pelo Estado e Município de São Luís), cujo período, geralmente, inicia em meados de junho indo até o dia 30, quanto aos compromissos de apresentações particulares em seus lugares de origem (bairros da capital e Municípios) que, dependendo do grupo desde o mês de maio ocorre apresentações, como o Boi da Maioba.

Abençoado, o Boi está pronto para brincar. O Amo chama: vamos reunir, vamos guarnecer. Entoados, o apito e o maracá dão o aviso do “Lá Vai”. O Amo canta sozinho e depois acompanhado por meio das matracas e pandeiros clamam pelo movimento do corpo. No Costa de Mão, os tocadores de pandeiro entram na roda junto com o Amo, tocam e cantam sem sair do lugar. A (foto 48) mostra os marujos do Boi Rama Santa. Na foto (A) é evidenciado o instrumento caixa e na foto (B) os pandeiros.

FOTO 48 – OS MARUJOS DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Ao observar as índias, o que se vê é graciosidade, é vivacidade e energia em repetidos movimentos e molejo nas pernas com singular demonstração de

domínio espacial e organização. No Boi da Maioba, o movimento é lento. A (foto 49) mostra as índias mirins do Boi da Maioba, no arraial do Batuque:

FOTO 49 – CRIANÇAS DO BOI DA MAIOBA NO ARRAIAL DO BATUQUE EM SÃO LUÍS/MA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Também, no Boi Rama Santa, muitas crianças acompanham os pais na brincadeira. Na composição da (foto 50), a (foto A), retrata as meninas e, na (foto B), retrata os meninos, devidamente, caracterizados com as indumentárias e símbolos como a vara do vaqueiro, maracá e o Boi.

FOTO 50 – CRIANÇAS DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

No Boi de matraca tanto os caboclos de pena como as índias trajam belas indumentárias, sendo estas determinantes para evolução da coreografia. O caboclo de pena faz demonstração de força, tanto corporal como dramática.

No Boi Costa de Mão, o movimento é mais saltitante e com coreografia especial com o Boi. A índia guerreira e o Boi apresentam coreografia no mento em que o Amo canta a toada à capela em perfeita sintonia, causando admiração junto ao público. A (foto 51) mostra a coreografia da índia Juniana e o Miolo Joelson.

FOTO 51 – COREOGRAFIA DA ÍNDIA GUERREIRA DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

É significativa a presença de crianças e mulheres nos grupos estudados. As crianças em função de promessas e as mulheres em virtude do acompanhamento dos maridos ou filhos na brincadeira. Consideradas as “mutucas” do Boi no passado, atualmente as mulheres exercem papel na diretoria das Associações bem como personagens que antes eram representadas somente por homens. No Boi da Maioba tanto mulheres adultas como jovens representam personagens (Índias, Cabocla de fita). No Boi Rama Santa, as mulheres adultas brincam com dois tipos diferentes de indumentárias (foto 52) com identificação do Boi, porém não é representação de personagem.

FOTO 52 – MULHERES BRINCANTES DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

Mesmo considerado como ritual que encerra o ciclo de apresentação do Boi, a morte simboliza para a maioria dos brincantes a continuidade, pois a partir da morte, o grupo inicia a organização para o ressurgimento do Boi novamente. É um paradoxo do tempo, o Boi morre para ressuscitar no outro ano.

A morte é o momento de agradecimento às graças concedidas, da renovação da fé. No período da organização da morte dos Bois que estudamos foi possível perceber doações de pessoas para a organização da festa. Também

marca o momento da despedida dos que estão mais próximos do “botar” e “brincar” o Boi. No Boi da Maioba é sempre realizada na última semana de julho. Maioba é o primeiro Boi que sai e o primeiro que morre. Porém, mesmo após a morte, o Boi da Maioba ainda brinca em festas particulares ou mesmo por contrato. No Boi Rama Santa é sempre em setembro. Sobre a organização da morte do Boi Rama Santa, Juniana, relatou:

No primeiro dia é para organização, vem o pessoal do interior; no segundo dia, é para fazer as comidas, o bolo, tem muito trabalho e, à noite, tem o guarnicê do Boi que dura a noite toda, amanhecemos na rua. Aí, já é o terceiro dia que inicia com o cortejo na cidade, algumas pessoas oferecem café da manhã para o Boi, é pagamento de promessa. O Boi vai recebendo os galhos de flores que significam promessas e o miolo tenta esconder o Boi, ele esconde o Boi. Voltamos para o local da morte sem o Boi para o café da manhã, depois, os brincantes retornam para suas casas e, no final do dia, tem o resgate do Boi para ir ao mourão e o matadouro, para nós configura o auto, em outro momento não tem auto. Durante os dias do ritual da morte, colocamos um altar para São João na porta do local onde é realizada a morte, mas tem outros santos também. Após a morte, tem a nossa confraternização com o jantar, repartição do bolo e, no quarto dia, tem o mocotó. É muito bonito, mas é triste, porque nos separamos. (JUNIANA, BOI RAMA SANTA).

O relato de Juniana apresenta detalhes vivenciados durante a observação da morte em Cururupu. A composição da (foto 53) retrata na (foto A) a organização dos alimentos para os três dias de festa como o corte e tempero da carne e a preparação do bolo; na (foto B), mesa pronta para o café da manhã, após a escondida do Boi.

FOTO 53 – ORGANIZAÇÃO DA MORTE DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

As paisagens da (foto 54) retratam as mulheres (foto a) e homens (foto b) na caminhada e escondida do Boi através das ruas de Cururupu em companhia de várias pessoas. Esse momento é o da fuga ou escondida do Boi, para não ser pego pelo Pai Francisco.

FOTO 54 – PAISAGENS DA MORTE DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Enquanto foge o Boi acuado e ficando cada vez mais sozinho, recebe vários galhos de plantas com flores dos moradores que simboliza as promessas (foto 55)⁵⁸

⁵⁸ A foto mostra seis Bois com galhos e flores, porém somente três são do Boi Rama Santa, os outros Bois são de outras brincadeiras que estavam realizando o ritual da morte no mesmo final de semana e realizando a escondida no mesmo momento.

FOTO 55- O BOI NA CAMINHADA PARA A ESCONDIDA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

A morte é, também, outro momento de grande evidência entre o Boi e a religião católica. Essa evidência é mostrada no altar para São João (foto 56), no qual outras imagens como a da Virgem Maria e Nossa Senhora da Conceição, são destaques. O chapéu que o Amo usa durante as brincadas está pendurado no altar. Orações, toadas e danças fazem parte noite da morte. Assim como, falas de agradecimentos aos santos e à comunidade. Convidados especiais apresentam seus depoimentos.

FOTO 56 – ALTAR PARA SÃO JOÃO



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

Após a dança na roda, o Boi é levado ao matadouro (foto 57), preparado com o bolo, Pai Francisco está vestido de preto. O convidado que matará o Boi é chamado, levando o vinho que representa o sangue. É um momento de grande respeito, os brincantes se organizam em uma grande roda e sentados. Significativo número de pessoas.

FOTO 57 – MATADOURO DO BOI RAMA SANTA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2015)

No Boi da Maioba, as etapas são similares, porém com a particularidade de que a Maioba tem seu espaço próprio, no qual organiza um grande arraial, com programação divulgada por meio da mídia e com apresentações de outros grupos de Boi e de outras expressões culturais do folclore maranhense. A organização inicia com a substituição do mastro ofertado a São João no início do ciclo pela colocação do mourão da morte. São três dias de duração e o Boi morre no primeiro dia, depois ocorre a morte das burrinhas. A foto (58) tem a composição do arraial organizado no Viva Maioba.

FIGURA 58 – ARRAIAL DA MORTE DO BOI DA MAIOBA



FONTE: GONÇALVES, L.F.L. (2014)

Conforme exposto, o ciclo é formado por diferentes rituais. Esses momentos constituem-se na grande festividade do Bumba-meu-boi. São momentos de reafirmar compromissos e laços de solidariedade. Apesar de acompanhar o calendário católico popular, as festas desse ciclo refletem a riqueza sincrética da

religiosidade maranhense. O espírito sagrado da festa é tanto pelos santos católicos, como pelos encantados dos Terreiros de Mina.

Para além dos trabalhos desenvolvidos em cada etapa, a tradição em executá-las é que dá significatividade ao grupo e à festa. Esses rituais oferecem espaços a crianças, jovens, idosos, homens e mulheres, políticos e gente do povo a festejar, festejar com fé, com a alegria de poder compartilhar, tanto com amigos como quanto com o santo, a felicidade por uma graça recebida, conforme afirmam os brincantes.

A figura (20) tem em sua coroa as geograficidades constituídas na vida fática a partir da referencialidade, cotidianidade, familiaridade, significatividade e proximidade, sendo estas instituidoras de sentidos do “brincar” o Boi.

FIGURA 20: SENTIDOS DE “BRINCAR” O BOI



DESENHO: WESLEY ALMEIDA
ORG.: GONÇALVES, L.F.L. (2016)

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As geograficidades dos brincantes revelam que a Geografia se faz no real, no próximo e no banal, nos lugares nos quais se percebe e vive o mundo como ele é. Nesse entendimento, a Geografia que foi apresentada nesta pesquisa é a das pessoas que possuem o conhecimento do Bumba meu boi por suas relações com o lugar, com base dos acontecimentos da vida em particular de cada um.

Nossa compreensão é de que, a leitura de mundo, a partir do que Dardel (2011) cunhou como “geograficidade primordial”, carece de interpretações conceituais do nível de experiência do grupo estudado com o seu mundo circundante.

Ao estabelecer o contato com os sujeitos por meio das entrevistas, observação participante e os mapas mentais, percebemos os sentimentos de amizade, devoção e respeito à cultura no âmbito mais próximo do grupo e que às vezes encontra na realidade social, econômica e política, o desafio em continuar. Sobressaem nas falas, nos gestos e no fazer dos brincantes particularidades das geograficidades de como se constrói o sentimento de pertencimento, pelo qual emerge o reconhecimento como identidade e tradição.

Essas abrangências se projetam nas possibilidades que o “ser-no-mundo” encontra no Boi, pois o mesmo se mostrou como lugar da esperança para os problemas sociais como as drogas e a violência, como lugar seguro para o divertimento, para a renovação de fé, o encontro com os amigos, o sustento e a união da família, bem como serem atores participantes do Boi Patrimônio, quando viajam a São Luís e representam o Sotaque Costa de Mão no caso do Boi Rama Santa, quando são aguardados nos arraiais ou quando arrastam centenas de pessoas na Avenida São Marçal, no caso do Boi da Maioba. Guarnecer tocar, dançar, compor, bordar, fazer a festa, ser protagonista do Patrimônio. São esses os sentidos de brincar o Boi.

Nas relações estabelecidas com a pesquisa, adentramos nas particulares dos sujeitos integrantes dos dois grupos de Boi. O Boi, enquanto expressão do “ser-no-mundo” reflete sua essência nas particularidades evidenciadas e, assim, suas vontades, caminhos e descaminhos estão presentes no Boi.

A festa do Bumba meu boi é um momento de confraternização, de união. A comunidade se envolve, trabalha com alegria. Fugir do dia a dia, envolver-se, representar, viver a magia do ser e estar junto, são sentimentos que afloram com a festa. O papel que cada um desempenha é importante, mesmo que realizada de forma hierárquica. Em suas tarefas os sujeitos sentem-se valorizados. Sabem que os espectadores esperam o ritual. O momento da despedida traduz tristeza, mas também a realização.

Os mapas mentais analisados constituem a memória da festa do Boi, pois revelam tempo e lugar, verificados nos ícones, nas letras, nas especificidades, a exemplo da morte do Boi Rama Santa, desenhados por Juniana e Luiza e, também, da presença de quem participava do Boi, a exemplo de Vitória que usa sua residência para bordar.

Portanto, a dimensão entre lugar e geograficidades, a partir da experiência com o Boi, ocorre por meio da compreensão de que o Boi é a possibilidade pela qual o mundo se apresenta. A festa oferece em seus ciclos elementos reais da vida nos quais sentimentos de alegria, união, segurança podem ser percebidos.

Compreendo que a abordagem fenomenológica foi relevante neste estudo, sobretudo pela representatividade dos dois grupos de Boi na cultura maranhense, evidenciando o contexto cotidiano dos brincantes e as nuances do sentido de brincar o Boi. Finda esta pesquisa com o desvelar dos Bois Rama Santa e Maioba, e vislumbram-se outros horizontes, suscitando outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **O “urrou” do Boi em Atenas**. Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Campinas: UNICAMP, 2004.
- AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. 2. ed., São Luís: Alumar, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESS, Jena-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In.: DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.112-138.
- BOURDIEU, P. Argélia na Mira. (entrevista). **ZUM**. Revista de Fotografia. Instituto Moreira Sales, abril 2013. p.160-177.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. 2.ed. São Paulo: Difel, 1985.
- CABRAL, M. do S. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.
- CARVALHO, Daniel Cunha de. **Aqui o meu boi vai urrar!** Uma leitura espacial do bumba-meu-boi na cidade de São Luís (MA). Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEU/UFF, 2009.
- CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.
- _____. Paul. **Epistemologia da Geografia**: tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- COSTA, Vincenzo. **Heidegger**. Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.
- CORDOVIL, Daniela Corrêa dos Santos. **Etnografia, Modernidade e Construção da Nação**: Estudo a partir de um Culto Afro-Brasileiro. Tese (Doutorado). PPG em Antropologia. Brasília: UNB, 2006.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica (Primeira edição 1952); Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE PAULA, Fernanda Cristina. **Constituição do Habitar**: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Campinas: UNICAMP, 2010.

FILIZOLA, Roberto. *Duelo na Fronteira: Entre a Redimensão de uma Nova Espacialidade e a Construção de uma Identidade de Resistência*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2014.

FRANCK, Didier. **Heidegger e o problema do espaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

FURNALETTO, Beatriz Helena. *Paisagem Sonora do Boi-de-Mamão no Litoral Paranaense: A Face Oculta do Riso*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2014.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 27 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1998.

GOMES, Paulo Cesar da Costa **O lugar do Olhar**. RJ: Ed.Bertand Brasil, 2013.

_____. Cenários para a Geografia: Sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. RJ; EdUERJ, 2008. p. 187- 209.

HEIDEGGER, Martin. **Carta Sobre o Humanismo**. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 1987.

A Origem da Obra de Arte. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Ser e Tempo**: Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1988, p.6.

_____. **A Caminho da Linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo, 2012.

_____. **Ontologia** (Hermenêutica da faticidade). Tradução Renato Kirchner. 2 ed. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2013

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro: ano 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Revista Território**. Rio de Janeiro: ano II, nº 3, p. 77-85, julh./dez. 1997.

_____. **Geografia humanista**: Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição comemorativa, 1993-2008, p.137-147.

_____. A influência de Eric Dardel na Construção da Geografia humanista Norte Americana. In: **Anais...** XVI Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG): crise, práxis e

autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos. Porto Alegre: AGB, 2010.

_____. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-153.

IPHAN. Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão: dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. São Luís: Iphan/MA, 2011.

KOZEL, Salete. Mapas Mentais - Uma Forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Org.) **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução Teórica da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo. Terceira Imagem: 2007. p. 114–138.

KOZEL, Salete; Souza, Lucileyde Feitosa. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Expedição Amazônica: Desvendamento espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas**. A festa do boi-bumbá: um ato de fé. Curitiba. SK editora: 2009, p. 117, 143.

LAROUSSE. **Dicionário da Língua Portuguesa** – Paris: Larousse. São Paulo: Ática, 2001, p. 927.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, S. LUGAR E MAPA MENTAL: UMA ANÁLISE POSSÍVEL. **Revista Geografia**, v. 18, n. 1, p. 207-231, jan./ jun. 2009. Londrina. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>>. Acesso em: 5 out. 2012.

MARCONI Marina de Andrade; LAKATOS Eva Maria. Metodologia Científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARANHÃO. Fundação cultural. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memórias de velhos - Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense**. São Luís: Lithograf, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia Fenomenológica: em busca da experiência. **Revista Terra Livre**, v. 2, n. 25, ano 21, p.67-79, jul-dez/ 2005. Disponível em: WWW. Agb.org.br/publicações/index. php/terralivre/article. Acesso: em set. 2014.

_____. **Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia**. In: Encontro nacional de história do pensamento geográfico, 2, 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/eduardo-marandola.pdf>>. Acessado em: set. 2015.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Edue: Londrina, 2013.

MARTINS, Arinaldo. Os produtores intelectuais do bumba-meu-boi. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore - CMF**, São Luís: CMF, n. 26, p. 4-7 ago., 2006.

MARTINS, José Reinaldo. A reinvenção de azulejar em São Luís. In: **São Luís 400 anos**. O Estado do Maranhão. Edição Especial, São Luís: O Estado do Maranhão, 8 de setembro de 2012, p. 25-28.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999. Disponível em: < <http://terrabrasileira.net/folclore/regiões>>. Acesso em 10 de ou. 2012.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: SILVA, Aldo. A. da; GALEANO, Alex (orgs.). **Geografia Ciências do Complexus: Ensaio Transdisciplinares**. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 209-233.

PACHECO, Gustavo. O Bumba meu boi de Cururupu. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore - CMF**, São Luís: CMF, n. 17, p.2 ago., 2000.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A Geografia de Yi-Fu Tuan: **Essências e Persistência**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo: USP, 2013.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MORANDOLA, JR.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p.17-32.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro. 1995.

SANTOS, Nilce Helena Marques. **A Identidade discursiva das toadas do Bumba-meu-boi da Maioaba**. Dissertação (Mestrado). PPG em Linguística. UFCE. Fortaleza: 2009.

SAMAIN, Etienne. **Como Pensam as imagens**. Campinas, Ed. Unicamp, 2012.

SANCHES, Abmalena Santos. **O Universo do Boi da Ilha: um olhar sobre o bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Recife: UFPE, 2003.

SANCHES, Abmalena Santos. **É de fé e devoção o brinquedo da Ilha: a religiosidade no bumba-meu-boi**. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore – CMF, agosto, 2003. nº 26, p.8 a 11. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/0eb5cdb12fd7566a16925b7b9fd45104.pdf>. Acesso em out. 2009.

SARAMAGO, Lígia. **A topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

_____. Como Ponta de Lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MORANDOLA, JR.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 193-225.

_____, Lígia. O espaço em Heidegger. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-espaco-em-heidegger-por-ligia-saramago-156470>>. Acessado em: 23 abr. 2015.

SAURA, Soraia Chung. **Planeta de Boieiros**: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba-meu-boi. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: USP, 2008.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Ritmos da Identidade**: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2007.

SILVA, Gisélia Castro. **Cultura popular e poder político no maranhão**: contradições e tensões do bumba-meu-boi no Governo Roseana Sarney. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: UFMA, 2008.

SILVA, Wagner de Sousa e. **O Bumba-Meu-Boi e as representações simbólicas nos Espaços de conflitos**: “centro x periferia” na Cidade de São Luís – MA (1890-1920). Revista Historiar, Sobral, ano 2, n. 1, p. 155-172, 2010. Disponível em: <http://www.uvanet.br/revistahistoriar/janju2010/00_capa.pdf>. Acesso em: 03 set. 2012.

TEIXEIRA, Maisa França. As Representações Espaciais/Simbólicas e os Sentidos do Lugar da Festa do Boi -à -Serra em Santo Antônio do Lerverger/MT. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2016.

TORRES, Marcos Alberto. Da Paisagem Sonora à Produção Musical: Contribuições geográficas para o estudo da paisagem. **Revista Geografar**, v. 5, n.1, p. 46-60, jan.jun. 2010. Disponível em www.ser.ufpr.br/geografar. Acesso em 20 de out. 2012.

_____. **Os Sons que unem**: A paisagem sonora e a identidade religiosa. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR. 2014.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 164.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Eduel: Londrina, 2013.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger.** Tradução: João Gama. Lisboa. Edições 70, 1987.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O Bumba meu boi como fenômeno Estético.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 2006.

ANEXO 01 Termo de Consentimento do Boi da Maioba

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa está sendo realizada pela Senhora LUCILÉA FERREIRA LOPES GONÇALVES aluno do doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Maranhão (PPGEO), como tese de doutorado, sendo orientada e supervisionada pela professora Dra Salete Kozel Teixeira.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente respeitadai, podendo ser contestada, caso possa identificar no manuscrito final da Tese, qualquer afirmação não concordante com sua participação nessa publicação e em publicação posterior sobre esta pesquisa.

Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em quaisquer danos para sua pessoa. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões investigadas, o que no futuro, poderão ser usadas em benefício de outros.

TEMA DA PESQUISA: ENTRE SOTAQUES, BRILHOS E FITAS: TECENDO A GROGRAFICIDADE DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA NO MARANHÃO.

OBJETIVO: Compreender à luz das experiências dos sujeitos em seus lugares, a geogrficidade dos Bois Rama Santa e Maioba

PROCEDIMENTO: A pesquisa de campo constitui as seguintes fases: Observação das atividades festivas, o que implica na pesquisadora acompanhar do trabalho na organização da festa do Boi, bem como nas etapas do ensaio. Batismo, apresentação e morte do Boi. Aplicação de questionário e entrevistas. Também, será solicitado um Mapa mental.

SUA PARTICIPAÇÃO: Consiste em conceder entrevistas e facilitar o trânsito da pesquisadora entre os membros da brincadeira do Boi, bem como autorizar o uso das imagens do Boi. Após a conclusão da pesquisa, prevista para abril de 2017, a Tese contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição para consulta na acervo *on line* d na Universidade Federal do Paraná e no banco digital de teses e dissertações da Capes. V.S. terá a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo em qualquer momento da pesquisa.

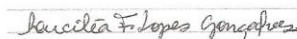
Agradecemos sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribuiu para a construção de um conhecimento atual na área.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu José Inaldo Ferreira, (Presidente da Associação Folclórica Benficiente Bumba-Boi da Maioba) portador do RG nº _____ SSP- _____ autorizo a utilização, nesta pesquisa, de entrevista por mim concedida e observação da festa do Boi e a aplicação do questionário e entrevistas da pesquisa, junto aos brincantes.

Imperatriz, 13 /05/2014


Prof.ª. Dra. Salete Kozel Teixeira.

Orientadora



Doutoranda do PPGEO-UFR


José Inaldo Ferreira

(Presidente da Associação Folclórica Benficiente Bumba-Boi da Maioba)

ANEXO 02 Termo de Consentimento do Boi Rama Santa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa está sendo realizada pela Senhora **LUCILÉA FERREIRA LOPES GONÇALVES** aluno do doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Maranhão (PPGEO), como tese de doutorado, sendo orientada e supervisionada pela professora Dra Salete Kozel Teixeira.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente respeitada, podendo ser contestada, caso possa identificar no manuscrito final da Tese, qualquer afirmação não concordante com sua participação nessa publicação e em publicação posterior sobre esta pesquisa. Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em quaisquer danos para sua pessoa. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões investigadas, o que no futuro, poderão ser usadas em benefício de outros.

A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que, qualquer outra informação que V.S. desejar, poderá ser fornecida pelo aluno-pesquisador ou pelo professor orientador.

TEMA DA PESQUISA: ENTRE SOTAQUES, BRILHOS E FITAS: TECENDO A GEOGRAFICIDADE DOS BOIS RAMA SANTA E MAIOBA NO MARANHÃO.

OBJETIVO: Compreender a luz das experiências dos sujeitos em seus lugares, a geofricidade dos Bois Rama Santa e Maioba.

PROCEDIMENTO: A pesquisa de campo constitui as seguintes fases: Observação das atividades festivas, o que implica na pesquisadora acompanhar do trabalho na organização da festa do Boi, bem como nas etapas do ensaio, Batismo, apresentação e morte do Boi. Aplicação de questionário e entrevistas. Também, será solicitado um Mapa mental.

SUA PARTICIPAÇÃO: Consiste em conceder entrevistas e facilitar o trânsito da pesquisadora entre os membros da brincadeira do Boi sem remuneração, bem como autorizar o uso das imagens do Boi.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para abril de 2017, a Tese contendo todos os dados e conclusões, estará à disposição para consulta na Biblioteca da Universidade do Paraná assim como no acervo *online* d na Universidade Federal do Paraná e no banco digital de teses e dissertações da Capes. Vossa Senhoria terá a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo em qualquer momento da pesquisa.

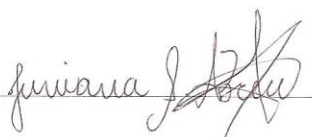
Agradecemos sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribuiu para a construção de um conhecimento atual na área.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, Eu JUNIANA SANTOSABREU, 1ª secretária da Associação cultural e Recreativa Rama Santa, autorizo a aplicação desta pesquisa na mesma.

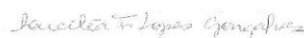
Imperatriz, 14 de maio de 2014


Profª. Dra. Salete Kozel Teixeira.

ORIENTADORA


JUNIANA SANTOS ABREU

(1ª secretária Associação cultural e Recreativa Rama Santa)


Doutoranda-PPGEO-UFPR